

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

André Silveira Gomes

“PORTELA QUERIDA ÉS TUDO NA VIDA PRA MIM”
o “ser portelense” e suas múltiplas experiências de pertencimento

Belo Horizonte
2025

André Silveira Gomes

**“PORTELA QUERIDA ÉS TUDO NA VIDA PRA MIM”
o “ser portelense” e suas múltiplas experiências de pertencimento**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Silvio Ricardo da Silva

Coorientadora: Prof.^a Ângela Bretas

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de Lazer.

Belo Horizonte
2025

G633p Gomes, André Silveira
2025 “Portela querida és tudo na vida pra mim” o “ser portelense” e suas múltiplas experiências de pertencimento [recurso eletrônico] / André Silveira Gomes. – 2025.
1 recurso online (136 f. : il.) : pdf.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva
Coorientadora: Ângela Bretas

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Inclui bibliografia.

1. Escolas de samba – Teses. 2. Samba – Teses. 3. Carnaval – Teses. 4. Identidade – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Bretas, Ângela. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 316.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

ATA DA 206ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO

ANDRÉ SILVEIRA GOMES

Às 15h00min do dia 21 de março de 2025, reuniu-se no Mini Auditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "PORTELA QUERIDA ÉS TUDO NA VIDA PRA MIM" o "ser portelense" e suas múltiplas experiências de pertencimento", requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Profa. Dra. Angela Brêtas Gomes dos Santos (Coorientadora)	X	
Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)	X	
Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 21 de março de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)

Profa. Dra. Angela Brêtas Gomes dos Santos (Coorientadora)

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV)

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 31/03/2025, às 21:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Victor Andrade de Melo, Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 23:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Brêtas Gomes dos Santos, Usuário Externo**, em 01/04/2025, às 20:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Usuário Externo**, em 08/04/2025, às 21:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4065615** e o código CRC **91B39B61**.

Dedico este estudo ao meu filho e ao meu pai!
“o meu medo maior é o espelho se quebrar”

AGRADECIMENTOS

Agradecer neste trabalho é uma tarefa extremamente difícil, pois muitas “mãos” me ajudaram a construí-lo, tudo que está aqui é fruto de um esforço coletivo de pessoas que eu devo, acima de tudo, minha fidelidade e amor incondicional!

Primeiramente à minha família, minha base, minha fortaleza! Aqueles que estão sempre comigo! Meu filho João Francisco (a razão de tudo isso) e minha esposa companheira Renata, fiel escudeira de longa data, obrigado por tudo e por tanto! Obrigado pelo seu amor, carinho e paciência, muita paciência! Muita mesmo! (rsrs)

Ao meu amado pai, Paulo (*in memoriam*) do qual eu tenho muita saudade! A minha grande sustentação de vida, minha maior referência!

Aos meus saudosos e queridos avós, Cida e sr. José Expedito (*in memoriam*) pela minha formação, vocês foram um grande pilar em minha vida! Muito obrigado por tudo!

Ao meu irmão Wanderson, sobrinha Gabrielle e cunhada Raquel! Obrigado pelas diversas acolhidas no Rio de Janeiro durante todos esses anos. Obrigado também pelas caronas até a quadra da Portela, foi fundamental!

Ao meu irmão Paulo, pelas trocas de ideias e compartilhamentos! Agradeço também a cunhada Renata e sobrinhas Clarice e Cecília! Vocês também formam essa base!

Ao Silvio, mais que um orientador, um amigo de verdade, um pai e sempre um irmão! Me resgatou 12 anos depois para fazer este mestrado, continuou acreditando em minha capacidade mesmo após tantos anos de afastamento total desse universo acadêmico. Te agradeço pela amizade, pelas orientações, aulas e ensinamentos! Você é uma referência que carrego para a vida toda!

À minha coorientadora Ângela Bretas, que topou a árdua missão de me orientar neste estudo, mas acabou me acolhendo como um dos seus! Grande companheira do trabalho de campo! Estivemos juntos na Portela, na Mangueira, no Salgueiro e na

Sapucaí, instantes antes da Portela fazer a curva e entrar na avenida! Ajudei a amarrar sua fantasia! (Rsrs) Sou seu fã! Obrigado, querida!

Aos professores Victor de Andrade Melo e Bernardo Buarque de Hollanda pelo parecer na qualificação que foi fundamental no processo de construção deste estudo. Posteriormente pela participação na banca, contribuições extremamente importantes e valiosas! Valeu!

Aos entrevistados que tiveram uma contribuição extremamente valiosa na construção desta pesquisa. Sem vocês não seria possível!

Ao Tio Phil, o intelectual da periferia! Que nem considero mais como amigo, de tão irmãos que somos! Grande ajuda e inspiração durante toda a minha formação! Grande parceiro em diversas experiências no Rio de Janeiro e nas quadras das escolas de samba!

Ao amigo Luiz Nicácio, sempre presente na hora do aperto! Foi de fundamental importância para a minha entrada no mestrado, desde a construção do projeto, a atualização do lattes, estudos para a prova e tudo que eu precisasse! Acredita no meu potencial muito mais do que eu mesmo! Valeu, irmão!

Ao cumpade Yuri, valeu pelas dicas, pelas leituras e importantes contribuições neste trabalho! Foi fundamental! Nossos laços de amizade da UFMG estão se tornando raízes para a vida toda! Um salve para a cumadi Larissa e um abraço apertado para o pequeno Gabriel!

Ao TJ (Thiago José) um dos grandes companheiros de Rio de Janeiro, notável mangueirense! Muito do apreço que tenho pelo carnaval e pelas escolas de samba compartilho com ele desde muito tempo! Valeu também pelas importantes contribuições neste processo, além do empréstimo dos livros que foram fundamentais durante toda a escrita! Valeu!

Ao meu irmão Luciano Jorge, motivo de muito orgulho e inspiração, meu parceiro desde meus primeiros passos na UFMG em 2006. Posteriormente um grande companheiro no mestrado também. Você é o cabra!

Aos amigos do Pé de Cachorro Futebol Arte Cultura e Barbárie, desde 2006 estamos aí na luta por uma sociedade mais AWAY, um grande espaço de formação acadêmica, filosófica, antropológica, degustativa, intelectual e política! Em especial aos meus grandes irmãos, Luizim, Marlon, Maranhão, Saintclair, Pedro, Jean e Bocha!

Ao amigo / irmão Luiz Fernando, um cara que carrego no peito há muitos anos! Sempre admirei sua sensibilidade e lealdade aos encantamentos que a vida nos proporciona, grande inspiração que carrego! Estar com você é sempre rico em histórias! Esteve comigo em muitas experiências emblemáticas nas escolas de samba, na hospedaria da Glória, na Sapucaí, em blocos de carnaval, em sambas que fazemos na vida! “Madureira sobe o pelô!” Salve a Viradouro!

Aos amigos do bloco Pão Molhado, grande inspiração carnavalesca, grande inspiração de família, grande inspiração para a vida! É sempre bom dividir momentos com vocês. Obrigado pelos blocos, pelos esquentas, pelos sambas, pelas experiências no Rio de Janeiro! Abraço especial ao Sérgio, Cida, Gê (Tio Mico), Carlos (Tor), Aninha, Claudinha, Flavia, Tiago e Ronaldo (Gambá).

Aos amigos do Red Benz Samba Show, obrigado pela amizade de muitos anos, muito além de tocar samba com vocês, estar com vocês é muito bom! Muitas histórias, muitas resenhas! Salve Gui Pagode, Claudinho e Nega!

Aos amigos do GEFuT (os de hoje e os de ontem) pela amizade, parceria e presença constante em minha formação! Não sei o que seria de mim se não tivesse entrado no GEFuT em 2008. Cumprimentos especiais aos amigos Priscila, Luiza, Saldanha, Mauro, Marina, Caroninha, Bill (Briza), Iago e Junio.

Ao Fabinho pela amizade, ajuda constante (desde as dicas para fazer a prova) até a conselhos e compartilhamento de ideais de vida! Você é o 01.

Ao Danilo, um grande amigo que me salvou constantemente durante esse mestrado! Sempre presente, prestativo e paciente! Uma grande referência que a universidade, o GEFuT e a vida me presentearam. Ubuntu! Te levo para a vida, meu rei!

Aos meus companheiros de turma do mestrado! Os quais tive um grande prazer em dividir, não só as disciplinas, mas todas as conversas, risadas e afetividades! Carol, Isabella, Diego, Rafael e Poly!

Aos professores do PPGIEL, em especial à Flávia, Luciano, Helder, César, Cleber, José Alfredo, Ana Claudia e Elisangela. Vocês foram fundamentais em minha formação, jamais esquecerei!

Aos “véio do pet” pela amizade de longa data! Carol, Ginasta, Lud, Brisa, Ranucy (Silvia tb), Natachsa, Vitor, Cambará, João, Nay e Fê.

Ao amigo Daniel (Dan Dan) pela presença constante e fidelidade ao longos desses muitos anos, sei que sempre posso contar com você! Obrigado.

Aos queridos amigos da Escola Municipal Marina Vianna de Castilho, verdadeiros mestres que lidam com a labuta diária na importante missão de ensinar no interior da experiência da escola. Em especial a Juliane, grande incentivadora para a minha entrada no mestrado, Eunice, Cíntia e Mateus. Sem me esquecer dos meus queridos alunos, dos quais eu precisei me afastar em algumas ocasiões em função dos compromissos neste mestrado, obrigado!

Aos professores Janaína e Bruno, grande inspiração e referência que estão sempre comigo diariamente na rotina do exercício da Educação Física escolar.

Aos queridos amigos da Escola Municipal Professora Sueli Lima de Mello. Em especial ao diretor Emerson, que nunca mediu esforços para que eu pudesse ter condições de executar as ações deste mestrado. Devo muito a você diretor, te admiro muito também, parabéns e obrigado por toda a sua presença e dedicação! Aos meus queridos alunos e a comunidade do bairro Palmital!

Aos professores, amigos e alunos do Colégio Chromos. Em especial ao Diretor Carlos, uma grande referência com quem sempre aprendi muito ao longo dessa jornada como professor da educação básica, abriu as portas para a minha inserção profissional em um período muito complicado da minha vida, serei eternamente grato!

Agradecimento especial à minha amiga professora Renatinha, com quem compartilhei muitos anos de labuta profissional. Grande referência, obrigado pela amizade de sempre!

As Minhas tias paternas pela presença constante e profundo apoio desde sempre: Fátima, Alice, Letícia, Lídia, Liginha e Elisa.

Aos meus primos Euler e Núbia por compartilharem momentos em família tão importantes e especiais.

Ao tio / amigo / pescador Jorge, pela constante presença e dedicação, pelas inúmeras pescarias das quais temos muitas lembranças e histórias para contar!

Aos amigos pescadores Alfredo, Pezão e Leto.

Ao meu sogro Jarbas, cunhada Raquel e Sérgio. Obrigado por ajudarem a construir a nossa família, por todo o carinho conosco!

À minha sogra, Ejarbia (*in memoriam*) pela constante presença em nossas vidas, pelos ensinamentos, dicas e agradável companhia nas viagens que sempre fazemos pensando em você!

Ao meu tio Clevinho e tia Tenga, pela presença familiar constante, amizade, dicas, conselhos e companheirismo!

Aos padroeiros da Portela, Nossa Senhora da Conceição (Oxum) e São Sebastião (Oxóssi).

À FAPEMIG, pela bolsa.

À toda comunidade portelense, homens e mulheres que guardam a Portela como algo que simboliza a própria razão existencial!

*Portela é perfume da flor
É aroma no ar
Para sentir só basta saber respirar*

(Candeia)

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo compreender como se estabelece o pertencimento pela escola de samba Portela. De forma específica, buscou identificar as diferentes maneiras de pertencer que constituem e estruturam o ser portelense. Além disso, compreender os sentidos atribuídos ao pertencer à escola de samba Portela. E por fim, analisar possíveis relações desse pertencimento carnavalesco com o torcer no futebol. Optou-se pela abordagem qualitativa, de cunho exploratório e descritivo, com observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas. As observações aconteceram entre julho de 2023 e fevereiro de 2024 em eventos realizados na quadra da Portela (disputas de samba, ensaios e feijoada), ruas próximas, desfile oficial na Marquês de Sapucaí e a apuração do carnaval. As entrevistas foram realizadas com seis portelenses tendo como ponto de partida as categorias estruturadas por Pavão (2005). Os principais resultados revelam que o termo “torcer” (embora utilizado de forma natural) não aparentou ser capaz de abarcar as diferentes nuances que cercam a experiência carnavalesca, que é marcada por uma lógica identitária de comunidade suburbana, carregada por elementos de religiosidade e devoção. O torcer não direciona a ação das pessoas, embora seja possível identifica-lo em alguns momentos. A noção do ser portelense não se limita àqueles que frequentam a rotina da escola, identifiquei e categorizei diferentes formas que estruturam o “ser portelense”: Portelenses intocáveis, portelenses coletivizados, portelenses de fora e portelenses não praticantes. Em seguida, busquei capturar os elementos que dão sentido e significado a esse pertencimento fomentado. A simbologia é evidente e se destaca nas ações, representando a “razão de ser” e a identidade coletiva. A águia, o pavilhão, as religiosidades, os baluartes, os sambas imortais e os bairros de Oswaldo Cruz e Madureira foram as principais simbologias identificadas. Adiante, busquei compreender os significados do “ser portelense” com o intuito de revelar quais seriam os portelenses legítimos. Possuir vínculo sentimental e conhecer / fomentar os elementos históricos da agremiação são fatores básicos que os portelenses devem possuir. Ficou evidente que a noção do “ser portelense” não passa necessariamente pela vinculação territorial e/ou familiar. A rivalidade foi um tema recorrente, as escolas possuem uma relação harmônica na qual os conflitos não são explícitos. Em alguns momentos foi possível identificar rivalidades entre os apreciadores de diferentes escolas, mas percebi que se trata de ações isoladas e pontuais. É comum que as pessoas frequentem mais de uma escola sem que isso cause feridas na relação com sua escola de origem. Há um limite dessa aproximação que não aparentou se configurar enquanto um pertencimento duplo.

Palavras-chave: Portela; escolas de samba; carnaval; pertencimento; identidade.

ABSTRACT

This study aimed to understand how belonging is established within the samba school Portela. Specifically, it sought to identify the different ways of belonging that constitute and structure what it means to be a "portelense." Additionally, it aimed to comprehend the meanings attributed to belonging to Portela and, finally, to analyze possible relationships between this carnival-related belonging and football fandom. A qualitative approach was chosen, with an exploratory and descriptive nature, employing participant observation, field notes, and semi-structured interviews. Observations took place between July 2023 and February 2024 during events held at Portela's headquarters (samba song competitions, rehearsals, and feijoada gatherings), in surrounding streets, at the official parade in Marquês de Sapucaí, and during the carnival results announcement. Interviews were conducted with six Portela members, using categories structured by Pavão (2005) as a starting point. The main findings reveal that the term "fandom" (although naturally used) does not seem to encompass the different nuances surrounding the carnival experience, which is marked by an identity logic of a suburban community, deeply embedded with elements of religiosity and devotion. Fandom does not dictate people's actions, although it can be identified in certain moments. The notion of being a "portelense" is not limited to those who regularly participate in the school's routine. I identified and categorized different forms that structure the "portelense" identity: untouchable portelenses, collectivized portelenses, outsider portelenses, and non-practicing portelenses. Next, I sought to capture the elements that give meaning and significance to this cultivated sense of belonging. Symbolism is evident and stands out in actions, representing both the "raison d'être" and collective identity. The eagle, the flag, religious expressions, the veteran members (baluartes), the immortal sambas, and the neighborhoods of Oswaldo Cruz and Madureira were the main symbolic elements identified. Subsequently, I aimed to understand the meanings of "being portelense" to reveal what constitutes a legitimate member. Having an emotional bond and knowing/fostering the historical elements of the organization are fundamental factors that portelenses must possess. It became evident that the notion of being a portelense is not necessarily tied to territorial or familial connections. Rivalry was a recurring theme; while samba schools maintain a harmonious relationship in which conflicts are not explicit, occasional rivalries among supporters of different schools were observed. However, these appeared to be isolated and specific incidents. It is common for individuals to frequent more than one samba school without this harming their relationship with their primary school. Nevertheless, there seems to be a limit to this engagement, which does not configure a dual belonging.

Keywords: Portela; samba schools; carnival; belonging; identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura organizacional da Portela	42
Figura 2 - Faixas de Torcidas Organizadas na quadra da Portela	54
Figura 3 - Alas da comunidade se preparando para ensaiar na quadra da Portela ..	58
Figura 4 - Mapa do sambódromo da Marquês de Sapucaí e seus arredores	66
Figura 5 - A quadra da Portela vista do fundo	81
Figura 6 - Águia da Portela na quadra	84
Figura 7 - Águia da Portela na armação da escola para o carnaval de 2024	84
Figura 8 - Primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Portela	87
Figura 9 - Mestre Nilo Sérgio e seu ritual religioso antes do desfile	89
Figura 10 - Capela de Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião na quadra da Portela	90
Figura 11 - Bustos dos fundadores da Portela na entrada da quadra	94
Figura 12 - Um mangueirense na quadra da Portela	104
Figura 13 - Bateria Ritmo Feroz apreciando a apresentação da bateria da Portela	106
Figura 14: Os casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela e da Porto da Pedra dançam juntos em um evento na quadra da Portela	107
Figura 15 - União de duas bandeiras na quadra da Portela	107
Figura 16 - Torcida Organizada Guerreiros da Águia na Marquês de Sapucaí durante um desfile da Portela	114
Figura 17- Alegria e tristeza após a apuração do carnaval de 2024	117

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - EXPERIÊNCIAS DE UM PORTELENSE DE BELO HORIZONTE	14
Diálogos importantes: A identidade na Portela	18
Outras dinâmicas: extrapolando a noção de comunidade:	27
Portela: Importante tema de estudo suburbano	29
Desfile metodológico.....	31
CAPÍTULO 2 – O “SER PORTELENSE” E SUAS DIFERENTES FORMAS ESTRUTURANTES	40
2.1 - Portelenses “intocáveis”	40
2.2 - Portelenses coletivizados	49
Torcidas Organizadas	49
Alas da comunidade	54
Coletivos organizados.....	58
2.3 - Portelenses de fora	61
Eventos na quadra.....	63
Arquibancada da Sapucaí - “Portela na avenida”	65
Alas comerciais	71
Consulados da Portela	73
2.4 - Portelenses não-praticantes?	77
CAPÍTULO 3 – SENTIDOS E SIGNIFICADOS – O “SER PORTELENSE”, O TORCER, A RIVALIDADE E O COMPANHEIRISMO.....	80
3.1 – Simbologias na Portela	80
Águia altaneira	82
O pavilhão	85
Religiosidades	89
Baluartes históricos	90
Sambas imortais	95
Os bairros.....	98
3.2 O ser portelense.....	99
Portelenses “legítimos”	99
A rivalidade	102
O torcer.....	110
Considerações finais.....	118
REFERÊNCIAS	123

CAPÍTULO 1 - EXPERIÊNCIAS DE UM PORTELENSE DE BELO HORIZONTE

Viver a experiência de uma escola de samba é algo único, seja na Marquês de Sapucaí, nos ensaios técnicos, nas disputas de samba-enredo, nas feijoadas ou nos diversos outros tempos/espços de fruição que compõem essa lógica comunitária de lazer suburbano do Rio de Janeiro. Na Portela, escola que acompanho com maior frequência, há uma força de natureza maior que leva ao fracasso qualquer tentativa pouco inspirada de descrever com palavras o encantamento proporcionado às pessoas que se permitem uma conexão de maneira aprofundada com esse universo. Por isso a Portela carrega, nestes seus 100 anos de existência, a responsabilidade de ser uma das instituições mais importantes na vida de muitas pessoas.

É comum (e já presenciei muitas vezes) as pessoas se emocionarem copiosamente quando escutam “Portela Na Avenida” de Clara Nunes, “Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida”, de Paulinho da Viola ou “Porta Aberta” de Luiz Ayrão¹. É difícil encontrar algum cidadão que se comporte de maneira indiferente no momento em que a águia altaneira², símbolo maior da escola, grasna ao fazer a curva da avenida Presidente Vargas para atravessar a rua Marquês de Sapucaí. Uma escola de samba centenária, campeã 22 vezes do carnaval, possui sambas imortais, desfiles inesquecíveis, histórias e símbolos que percorrem o imaginário social e se alocam junto aos principais sentidos e significados da vida de muitas pessoas. Esses elementos atravessam gerações, ultrapassam os limites de Oswaldo Cruz e Madureira e aglutinam adeptos em diversas partes do planeta.

Minhas memórias afetivas da infância guardam a presença do samba e do carnaval, mesmo morando em Belo Horizonte e nunca ter frequentado, até então, uma escola de samba no Rio de Janeiro. Na casa dos meus avós havia constantemente festejos combinados com cerveja, churrasco e muito samba de roda. Aprendi as “malandragens” da percussão com um tio, cresci vendo uma tia-avó, já em seu auge etílico, pegar um pano de chão, colocar em uma vassoura e sair bailando com rodopios pelo quintal, como uma legítima porta-bandeira, ao som de sambas enredos

¹ Essas músicas representam grande importância para a Portela, pois exaltam suas simbologias e expressam sentimentos vividos pelos portelenses.

² A águia é o símbolo da Portela, foi adotada pelo importante sambista Antônio Caetano. Aguardada pelos amantes da escola, surge com grande destaque nos desfiles, geralmente no carro abre-alas da escola.

clássicos e imortais. Em minhas coleções de CD's (na época não haviam as playlists) era comum encontrar Bezerra da Silva, Dicró, Cartola, Candeia, Manaceia, Paulinho da Viola, Fundo de Quintal e tantos outros que são referências para quem vive o samba de maneira cotidiana. O uso do termo "viver o samba" representava muito mais do que o simples fato de gostar de um estilo musical, era a experiência de uma representação social passada por gerações, vivenciada em casa e nas ruas, por pessoas que tinham muito a dizer e a ensinar. Encontrei identificação nas obras do escritor/pesquisador Luiz Antônio Simas, admiro seu esforço de trazer em seus livros a voz do povo do samba, das ruas e das periferias. No livro "O corpo encantado das ruas" Simas aponta que as definições que tratam o samba apenas pela sua questão musical são tentativas de "domá-lo", pois "o samba é muito mais complexo e problemático - no sentido de não se domar a análises superficiais - do que isso. Muito mais do que gênero musical ou bailado coreográfico, o samba é elemento de referência de um amplo complexo cultural que dele sai e a ele retorna, dinamicamente". (Simas, 2020, p. 114).

Minha primeira lembrança do carnaval do Rio de Janeiro é de 1993 quando o Salgueiro trouxe o enredo "Peguei um ita no Norte" com um samba antológico que trazia em seu refrão *"Explode coração na maior felicidade! É lindo meu Salgueiro contagiando e sacudindo essa cidade"*. Esse samba foi impactante em minha trajetória de vida, não só pela catarse que aconteceu na Sapucaí, mas também pelo fato dele fazer parte do repertório musical da torcida do Cruzeiro Esporte Clube (meu clube de futebol do coração) em seus jogos. Em 1993, eu tinha apenas 8 anos de idade, ainda não possuía uma escola de samba "do coração", mas ouvia meu pai dizer que era torcedor do Império Serrano. Ele não frequentava a cidade do Rio de Janeiro, nem as quadras das agremiações cariocas, mas tenho a lembrança dele assistindo aos desfiles pela televisão e se declarando "Imperiano de coração". Passei então a acompanhar o carnaval à distância, não sabia da sua rotina, desconhecia as pessoas da comunidade que faziam a festa acontecer, mas compreendia que de alguma maneira eu fazia parte daquilo. Meu ciclo carnavalesco se iniciava nos meses de outubro/novembro, quando era lançado o CD das escolas de samba, a partir daí eu escutava e decorava as obras que as escolas apresentariam para o carnaval do ano seguinte.

Comecei, então, a me identificar com a Portela, principalmente pelo seu azul, que me lembrava o azul do Cruzeiro, logo depois pelo memorável desfile de 1995, apresentando o enredo “Gosto que me enrosco”. Um vice-campeonato lamentado até os dias atuais: “Merecíamos o título”, é comum ouvir essa frase em tom de lamentação dos portelenses. Com o passar dos anos fui buscando acompanhar o carnaval e, especificamente, a Portela cada vez mais. Com a expansão da internet e a criação de veículos de imprensa especializados em fazer a cobertura do carnaval (Portal Carnavalesco e SRZD Carnaval), bem como a criação de sites, como o “portelaweb” e comunidades em redes sociais voltadas para discussão e informação sobre a Portela, passei a acompanhar de forma mais efetiva a rotina da agremiação e do carnaval para além da quarta-feira de cinzas. Permanecia atento a questões primordiais no dia-a-dia da instituição, como escolha e leitura da sinopse do enredo, os sambas que disputavam para representar a escola no próximo carnaval, a “dança das cadeiras” dos profissionais que atuam nos segmentos da agremiação, entre outros. Eu buscava ainda uma identificação corporal diária com a Portela, comprava camisetas, bandeiras, canecas, adesivos, chaveiros e diversos outros itens portelenses pela internet, o que me possibilitava carregar e fomentar seus símbolos durante o meu cotidiano. Esses elementos me acompanhavam continuamente, era comum eu ser flagrado ouvindo um samba, lendo alguma notícia, assistindo algum vídeo, vestindo uma camiseta ou conversando sobre a Portela. Me considerava um legítimo portelense, mesmo sem nunca ter colocado meus pés na Rua Clara Nunes, nº 81 - Madureira.

Meu primeiro contato físico com a Portela foi em abril de 2009, na tradicional feijoada da família portelense. Imaginava que seria uma experiência parecida com a de um torcedor de futebol que vai ao estádio para acompanhar seu time. A atual quadra da Portela fica na zona norte do Rio de Janeiro, bairro de Madureira, divisa com Oswaldo Cruz, um lugar que mescla uma estrutura tipicamente residencial, porém com intenso fluxo de pessoas. Avenidas movimentadas, mercados, estádio de futebol, shopping, feiras, praças, parques, escolas de samba e bares. Já aos arredores da quadra da Portela havia muitos ambulantes, venda de camisas/bandeiras, churrasquinho, cerveja e roda de samba. Fui até a bilheteria comprar o ingresso, tudo bem parecido com o futebol. Na entrada havia um guichê bem pequeno com grades: “Dinheiro pra lá e ingresso pra cá”. Passei pela catraca, fui revistado na portaria e, enfim, estava dentro. Estar na quadra da Portela é algo mágico, mas que demanda

um grande esforço inicial de interpretar os símbolos, códigos e normas de conduta. "Pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito e a hostilidade estão sempre latentes, pois, todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo". (Magnani, 1996, p. 13). Por acompanhar pela internet, não tive um estranhamento total daquele espaço. Eu sabia cantar muitas músicas, reconhecia algumas pessoas e identificava a relevância simbólica de alguns momentos. Diferente do turista que estava no Rio de Janeiro de passagem e compareceu com o principal intuito de tomar uma cerveja, escutar uma boa música e se divertir. Eu não era da comunidade, mas acreditava que aquele lugar poderia me pertencer também, que fazia parte das simbologias importantes da minha existência.

O maior estranhamento que tive nessa feijoada foi perceber que havia pessoas com camisas de outras escolas de samba. No meu imaginário, afetado pelo torcer no futebol, era inimaginável que isso fosse permitido. Algumas pessoas ali presentes não eram portelenses, mas se orgulhavam de exibir os símbolos de suas agremiações favoritas. Isso não causava nenhum constrangimento e/ou retaliação. Era naturalizada uma permissividade em relação "ao outro" que dificilmente aconteceria na realidade de outras experiências de pertencimento, como no futebol. Me senti provocado por essa perspectiva de aparente "irmandade" e me propus a vivenciar essa experiência na prática, percorri o "circuito" na lógica de Magnani (1996) das agremiações e tive oportunidades de visitar algumas quadras de escolas de samba. Em nenhuma delas fui repreendido por ser portelense e não percebi ninguém sendo censurado por isso, pelo contrário, era comum que pessoas me abordassem para exaltar virtudes da Portela. José Sávio Leopoldi, em sua obra "Escola de samba, ritual e sociedade" faz um exercício de descrever a organização interna das escolas de samba, trazendo-as como "um conjunto variado de elementos que, frequentemente, passa a ideia de um todo homogêneo, de uma unidade difícil de ser pensada em suas diferentes parcelas constituintes, configurando subconjuntos bastante específicos" (Leopoldi, 2010, p. 77). Perceber esses elementos que constituem uma escola de samba é essencial para compreender as questões que perpassam as relações entre os participantes.

Com o passar dos anos tive diversas oportunidades de frequentar a quadra da Portela em diferentes ocasiões, foram muitas feijoadas, ensaios, finais de sambarenredo e outros eventos. Também me tornei um frequentador assíduo dos desfiles

das escolas de samba, me organizava anualmente para que meus carnavais fossem na Marquês de Sapucaí. O Rio de Janeiro passou a ser um destino frequente, principalmente nos períodos de férias e feriados prolongados, nessas incursões eu buscava viabilizar experiências na Portela (a princípio), mas também em outras escolas de samba que estivessem realizando eventos nestes períodos.

Diálogos importantes: A identidade na Portela

A Portela é um espaço que proporciona a formulação de diferentes vínculos de identidade e múltiplos papéis sociais, a instituição internamente é subdividida em segmentos que possuem seus códigos e valores próprios. No mesmo ambiente circulam os componentes da velha guarda, passistas, ritmistas, compositores, diretoria, baianas, torcidas organizadas, componentes, turistas, visitantes e outros. As conexões entre essas pessoas não são estanques ou congeladas dentro de seus respectivos limites e atribuições. Há uma teia de relações que demandam significativo esforço de interpretar os seus sentidos e significados, possibilidades e limites.

Anthony Giddens na obra “As Consequências da Modernidade” mostra a relação do indivíduo (enquanto agente) com a sociedade (enquanto estrutura). No entendimento do autor, a estrutura ganha vida por meio da ação das pessoas enquanto agentes. Nesse sentido, a natureza das instituições modernas pode estar relacionada ao mecanismo de confiança em sistemas abstratos. Giddens divide essas relações em “compromisso com rosto” e “compromisso sem rosto”, sendo a primeira as relações verdadeiras que são estabelecidas por conexões entre os indivíduos e a segunda diz respeito a crença em simbologias, categorizando-as como sistemas abstratos (Giddens, 1991, p. 84). Nessa perspectiva são estabelecidas relações “com rosto” pelas amizades, demandando valores como sinceridade e honra, o que contribui para uma “divisão” entre os de dentro, os de fora e os estranhos. Esses sistemas guardam os símbolos “sem rostos” que são transmitidos ao longo das gerações e ajudam a construir a tradição de determinados sistemas. Na Portela, esses conceitos elaborados por Giddens podem ajudar a pensar nas pessoas que participam da escola, tanto aqueles que vivem o cotidiano quanto aqueles que apenas se dizem portelenses, mas não se envolvem com a rotina da agremiação. Outra reflexão estruturada pelo autor que possui potencial para pensar sobre as escolas de samba é

sobre a tradição, que se configura como uma dimensão de significativo valor simbólico para os portelenses. Para Guiddens

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme ela assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa. (Giddens, 1991, p. 44)

Essas reflexões acerca de tradição trabalhadas por Giddens podem contribuir na reflexão acerca do pertencer a uma escola de samba, uma vez que essas experiências dizem respeito a preservação de memória, tradição e símbolos, isso é uma relação abstrata. A tradição e a simbologia na Portela são instâncias relevantes e significativas, a comunidade faz questão de reverberar sua construção histórica grifada por baluartes, músicas e desfiles que marcaram o imaginário social, não só da comunidade de Madureira ou do Rio de Janeiro, mas de diversas regiões do Brasil. As pessoas que se propõem a vivenciar o cotidiano da Portela precisam entender esses valores e incorporá-los em sua rotina. A tradição, apesar de ser um elemento aparentemente obrigatório aos portelenses, é (re)construída ao longo do tempo, se reinventa com o passar das gerações e direciona a atuação da comunidade.

Como forma de exemplo é possível pensar nos carnavalescos que chegam para trabalhar na Portela se deparam com essas questões que envolvem os hábitos elementares da escola. É preciso ter muito azul, é “obrigatório” haver uma águia imponente, linda e grandiosa no abre-alas, é fundamental ter espaço de destaque para a velha-guarda. E se não for pedir muito, a comunidade fica extremamente satisfeita quando o enredo aborda sua história, conquistas e marcas. Exemplo disso é o desfile de 1991 que trouxe o enredo “Tributo a vaidade” que (da primeira até a última palavra do samba) expressa os sentimentos e os prazeres de ser portelense: *“Eu sei que faço seu corpo arrepiar / Eu sei que você não vai sem me ver passar / Eu já vi você chorar / Na hora do meu desfile encerrar / Perguntei ao espelho meu / Qual delas é mais linda do que eu / Ele então me respondeu / Mais linda do que eu só eu”*.

A tradição na Portela é muito influenciada pelos ensinamentos de Paulo Benjamim de Oliveira (mais conhecido como Paulo da Portela), o fundador da escola. As biógrafas Marília Barbosa e Ligia Santos trazem Paulo como o “traço de união entre duas culturas”, pelo seu esforço de desvincular do sambista o estereótipo negativo do malandro e, com isso, aproximar o universo carnavalesco suburbano das esferas

sociais mais elitizadas do Rio de Janeiro. Para Paulo, o sambista deveria ter “pés e pescoços ocupados”, ou seja, usar sapatos, calça e paletó. Isso (na visão de Paulo) traria maior visibilidade e poder de inserção em diferentes esferas sociais. Paulo da Portela dedicou boa parte de sua trajetória de vida para defender a dignidade do samba e dos sambistas. A tradição e a identidade portelense, ensinamentos que são praticados e reverberados nos dias atuais são frutos da luta de uma vida inteira capitaneada pelo principal nome histórico da escola.

Cultuar seus elementos abstratos é uma prática rotineira da Portela, muitas pessoas cultivam esses valores, porém não participam ativamente das atividades cotidianas da instituição (compromisso sem rosto trabalhado por Giddens). Para fazer parte do processo de atuar efetivamente em uma escola de samba é preciso ser aceito, ganhar a confiança e estabelecer conexões dentro desse universo (compromisso com rosto).

O historiador e cientista político Benedict Anderson constroi uma ideia de comunidades, o autor parte da perspectiva de comunidade real/ideal se caracterizando enquanto aquela em que todas as pessoas se conhecem e/ou comungam de ideais próximos. Porém com o passar do tempo e o crescimento demográfico essas comunidades se tornam “comunidades imaginadas” nas quais as pessoas passam a não se (re)conhecerem dentro desses grupos, de modo que esse “não-conhecimento” não impede o senso de coesão entre os participantes (Anderson, 2005). A Portela foi fundada em 1923, nos primeiros anos a comunidade da escola girava em torno dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira, a sua “comunidade imaginada”. 100 anos depois se torna uma tarefa difícil estabelecer com precisão os limites comunitários da escola. A maioria daqueles que ajudaram Paulo Benjamim de Oliveira a construir a Portela certamente não estão atuantes, acredito que tenha acontecido uma disseminação de seus sucessores. Muitos deles devem residir em outros bairros ou cidades, criaram vínculos sociais e afetivos com diferentes grupos e transmitiram a uma diversidade de pessoas os fundamentos que aprenderam sobre a agremiação. Desse modo foi criada a “comunidade real” da Portela, na qual muitos portelenses não se reconhecem, mas comungam dos mesmos valores, códigos e símbolos.

Além dos valores (re)transmitidos por aqueles que possuem laços com figuras importantes da instituição, certamente há uma dimensão midiática que ajudou a

construir essa “comunidade imaginada” trabalhada por Benedict Anderson. A transmissão dos desfiles por rádio e TV contribuiu para que pessoas de diversas partes cultivassem sentimentos de pertencimento com as escolas de samba. Essa perspectiva de comunidade extrapola questões identitárias e territoriais e cria um modelo de sociedade contemporânea que rompe com os elos de pessoalidade que há 100 anos eram predominantes nesses espaços.

Outro elemento que contribui com a potencialização das comunidades imaginadas é a internet. Para Castells (2002) o advento da internet e a expansão dos ambientes virtuais contribuiu para alterações nos modos de organização dos sistemas sociais, promovendo mudanças nos modos de comunicação da sociedade. Almeida *et al.* (2011) reforça que o advento da tecnologia da informação colaborou para alargar fissuras nos muros da comunidade, o que dificulta o estabelecimento de fronteiras e a distinção entre “nós” e “eles”, nessa perspectiva a ideia de comunidade é substituída por identidade.

Pierre Bourdieu na obra “O Poder Simbólico” apresenta os instrumentos simbólicos estruturados em três perspectivas: Estruturas estruturantes, estruturas estruturadas e instrumentos de dominação. Esses instrumentos simbólicos estão presentes em diferentes instâncias da vida social, como as Artes e as Ciências, o que nos direciona ao entendimento desses âmbitos como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo por meio de formas simbólicas, relativas a um grupo particular e socialmente determinado. Esses sistemas simbólicos exercem um poder estruturante subjetivo pelo fato de serem estruturados por meio de uma lógica objetiva e, dentro dessa organização das relações, apresentam também uma função de integração social. Como instrumentos de dominação essas estruturas estão sujeitas a relações de poder nas quais há funções de dominação e divisão do trabalho, bem como diferenças de classes, o que potencializa a concorrência pelo monopólio da produção cultural legítima (Bourdieu, 2007, p. 16).

A lógica que direciona o pertencimento por uma escola de samba é subjetiva e abstrata, pois demanda de símbolos, músicas, gestos, percepções pessoais e afinidades que são absorvidas e tocam cada sujeito de maneira particular. Já o coletivo organizado que se envolve nas dinâmicas da escola de samba são estruturas objetivas e orientadas por arranjos sociais que direcionam e (re)constroem os modos de agir de forma individual e/ou coletiva. O gerenciamento e a vivência dessas

estruturas não estão isentos de relações de poder, uma vez que os indivíduos se identificam, se relacionam, se organizam e a partir daí as estruturas de poder estão presentes e permeiam essas dinâmicas.

José Guilherme Cantor Magnani, alicerçado na antropologia urbana, constrói o conceito de uma categoria intitulada “pedaço”, utilizada para descrever as redes de sociabilidade que se formam no espaço “entre a casa e a rua” no qual o indivíduo se sente pertencente daquele lugar. As pessoas que se conectam nesse pedaço podem não se conhecer, mas se reconhecem pelo compartilhamento de símbolos, roupas e jargões (Magnani, 1996). Muitos portelenses moram nas proximidades da quadra da Portela, por isso possuem laços de amizade em função de herança histórica familiar ou por conviverem rotineiramente com as atividades promovidas pela agremiação. Outros portelenses não possuem vínculos territoriais ou familiares, mas vivem e participam da Portela por possuírem identificação simbólica e identidade com a instituição e com outras pessoas que participam das dinâmicas sociais construídas. Outro grupo de Portelenses, separados (ou não) por distâncias territoriais, não participam da rotina, nem contribuem para a construção coletiva da escola, mas se consideram portelenses por também possuírem identificação com as simbologias construídas pela Portela. Esses diferentes grupos, se fossem colocados juntos em um mesmo ambiente, talvez não se conheceriam enquanto pessoas, mas a partir do conceito de pedaço é possível inferir que se reconheceriam enquanto portelenses, cada um com seu aprofundamento particular, e compartilhariam diferentes códigos e símbolos que fazem parte do arcabouço social da Portela.

O antropólogo Fábio Pavão, em seu estudo sobre as dinâmicas que formam as comunidades da Portela, aborda as noções de “comunidade tradicional” e “comunidade eletiva” dentro da agremiação. Comunidade tradicional seriam aqueles que possuem vínculos de amizade, vizinhança e parentesco, o que faz esses grupos se sentirem mais pertencentes que os outros pelo fato da proximidade geográfica, ligações históricas e laços de hereditariedade. Esses grupos costumam ser fechados, o que impede a inserção de pessoas que não apresentem tais “características básicas” que os legitimem enquanto portelenses. A comunidade eletiva é formada por pessoas que não necessariamente possuem vínculos territoriais e/ou históricos, mas dominam os símbolos e participam das ações da escola. “A comunidade eletiva é aberta para qualquer pessoa que compartilhe semelhantes traços de afinidade, desde

que participem ativamente do cotidiano da escola, criando laços e compromissos que se estendem para muito além da quarta-feira de cinzas.” (Pavão, 2005, p. 61). O autor elabora ainda uma noção de comunidade denominada “comunidade estética”. Esse conceito engloba os indivíduos que possuem algum vínculo emocional com a escola sem manter relações ou estar na rede de sociabilidade da agremiação: “Alegria de fazer parte sem o desconforto do compromisso” (Pavão, 2005, p. 23). Na visão do autor esses grupos são forjados pela indústria do entretenimento e se enquadram na categoria de turistas.

como as fantasias de escola de samba são vendidas para quaisquer pessoas que se dispõem a pagá-las, é comum encontrar indivíduos que fazem questão de participar dos desfiles, renovando anualmente seu sentimento de pertencimento ao grupo, mas que, alheios ao convívio diário e desconhecidos da comunidade que trabalha o ano inteiro para o sucesso no desfile, são percebidos como turistas (Pavão, 2005, p. 41).

É importante pensar que essas relações podem ser dinâmicas e difíceis de encontrar definições fidedignas, principalmente após o avanço das redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas, que possibilitam troca de informações e discussões sobre a rotina da escola. Muitas pessoas não conseguem estar presentes fisicamente na instituição, por isso participam de alas comerciais, compram suas fantasias e conseqüentemente reafirmam seu pertencimento pela Portela. Isso não quer dizer (necessariamente) que sempre serão vistas como turistas, pois mesmo a distância, conseguem se manter atentas e participar das discussões no interior da escola. Ainda segundo Pavão (2005), um elemento que pode legitimar a pessoa a ser vista ou não como turista é o fato dela dominar os códigos e valores do mundo do samba, para isso ele cita o exemplo de sambistas que atuam em escolas de samba de outros estados que visitam a quadra da Portela. Mesmo não conhecendo o lugar, essas pessoas são reconhecidas como pertencentes àquele universo, uma vez que a atuação em suas respectivas agremiações os credencia para tal (Pavão, 2005, p. 41). Nessa perspectiva fica evidente que o domínio dos códigos é um elemento crucial que determina quem são as pessoas de dentro ou de fora. No entanto, levando em consideração o dinamismo no estabelecimento dessas relações e as possíveis variáveis em nível de envolvimento, pode ser que existam pessoas que dominam esses códigos sem atuarem ativamente nos segmentos da escola.

Leopoldi (2010) em uma pesquisa sobre a Mocidade Independente de Padre Miguel encontra o uso dos termos “sambistas” e “sambeiros” para categorizar de forma antagônica as pessoas de dentro e de fora do universo das escolas de samba. Sambistas seriam aqueles que dominam os códigos e se organizam para as vivências culturais nas agremiações, enquanto sambeiros são aqueles cuja participação nesse contexto é recente ou esporádica. O sambeiro, nessa perspectiva, aparenta ser aquele que apenas “consome” as atrações da escola, mas não se envolve (ainda) de maneira sólida com os grupos que se organizam pelas experiências carnavalescas.

Sobre as pessoas e/ou grupos que frequentam a quadra da Portela, Pavão (2005) faz uma divisão em três categorias de interação: Comunidade (tradicional e eletiva), visitantes e turistas. Os membros da comunidade possuem a quadra da escola como local de convivência constante, compartilham rotinas, expectativas, angústias e segredos. Essas pessoas participam do cotidiano da escola e contribuem para o desenvolvimento das ações: Feijoadas, disputas de samba-enredo, ensaios, desfiles e outros. Os visitantes são basicamente convidados e/ou componentes de outras escolas. Eles são tratados com respeito e cordialidade, mas nas entrelinhas dessa relação passam por um conflito velado, uma vez que, por pertencerem a outras agremiações, torna-se necessário que se guarde as devidas precauções de estabelecer os limites que esses convidados terão de acesso ao interior da escola. Os turistas são caracterizados por desconhecerem os valores internos, não compartilham os símbolos e códigos essenciais, sua presença é esporádica e superficial e, se não atrapalharem o desfile, são vistos com “bons olhos” por trazerem dinheiro para a instituição. Não são percebidos como ameaça também pelo fato de não dominarem os principais códigos e segredos que guardam as estruturas viscerais da escola. É possível que existam potencialidades nos turistas, uma vez que esses podem iniciar suas experiências como visitantes e conquistar (com o tempo) identificação com a comunidade, culminando com o estabelecimento de vínculos sistemáticos (pessoais e institucionais), o que os tornam membros da comunidade eletiva. Essa percepção é evidente no estudo de Leopoldi (2010):

“No fundo, portanto, fica a esperança tímida do sambista de que os outros compareçam à escola motivados por uma identificação autêntica com os seus valores e, por isso, dispostos a aprender “como uma criança que entra na escola”. Afinal, não se exige mais do que um pouco de boa vontade, “só precisa a pessoa ir se dedicando até aprender tudo”, pois “aqui se aprende a sambar; por isso já tem o nome de escola”. (Leopoldi, 2010, p. 145)

Essa reflexão de Leopoldi dialoga com a definição de comunidade eletiva trabalhada por Pavão (2005) ao dizer que essa comunidade é aberta para as pessoas que se dispõem a participar do cotidiano da agremiação. As pessoas dispostas a aprender e a contribuir verdadeiramente com a instituição conseguem fazer parte da comunidade eletiva e conquistar respeito e admiração dos demais portelenses.

Para além de estudar as comunidades que se organizam pelas escolas de samba, é importante que os trabalhos acadêmicos se voltem para as pessoas que possuem vínculos sentimentais com essas agremiações sem necessariamente participar de seu cotidiano. Pode ser que haja também pessoas da comunidade que não participam ativamente na rotina da escola, que por inúmeros motivos se ausentam do dia-a-dia da agremiação. É fundamental compreender os sentidos e significados do “ser portelense” e identificar seus principais laços afetivos de pertencimento. O trabalho de Pavão (2005) é de grande importância para a compreensão das comunidades “internas” da Portela, porém é preciso avançar no sentido de buscar esclarecimentos mais elaborados acerca da dimensão de identidade que perpassa outros grupos. Além disso, acredito que, por se tratar de um estudo de 2005, é necessário atualizá-lo, uma vez que as mudanças sociais e o fortalecimento das mídias digitais possam ter influenciado os modos de ser e agir dessas comunidades ao longo desses 19 anos que se passaram, como o próprio título do trabalho de Pavão (2005) diz: “Uma comunidade em transformação”.

Ericeira (2009) faz um estudo sobre um grupo de portelenses que se une para idealizar uma página na internet com o intuito de preservar e reconstruir o passado da Portela. O autor faz uma tentativa de definir os fatores que possibilitam que a pessoa tenha sua legitimidade enquanto pertencente daquele lugar: “É por meio do ponto de vista dos comentários de outros aficionados que o sujeito percebe estar se portando ou não como um verdadeiro portelense”. Em sequência o autor aponta alguns critérios que podem classificar os “verdadeiros portelenses”:

A) ser devoto de São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição B) vestir azul e branco nos eventos da escola C) aprender a história da Portela ouvindo as músicas de seus compositores D) aguardar ansiosamente o carro alegórico da águia em cada carnaval E) enaltecer e difundir os valores morais ensinados por Paulo da Portela F) conceber a agremiação como uma família reunida G) entender o subúrbio de Oswaldo Cruz como território do samba autêntico. (Ericeira, 2009, p. 38)

Os critérios encontrados pelo autor dizem muito sobre as comunidades tradicional e eletiva da escola, principalmente sobre aqueles que possuem vínculos territoriais e/ou hereditários e dispõem de condições para frequentar o cotidiano da agremiação. O “ser portelense” nessa perspectiva caminha com a lógica territorial e se afasta da construção afetiva pelos elementos simbólicos que carregam significativo potencial de extrapolar os limites de Oswaldo Cruz e Madureira. Nessa linha, é importante compreender se esse pertencimento pela Portela realmente se limita a questões geográficas/hereditárias ou se pode avançar no sentido do reconhecimento simbólico por aqueles que cultuam a instituição em outros âmbitos sociais. É relevante compreender ainda se esse pertencimento pode em alguma instância ser categorizado na perspectiva do torcer ou se esse sentimento de elo extrapola os significados atribuídos ao torcer por assumir outras características. Desse modo, busquei esclarecer se esse presumido torcer (e/ou “ser portelense”) não implicaria necessariamente em se vincular em alguma atividade que gira em torno da escola de samba, e sim possuir laços simbólicos e sentimentais pela mesma. Muitos portelenses jamais foram à quadra, desfilaram ou sequer pisaram na Marquês de Sapucaí, mas se reconhecem enquanto pertencentes por meio dos símbolos, sambas e/ou desfiles memoráveis da agremiação. O fio condutor, o laço que ata essas pessoas à Portela pode ir além de questões identitárias, territoriais, familiares e comunitárias. Nesse caso é possível que haja um encantamento simbólico capaz de proporcionar o sentimento de pertencimento e identidade a esses indivíduos.

Damo (2002) em um trabalho sobre pertencimento no universo do futebol aborda o fato de muitos torcedores nunca terem assistido seu time do coração jogar, mas nem por isso se consideram menos apaixonados que aqueles frequentes. Em relação ao pertencimento futebolístico, Damo identifica que a paixão por um clube implica na aversão por outro. Por exemplo, “Ser cruzeirense” é automaticamente “ser anti-atleticano”, como se fosse uma condição *sine qua non* para ser torcedor e pertencer àquele espaço. É necessário questionar acerca das possibilidades dessa lógica de torcer e pertencimento no universo das escolas de samba, uma vez que nesse espaço carnavalesco não há indícios (a princípio) da mesma dinâmica de torcer presente majoritariamente no futebol. Existe o elemento de competição na disputa do carnaval, as pessoas torcem para que suas escolas do coração sejam as campeãs. Talvez, nessa perspectiva, seja possível afirmar que ocorra uma concepção de torcer.

A diferença para o torcer no futebol pode estar relacionada com “o outro”. No futebol a vitória de um time implica necessariamente em derrotar o oposto, pois o vencedor “passa por cima” do que é derrotado. Eles jogam necessariamente contra o outro, uma “batalha” direta de enfrentamento em busca da vitória. Essa perspectiva de confronto não existe (a princípio) nas escolas de samba, uma vez que os desfiles não são via peleja, mas exhibições. O sucesso que leva uma determinada agremiação a ser campeã do carnaval não passa por derrotar escola X ou Y, e sim por fazer uma melhor exibição em diferentes quesitos. É fundamental que os estudos acadêmicos se dediquem a aprofundar o entendimento nas especificidades de pertencimento na perspectiva das escolas de samba.

As definições acerca das comunidades das escolas de samba dizem muito sobre o interior dessas instituições, mas é importante pensar que a lógica de pertencimento por essas agremiações não deve ser limitada por distância física, descontinuidade territorial e distância temporal. Essas dimensões não devem “impedir a conexão entre pessoas e lugares. Por todo o território nacional, crescem as escolas de samba, os redutos do samba, os grupos de músicos” (Gonçalves, 2006).

Outras dinâmicas: extrapolando a noção de comunidade:

Existem também as torcidas organizadas da Portela, como a “Guerreiros da Águia” e a “Torcida Família Portelense”. Essas organizações são estabelecidas com o intuito de aglutinar portelenses em torno do sentimento de torcer e fazer parte da escola. Esses movimentos começaram em 2004 como parte de uma corrente em favor da modernização dos desfiles das escolas de samba (Pimenta e Silva, 2019). Essas instituições possuem símbolos identitários bem característicos e procuram participar de todos os eventos promovidos pela escola. É comum encontrar o posicionamento deles nas arquibancadas da Sapucaí com faixas, bandeiras e camisas, o que proporciona uma estética visual que lembra o espetáculo que as torcidas organizadas proporcionam nos estádios em jogos de futebol. Segundo Ericeira (2009)

“É notório que a concepção dos “Guerreiros da Águia” teve inspiração nas torcidas organizadas das equipes de futebol. Sua própria maneira de torcer ocupando as arquibancadas da Avenida Marquês de Sapucaí com bandeiras, faixas, camisas padronizadas e fumaça relembra os espetáculos vistos nos estádios de futebol. Os próprios Guerreiros admitem essas similitudes,

conforme me informou o Denílson: “*nós levamos bandeiras, balões, torcemos que nem as torcidas do Maracanã Mas nós não gostamos dessas comparações, porque há os Gaviões e dá sempre briga. Acho que uma coisa é carnaval, outra coisa é futebol*”. (Ericeira, 2009, p. 43)

Na perspectiva das pessoas que fazem parte das torcidas organizadas da Portela, é possível interpretar (guardando as devidas proporções e precauções) que eles se reconhecem enquanto torcedores, mas buscam um afastamento do “*ethos* de torcedor” que majoritariamente é atribuído a outras formas de torcer, principalmente na ótica do futebol. É significativo ainda avançar na compreensão dos reais sentidos e significados do torcer pela Portela no entendimento das Torcidas Organizadas, buscando compreender em quais pontos há semelhanças e/ou afastamentos com o futebol. É importante esclarecer até que ponto os diferentes grupos que guardam pertencimento pela agremiação se percebem enquanto torcedores ou se as formas de se reconhecer e organizar assumem outros entendimentos.

Outro grupo que merece destaque são os consulados da Portela. Essas pessoas se organizam em diversas regiões do Brasil, como Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre. Há também um consulado da Portela no Japão. Os consulados são compostos por portelenses que se dedicam em prol da divulgação e preservação das tradições da escola. É uma espécie de “organização oficial” da instituição em diferentes locais que promovem eventos como ensaios, festas e atividades relacionadas ao carnaval com o principal intuito de reunir admiradores (talvez torcedores) da escola. As atividades oferecidas pelos consulados podem variar ao longo do tempo, mas sempre giram em torno do pertencimento à Portela.

A distância física e a possível ausência de laços comunitários não os impedem de agregarem portelenses, que acompanham e se organizam coletivamente (muitas vezes a distância) em prol da agremiação. O entendimento dos sentidos e significados dos consulados, bem como do pertencimento das pessoas que deles participam, são de grande importância nesse estudo, uma vez que esses grupos se configuram enquanto pessoas que não pertencem às comunidades tradicionais e/ou eletivas da escola. Muitos deles não participam do cotidiano da Portela nem possuem laços territoriais/hereditários com a instituição, contudo reafirmam, se organizam, vivem e participam da Portela independente das barreiras territoriais.

Pertencer a uma comunidade de escola de samba e/ou ser um verdadeiro portelense pode ser diferente de ser um torcedor, essa compreensão é substancial nesse trabalho. Ser das comunidades (tradicionais, eletivas e estéticas) está muito relacionado a fazer parte (ou não) do processo de construção do carnaval e das dinâmicas da escola. A pessoa que acompanha uma escola de samba é normalmente marcada por acompanhar, vibrar e se encantar com os símbolos e representações de sua instituição, mas é importante compreender se aqueles que possuem laços comunitários com a instituição também possam em algum momento assumir o papel de torcedores. Da mesma forma, pode ser possível que o portelense (sem vínculo comunitário com a escola) possa se considerar membro da comunidade.

Como então esse “ser portelense” se estabeleceria? Quais seriam seus códigos elementares? Quais são os sentidos e significados desse pertencimento para os portelenses? Quais seriam os fatores básicos que definiriam alguém como um verdadeiro portelense? De que maneira esse pertencimento impacta nas experiências de lazer das pessoas? Como se organizam os diferentes coletivos que se estruturam em prol da Portela? Esse pertencimento pode estabelecer relações com outras instâncias simbólicas da vida cotidiana?

A partir dessas lacunas e problemas elencados, essa pesquisa teve como objetivo principal a compreensão de como se estabelece o pertencimento pela escola de samba Portela, buscando compreender de maneira mais específica as diferentes maneiras de pertencimento que constituem, estruturam e reafirmam o “ser portelense”. Além disso, compreender os sentidos e significados atribuídos ao pertencer a uma escola de samba a partir do olhar dos portelenses e, por fim, analisar a possível relação do pertencimento com a escola de samba com o pertencimento no futebol.

Portela: Importante tema de estudo suburbano

O carnaval é um dos principais símbolos brasileiros, presente no imaginário da nossa população e enraizado em nossa cultura. Roberto Damatta por meio do livro "Carnavais, malandros e heróis" retrata o ritual do carnaval como um importante promotor identitário social brasileiro, no qual “o carnaval é um momento em que se podem totalizar gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como

instituindo e constituindo o nosso próprio coração” (Damatta, 1997, p.30). Nesse sentido, Damatta busca ainda a ideia de libertação pelo ritual, onde "não há sociedade sem uma ideia de mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num plano de plenitude, abundância e liberdade". Dessa forma é essencial entender o que move uma pessoa a se envolver com uma escola de samba não apenas nos desfiles oficiais, mas também em outros eventos promovidos pelas agremiações, como feijoadas, ensaios técnicos, disputa de samba-enredo, shows e diversas outras ações que fazem as escolas de samba funcionarem durante todo o ano. Com isso, é fundamental compreender as diferenças nesses níveis de envolvimento e como isso afeta as relações de poder e pertencimento entre os participantes. É importante ainda elucidar o lugar das pessoas (ou grupos) que cultuam os símbolos da instituição sem necessariamente participar presencialmente de sua rotina de ações.

Além da ação individual de pertencer a uma escola de samba, é fundamental aguçar a compreensão do processo de organização coletiva, no qual as torcidas organizadas do carnaval, bem como os consulados, podem se apresentar como importantes componentes de consolidação desses indivíduos. Pimenta e Silva (2019) apresentam o processo de modernização dos desfiles como uma tentativa das escolas de samba de dialogarem em busca de capital financeiro com diferentes grupos/classes sociais, o que inclui as comunidades, a mídia e investidores. Isso demandou uma percepção do espetáculo para além do sambista que está na avenida, oferecendo visibilidade e destaque a diversos outros participantes do espetáculo.

Talvez seja difícil falar de torcer, pertencimento e torcidas organizadas do carnaval sem atrelar o raciocínio à lógica constituinte do futebol. Pimenta e Silva (2019) analisam que as torcidas organizadas no carnaval se apropriam dos elementos do espetáculo, da performance, da festa e do ocupar o espaço de torcer advindos das arquibancadas dos jogos de futebol. Esse movimento coloca a arquibancada em um espaço que permite a participação, o protagonismo, o reconhecimento e o pertencimento do sambista à escola". Os autores salientam ainda que "no mundo do samba, usar o termo “torcida organizada” não representa os significados atribuídos às Torcidas Organizadas no Futebol, pois assumem formas de organização e manifestações diferenciadas. Dessa maneira é essencial buscar “de perto e de dentro” os sentidos e significados atribuídos ao pertencer a uma escola de samba no carnaval a partir do olhar dos diferentes grupos de portelenses.

Muitas pessoas exercem vínculo com a Portela pela dimensão do trabalho, seja ele formal ou não, outras vivem a instituição fundamentalmente pela experiência do lazer. Na constituição federal o lazer está inserido no capítulo dos direitos sociais, tornando - se um direito fundamental. Dessa forma, é importante que a sociedade esteja atenta a essas novas dinâmicas sociais e compreenda o torcer como possibilidade de um importante elemento presente também no universo do carnaval.

É importante salientar que falar de identidade e pertencimento por escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro é falar de experiências de lazer de pessoas majoritariamente suburbanas, periféricas, pretas e muitas vezes de baixo poder aquisitivo. Por isso é fundamental trazer visibilidade a essas coletividades que exercem um notável papel cultural em nossa sociedade, oferecendo aporte a futuros arranjos institucionais voltados para esses grupos.

Desfile metodológico

Para esse trabalho optei por uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e descritivo. Compreender a que se destina um determinado modo de fazer pesquisa é essencial para uma boa conversa entre objetivos e caminhos para alcançá-los. Para o modelo de pesquisa aqui proposto entendo que:

O objeto da pesquisa social qualitativa é a ação e não o comportamento. Diante do objeto ação-significação, o pesquisador busca compreender as formas de comportamento e os significados que os atores lhes atribuem por meio de suas interações sociais. (Gomes e Amaral, 2005, p.52)

Assim, a pesquisa aqui esteve interessada nas possibilidades de pertencimento em escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro, a partir da Portela. Escolher um modelo de pesquisa então é estar atento ao que o objeto de pesquisa pede. Essa proposta demanda uma maior aproximação com os sujeitos do campo, por isso a escolha pela abordagem qualitativa.

A pesquisa exploratória “consiste em buscar elementos que visam a uma compreensão geral das características apresentadas pelo objeto de estudo” (Gomes; Amaral, 2005, p. 66). Há alguns trabalhos que já se debruçaram sobre as comunidades no interior das escolas de samba. Apesar disso, não há ainda uma consistência acerca de uma compreensão aprofundada sobre pessoas que possuem laços identitários com

as agremiações sem necessariamente possuírem inserções cotidianas com as mesmas. Além disso, é importante refletir em quais instâncias essa lógica de pertencimento e identidade simbólica pode ser classificada como torcer, por isso uma imersão acadêmica aprofundada foi essencial para compreender o interior dessa experiência.

Para uma melhor compreensão acerca dos elementos que constituem o pertencimento pela Portela, escolhi por um trabalho qualitativo, exploratório e descritivo, com a utilização de métodos afeitos às pesquisas etnográficas, como a observação participante e registro em caderno de campo. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (Mattos, 2011). Para Magnani (2009)

Etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (Magnani, 2009, p. 135).

O “fazer etnográfico” desse trabalho foi demarcado pela experiência e prática etnográfica, o que resultou em uma noção de totalidade. Para Magnani (2009) a prática etnográfica deve ser programada e contínua, buscando constantes diálogos com a experiência etnográfica, que muitas vezes se apresenta em uma dimensão descontínua carregada de componentes de imprevisibilidade. Esses dois elementos combinados resultaram em um “pensamento selvagem”, um emaranhado de informações que demandam constante trabalho de absorção para sua elucidação. A noção de totalidade pode ser construída por elementos empíricos ou abstratos. É importante pensar de forma global (a cidade em seu conjunto) mas é necessário operar com a noção da prática cultural em particular. Um “meio termo” que evita evocar o “todo orgânico” e preserva os cuidados necessários para não mergulhar na fragmentação. É o desafio etnográfico de encadear fragmentos e elementos muitas vezes diferentes que vão se articulando para formar um fato social, constituindo-se numa totalidade.

Da mesma forma que o modelo de pesquisa precisa estar em diálogo com o problema e os objetivos, as ferramentas para realizá-la também. Mais que isso, Luna

(1996) afirma que estas raramente são escolhas, mas sim demandas que precisam ser atendidas pelo pesquisador. Assim, concordo com Gomes e Amaral (2005), sobre o olhar para a ação, uma parte significativa deste trabalho precisa ocorrer atenta a isso, seja no campo em termos de observação, ou, sobre as narrativas de participantes sobre. Tendo isso em mente, elaborei três ações na pesquisa. A primeira foi uma revisão bibliográfica, a segunda a observação e a terceira o uso de entrevistas semiestruturadas.

A revisão bibliográfica não deve ser confundida com uma pesquisa bibliográfica, ou uma revisão sistemática. O intuito aqui foi conceituar melhor a fundamentação da pesquisa para que as ações de campo ocorressem de forma qualificada. Essa revisão consistiu em “realizar um trabalho de estudo, procurando analisar os resultados de experiências de pesquisa e as teorias que foram desenvolvidas por diferentes autores que possuem proximidade com o tema escolhido” (Amaral; Gomes, 2005, p. 63). Ela ocorreu antes das visitas a campo, durante e depois das mesmas, ou seja, ocorreu no decorrer de toda a pesquisa, configurando-se como essencial para o trabalho.

Sobre a observação, Laville e Dionne (1999, p.176) afirmam que, “a observação revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos”. Segundo Gomes e Amaral (2005, p.73), com a observação, o pesquisador “interage de alguma forma com o contexto analisado”. As incursões para observação foram realizadas junto a eventos da Portela, de julho de 2023 a fevereiro de 2024. Foram oito observações “bem sucedidas”, a primeira delas aconteceu no dia 16 de julho de 2023, era a apresentação dos 21 sambas concorrentes para o carnaval de 2024. Em seguida, acompanhei a emocionante final dessa disputa, ocorrida no dia 06 de outubro. Dois dias depois observei a Feira das Yabás, evento que acontece na praça Paulo da Portela em Oswaldo Cruz, ali as matriarcas da escola protagonizam um festival culinário, além de um agradável espetáculo musical. No dia 14 de outubro observei a tradicional feijoada da família portelense, em 15 de novembro acompanhei um ensaio técnico na quadra e voltei no mês seguinte (16 de dezembro) para um evento chamado “Portela-Convida”. Nesse evento uma agremiação co-irmã é convidada para se apresentar na quadra da Portela, neste dia a convidada foi a Porto da Pedra. Em 17 de dezembro havia um ensaio de rua marcado, porém o mesmo foi cancelado na véspera, o que me impediu de acompanhar tal evento. O mesmo ocorreu em 14 de janeiro de 2024, que seria o ensaio técnico da Portela na Marquês de Sapucaí, mas em função de uma

chuva de dimensões catastróficas que afetou o Rio de Janeiro, os organizadores decidiram cancelar. Meu próximo registro foi no dia 12 de fevereiro, era o desfile oficial da Portela na Marquês de Sapucaí. Finalizei o período de observação dessa pesquisa no dia 14 de fevereiro, junto à apuração das notas do carnaval na Cidade do Samba e posteriormente acompanhei a repercussão dessa apuração na quadra da Portela.

Como morador de Belo Horizonte e professor em três escolas, foi necessário um sistema de logística que viabilizasse as viagens ao Rio de Janeiro, foi preciso conciliar finais de semana e feriados prolongados com as ações da Portela. Por isso busquei me informar com antecedência sobre as datas dos principais eventos que aconteceriam durante esse período. Como eu dispunha de limitações para estar presente na Portela, planejei as investidas na busca de diversificar os eventos e tentar capturar possíveis semelhanças e diferenças entre eles. A distância física certamente foi um fator que impediu uma imersão maior com o campo, o que poderia proporcionar uma etnografia mais densa, no entanto me esforcei para viabilizar que os momentos em que eu estivesse em campo fossem intensos no sentido de captar a maior variedade de elementos possíveis, uma busca constante pela riqueza de detalhes.

Nos dias de observação eu buscava chegar com antecedência aos locais, minha intenção era compreender a dinâmica de chegada das pessoas e as relações que elas estabeleciam com seus pares e com os diversos espaços ao redor. Meu “fiel companheiro” era um caderno de campo, nele eu registrava as minhas percepções, dúvidas, angústias e diversos outros elementos que despertavam a atenção do pesquisador em formação. Para Magnani (1997) o caderno de campo se configura enquanto um

Equipamento indispensável na mochila do etnógrafo, seja ele marinheiro de primeira viagem ou velho lobo do mar, vem sendo usado como depositário de notas, impressões, observações, primeiras teorizações, mapas, esboços, desabafos, entrevistas e garatujas de informantes (...) Pode-se discutir se o caderno, em pessoa, ainda é bom para escrever; mas, parafraseando Lévi-Strauss, sem dúvida é bom para pensar: permite retomar a especificidade do próprio métier do etnógrafo.

Magnani ressalta ainda a possibilidade de o caderno de campo ser utilizado como um dos instrumentos de pesquisa, uma espécie de aliado capaz de captar contextos, entrelinhas e sutilezas que em determinados momentos não são transmitidas pelas entrevistas, gravadores, máquinas fotográficas, documentos entre outros. Considerei, durante as observações, que (pela sua importância) a figura do

caderno de campo deveria me acompanhar durante todo o processo, mas suspeitava que um pesquisador manuseando um caderno e uma caneta em meio a uma quadra de escola de samba poderia ser visto de maneira descontextualizada daquele ambiente. Por esse motivo o telefone celular também foi um grande aliado, muitas vezes mais utilizado que o próprio caderno, nele era possível fazer registros em imagens e/ou vídeos, gravar áudios e fazer anotações de maneira mais simples e prática.

Propositalmente tive pouco contato interpessoal nessas observações, busquei concentrar os registros a partir do meu olhar acerca daquilo que me despertava estranhamento, o que me afastou (em certo grau) de percepções com maior densidade intersubjetiva (na lógica de “descrição densa” trabalhada por Geertz) mas me direcionou para um aprofundamento descritivo/observativo mais aguçado. O foco era observar as ações, decifrar como as pessoas transitavam nos espaços e quais os usos elas faziam dos mesmos. Busquei compreender o perfil dessas pessoas também, interpretar os diferentes grupos e seus modos de interação quando se apropriam do ambiente.

Como esta etapa do trabalho estava direcionada para observação, optei por não solicitar autorização ou comunicar à direção da Portela sobre a realização dessa pesquisa, o que foi feito em um outro momento oportuno. Busquei acesso aos espaços de forma espontânea, comprando o ingresso ou simplesmente entrando quando havia ocasiões de eventos gratuitos. Meus ambientes de observação majoritariamente giraram em torno da quadra da Portela localizada na Rua Clara Nunes, 81 - Madureira, as exceções foram o desfile oficial na Sapucaí e a apuração na Cidade do Samba. É importante salientar que dois ensaios, um em uma avenida de Madureira e outro na Marquês de Sapucaí, foram cancelados. A observação na quadra não se limitava ao interior da mesma, uma vez que as ruas aos arredores também se demonstraram com grande potencial investigativo, por isso geralmente a minha chegada com antecedência era fundamental para conseguir captar a dinâmica de apropriação dos espaços pelos portelenses.

Ao final de cada incursão a campo (muitas vezes durante o trajeto de uma hora de trem) era feito um checklist dos meus registros, acrescentava, excluía ou apurava os escritos essenciais daquele dia, organizava meu caderno de campo em tópicos que posteriormente seriam os norteadores para a escrita dos textos dos diários de campo.

Esses textos eram estruturados como enredos nos quais eram construídas narrativas descritivas/reflexivas de acordo com as minhas percepções observativas em cada jornada. Foram 92 páginas construídas a partir desses registros de campo, nelas me intencionava narrar o que se passava nos tempos/espacos a partir dos meus estranhamentos e dos limites que meus olhares permitiam enxergar. Magnani (2009) propõe um olhar “de perto e de dentro” para as formas como os atores sociais transitam e estabelecem trocas nas mais diferentes esferas de suas vivências sociais. Foi de extrema importância ter (enquanto pesquisador) esse olhar inserido no interior da experiência vivida, o que possibilitou a construção de registros analíticos que buscassem os sentidos e significados das atuações daqueles sujeitos e/ou grupos.

As entrevistas se configuraram enquanto um importante instrumento de aproximação com os atores do campo, elas me ajudaram a compreender diversas questões que a literatura sobre o tema e meu olhar etnográfico não foram capazes de captar durante o processo. Para esse contato direto com os sujeitos desta pesquisa, optei pela entrevista semiestruturada como instrumento para obter as informações advindas dessas pessoas. A escolha por esse tipo de entrevista se deu, uma vez que ela possui um roteiro a ser seguido e ao mesmo tempo permite um maior grau de liberdade para avançar em questões que surgissem em particularidade de cada uma das entrevistas (Negrine, 2004). Rosa e Arnoldi (2004, p.14) apresentam uma questão importante: É possível realizar com “adequação à seleção dos entrevistados para a entrevista e de maneira justificável?” Acredito que para ajudar na compreensão das diferentes dinâmicas de torcer e pertencimento, foi necessário ampliar as possibilidades de compreensão acerca da temática.

Para a escolha das pessoas a serem entrevistadas, optei por portelenses que se encontrassem (a princípio) nas categorias comunitárias estruturadas por Pavão (2005): Comunidade (tradicional, eletiva e estética) e turistas. Seis pessoas foram selecionadas para as entrevistas, que foram realizadas após aprovação e parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais. Os entrevistados possuem suas identidades resguardadas, desse modo os nomes apresentados para esse trabalho são fictícios, utilizei nomes de figuras lendárias que ajudaram a construir a Portela. Os entrevistados foram:

1. Monarco. Integrante fundador do consulado da Portela de São Paulo, cidade em que ele reside. Não possui histórico familiar com a Portela, passou a

acompanhar e a estudar a agremiação a partir de 2005. Além do consulado, ele ajuda a promover um projeto chamado “Geração Portela” que oferece aulas de musicalização e fundamentos da Portela para crianças do bairro Paraisópolis em São Paulo. Se declarou devoto de Paulo da Portela, escreveu um livro para crianças que ensina os fundamentos da escola. Nunca desfilou pela Portela, seu sonho é ser integrante da Velha Guarda.

2. Casquinha. Diretor de bateria na “Tabajara do Samba”, seu instrumento é o Agogô. Possui fortes raízes familiares na Portela, sua mãe era passista e seu pai era integrante da bateria. Toca em diversas escolas de samba, dessa forma possui uma agenda de eventos cheia nos períodos de ensaios e durante o carnaval. Alega que enquanto possuir força física vai desfilar e tocar. Possui um grupo chamado “Agogô Carioca”, que se organiza para tocar nas diferentes agremiações. Oferece oficinas de agogô e acredita que tem a missão de ensinar os fundamentos.
3. Rufino. Nascido e criado em Uberaba, Minas Gerais. Não possui ligação histórico-familiar com a Portela. Desfila pela agremiação em alas comerciais desde 1995. Na ocasião de uma oportunidade profissional, se mudou para a cidade do Rio de Janeiro por três anos com o único propósito de estar mais perto da Portela. Já desfilou por outras escolas de samba, mas sua relação de pertencimento é apenas com a Portela. Atualmente é aposentado, por isso busca estar presente na Portela nos eventos mais importantes do ano e alguns encontros da sua ala atual. No carnaval chega a ficar 15 dias no Rio de Janeiro.
4. Clara. Diretora do departamento social da Portela e presidenta da Torcida Organizada Guerreiros da Águia. Alega ser portelense desde sempre, pois toda sua família é extremamente portelense e por isso foi criada ouvindo os sambas da Portela. Chegou na escola em 2011 e contribuiu no processo de reestruturação da mesma, que passava por uma fase muito ruim devido a péssimas gestões. Assumiu o comando da torcida organizada após o falecimento do seu fundador, que era um grande amigo pessoal, por isso ela diz ter a missão de dar continuidade a seu legado.
5. Argemiro. Integrante da Velha Guarda Show da Portela há vinte anos. Viaja para diversas cidades do Brasil e até do exterior para acompanhar o grupo musical. Seu instrumento é o pandeiro. Possui herança musical familiar. Já tocou com diversas personalidades da música popular brasileira e frequenta a

quadra da Portela há muitos anos, desde que o samba era perseguido pelas autoridades. É integrante da ala de compositores da Portela, mas nunca venceu uma disputa de samba-enredo na escola.

6. Bretas. Morador de Belo Horizonte, se identificou com a Portela inicialmente pelo azul que o fazia lembrar o azul do Cruzeiro Esporte Clube, seu clube de futebol do coração. Posteriormente foi influenciado por um grande amigo. Sua família é composta por grandes entusiastas do carnaval, irmãos cunhados, filhos e sobrinhos torcem e acompanham as agremiações cariocas. Sempre estão juntos e a escuta dos sambas costuma fazer parte das tarefas coletivas. Juntos eles possuem um tradicional bloco de carnaval na cidade de Belo Horizonte. Nunca desfilou pela agremiação, seu maior sonho é sair na bateria da Portela tocando surdo de terceira.

Devido a logística de encontro e deslocamento, Monarco, Rufino e Casquinha foram entrevistados por videoconferência, as chamadas foram gravadas (áudio e vídeo) e todo o conteúdo foi transcrito manualmente em texto. Clara e Argemiro foram entrevistados na quadra da Portela, por isso foi necessário um deslocamento de Belo Horizonte até o Rio de Janeiro para a realização dessas entrevistas. Julguei ser inadequado entrevistar um integrante da velha guarda de maneira virtual, por isso houve um esforço para que essa entrevista fosse realizada pessoalmente. A entrevista de Clara foi realizada na ocasião de uma disputa de samba-enredo para o carnaval de 2025, enquanto Argemiro foi entrevistado dois dias depois em um encontro na quadra da Portela em uma tarde que não havia eventos públicos na agremiação. Bretas é morador de Belo Horizonte, o que facilitou o acesso para a entrevista, que foi realizada em sua residência. Durante as entrevistas eu carregava um caderno de campo para registrar minhas impressões e nuances que pudessem escapar das gravações.

As análises dessas entrevistas foram estruturadas pela técnica “análise de conteúdo”. Tais entrevistas foram realizadas após parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG. Os entrevistados receberam orientações sobre os objetivos dessa pesquisa e assinaram o TCLE (Termo de consentimento e livre esclarecido) Nº 23072.203910/2024-80. Todas as entrevistas foram gravadas com gravador digital e posteriormente transcritas manualmente para documentos digitais. Essa transcrição possibilitou uma melhor análise dos dados e maior aprofundamento nas informações obtidas, permitindo uma imersão mais criteriosa orientada pela técnica de análise de conteúdo (Gomes, 2013).

A análise das entrevistas foi organizada em três etapas, conforme aponta Bardin (2009): Pré análise, na qual busquei debruçar sobre o material transcrito e identificar possíveis diálogos dos entrevistados com os objetivos da pesquisa; Exploração do material, que consistiu basicamente em categorizar de maneira qualitativa as informações obtidas nas entrevistas e organizar os dados buscando aproximações e/ou afastamentos com as hipóteses deste trabalho, bem como com elementos encontrados na observação participante, caderno de campo e na diversidade acadêmica disponível sobre essa temática; Tratamento e interpretação dos resultados, onde busquei aporte teórico para dialogar e fomentar uma melhor problematização das questões levantadas e observadas nas entrevistas. Foi fundamental analisar as entrevistas com a premissa de cruzar as informações com outras dimensões do estudo, incluindo a literatura sobre a temática e os elementos encontrados por meio das incursões a campo.

Bardin (1977) aponta que a análise de conteúdo “trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis (...) procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”. Desse modo, o autor aponta que o material principal da análise de conteúdo é o significado, objetivando compreender variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica entre outras, por meio de um “mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares” (Bardin, 1977, p. 44).

Nos próximos capítulos buscarei uma compreensão mais apurada acerca das diferentes possibilidades de pertencimento pela Portela, detalhando (a partir das observações, entrevistas e a revisão bibliográfica sobre a temática) suas diferentes formas de inserção e os sentidos e significados que os portelenses atribuem a esse pertencimento. Buscarei analisar se essas variadas formas de pertencer a uma escola de samba dialogam e em quais instâncias se aproximam com o torcer no futebol.

CAPÍTULO 2 – O “SER PORTELENSE” E SUAS DIFERENTES FORMAS ESTRUTURANTES

O uso da expressão “ser portelense” é carregado de sentidos e significados, oferecendo variadas possibilidades de manifestação que carecem de atenção e estudos. Buscarei neste capítulo sintetizar o esforço empregado nas observações, entrevistas, conversas e revisão bibliográfica acerca das diferentes formas com as quais os portelenses manifestam o pertencimento pela agremiação. Dentro dessa perspectiva, busco categorizar os portelenses em “portelenses intocáveis”, que são aqueles com vínculo visceral e frequente com a agremiação, “portelenses coletivizados” sendo aqueles que buscam participar do cotidiano da escola por meio de organizações coletivas, principalmente nas torcidas organizadas, nas alas da comunidade e em outros coletivos organizados. Posteriormente identifico os “portelenses de fora” do Rio de Janeiro, que se organizam para viver o cotidiano da Portela em diversas ocasiões, reafirmando o pertencimento em eventos pontuais (sempre que “for possível”) como em eventos na quadra, na arquibancada da Marquês de Sapucaí para o desfile oficial, desfilando em alas comerciais e participando de iniciativas como os consulados da Portela. Por fim, busco perceber os portelenses “não praticantes”, aqueles que guardam pertencimento pela portela sem participar da sua rotina. Esses podem ter níveis diferentes de pertencimento e não necessariamente serem de fora do Rio de Janeiro.

2.1 - Portelenses “intocáveis”

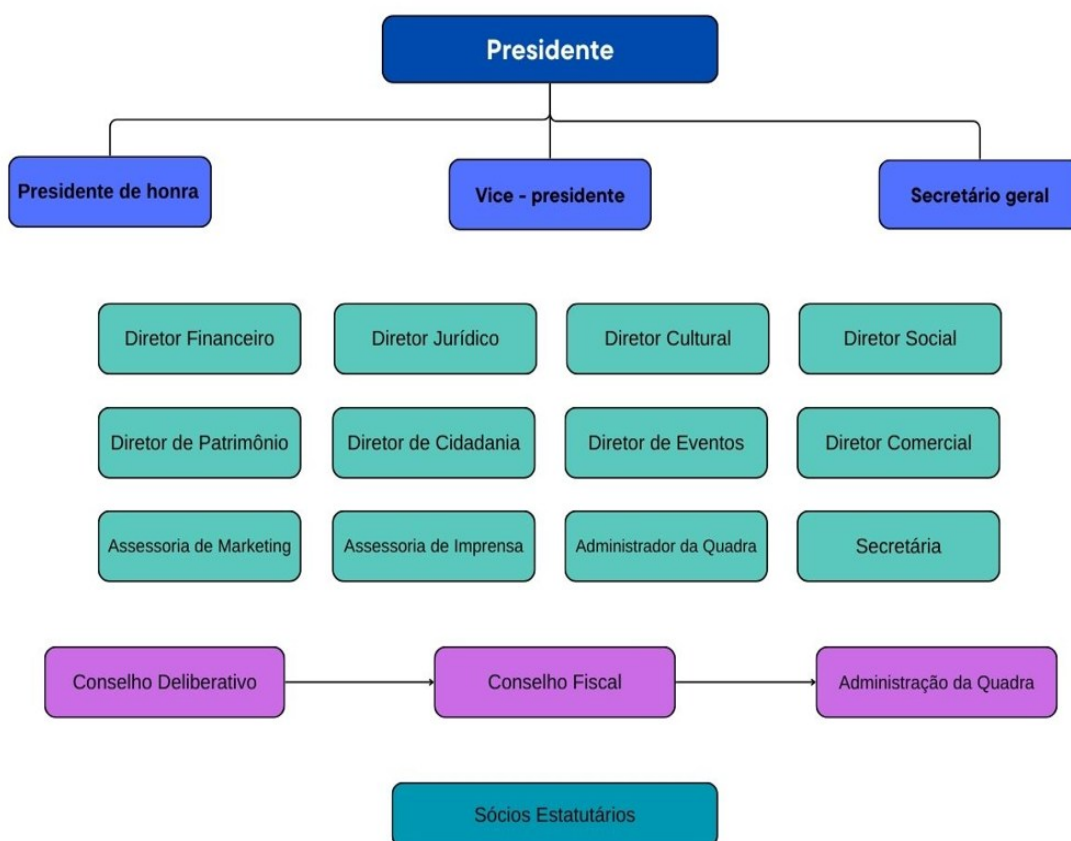
A Portela é constituída por um grupo de portelenses intocáveis, uma espécie de “núcleo duro” que possui níveis de envolvimento vitais com a escola, se tornando fundamentais e indispensáveis para que suas estruturas se mantenham erguidas e sólidas. Esse grupo de portelenses sustenta (simbolicamente) a instituição e atua cotidianamente para fortalecer as suas bases. Essas pessoas exercem funções específicas em seus respectivos segmentos, uma vez que a grandeza institucional da Portela demanda que haja essa subdivisão em funções. Esse núcleo duro compõe o quadro social de conselheiros e sócios contribuintes que a cada três anos precisa se organizar para eleger o próximo presidente.

A diretoria executiva atualmente é composta por um presidente, uma presidenta de honra, um vice-presidente, um secretário geral e diretores para diversos setores:

Financeiro, jurídico, cultural, social, patrimônio, cidadania, eventos e comercial. Há também uma assessoria de marketing e imprensa, um administrador da quadra e uma secretária geral. Abaixo da diretoria executiva atua o conselho deliberativo, que conta com um presidente e outras vinte e seis pessoas que possuem relação visceral com a agremiação, esse conselho se reúne em assembleia e possui poder para deliberar sobre diversas demandas e necessidades da instituição, zelando pelo cumprimento do seu estatuto social. Abaixo do conselho deliberativo está o conselho fiscal, responsável por fiscalizar as contas e garantir que os recursos da escola sejam utilizados da melhor forma possível. Esse conselho é composto por três pessoas.

Esses são os poderes políticos máximos da Portela, que capitaneados pela diretoria executiva devem conduzir a escola com as principais funções de construir grandes carnavais e aproximar a Portela de sua comunidade e apreciadores. Abaixo desses três poderes estão os sócios estatutários, portelenses que, por contribuírem financeiramente e terem reconhecimento entre seus pares, possuem poder de voz e voto dentro da agremiação. A Figura 1 representa um modelo ilustrativo da estrutura de organização da Portela.

Figura 1 - Estrutura organizacional da Portela



Fonte: Autoria própria.

A estrutura organizacional da Portela se mostra complexa, constituída por uma teia de relações que se compatibiliza com sólidas estruturas corporativas, demonstrando que, ao menos na teoria, há uma evidente intenção que a escola seja gerida por uma gestão profissional, embora esses “profissionais” sejam portelenses que muitas vezes venham a desempenhar outras funções em suas vidas pessoais e/ou profissionais.

Para além das estruturas organizacionais burocráticas e políticas, a Portela é composta por segmentos que desempenham funções na “ponta” da escola, atuando diretamente com a comunidade: Bateria, Baianas, Velha-Guarda, Departamento Feminino, Destaques, Harmonia, Passistas, Mestre Sala e Porta Bandeira, Compositores, intérpretes, Comissão de Frente e Carnavalescos. Cada um desses segmentos possui seu “presidente” e se organiza de forma independente, possuem suas próprias responsabilidades e promovem suas ações de acordo com o calendário do carnaval e demandas da instituição.

A bateria é considerada o coração da escola, responsável pelo andamento do ritmo no desfile oficial, além dos ensaios técnicos e diversos eventos da instituição. Nomeada de “Tabajara do Samba”, a bateria da Portela possui um mestre (Nilo Sérgio), uma rainha (Bianca Monteiro) e mais de trezentos ritmistas organizados em diferentes naipes de instrumentos, cada um deles com seu respectivo diretor, que se apresenta como um sub-líder em contato direto com o mestre. A bateria da Portela possui uma sala no interior da quadra e um espaço pré-determinado para se apresentar perto do palco. É uma das atrações mais aguardadas no desfile, nos ensaios técnicos e nos diversos eventos promovidos pela escola.

As baianas representam uma das alas mais tradicionais nas escolas de samba, são obrigatórias no regulamento dos desfiles e o rodopio de suas saias são aguardados pelos apreciadores do carnaval. É uma ala composta por senhoras idosas, pretas (em grande parte) com profundas raízes familiares e territoriais no interior da instituição. As baianas não costumam sambar na avenida, seus movimentos são majoritariamente de rodopios, o que proporciona um belo efeito visual durante os desfiles. Geralmente elas surgem no começo dos desfiles, próximas das primeiras alas e alegorias. Na quadra da Portela as baianas possuem um camarote próprio, localizado próximo ao palco na parte inferior do espaço.

A Velha Guarda da Portela é dividida em Galeria da Velha Guarda e Velha Guarda Show. Esse segmento representa os princípios fundadores e norteadores da escola, acredito que seja o segmento com maior ligação histórico/familiar. Esses senhores e senhoras são responsáveis por garantir e reverberar os fundamentos e as tradições portelenses, eles preservam o passado da escola e carregam a tarefa missionária de “plantar as sementes” para o futuro. Sempre aparecem muito bem vestidos e alinhados com paletós (em azul e branco), gravatas, chapéu e sapatos extremamente limpos e vistosos. Para fazer parte da Velha Guarda é preciso ser aprovado em uma série de pré-requisitos, pois se trata de um grupo extremamente fechado naqueles que realmente viveram toda uma vida em função da agremiação. A Velha Guarda Show é um grupo musical criado na década de 70 pelo cantor e compositor Paulinho da Viola, seu objetivo era registrar e dar visibilidade ao talento de grandes músicos da Portela, uma vez que grandes composições eram perdidas e/ou esquecidas no tempo por falta de uma sistemática organização desses trabalhos. A Velha Guarda Show se apresenta em eventos da Portela, como a tradicional feijoada

da família portelense, mas realiza ainda diversos shows não só no Rio de Janeiro, mas em outros Estados do Brasil.

O Departamento Feminino da Portela é composto por mulheres “veteranas” que estão sempre presentes e vivem o cotidiano da escola, são as anfitriãs da quadra, responsáveis principalmente pela recepção daqueles que visitam a Portela, convidados muitas vezes especiais e ilustres. Possui uma presidente que organiza as ações do grupo e é responsável por aceitar ou não novas integrantes nesse espaço.

Os destaques da Portela é um segmento organizado por aqueles que aparecem em posições de destaque no alto das alegorias nos desfiles. Eles ostentam fantasias extremamente luxuosas, marcadas por exuberância e glamour. Suas ações não se limitam ao luxo nos desfiles, eles vivem o cotidiano da escola e se organizam em diferentes eventos, promovem suas próprias ações e ajudam a definir os rumos da agremiação. Os destaques possuem um camarote na quadra, na parte inferior posicionado na entrada do espaço.

As pessoas se (re)conhecem nos diversos espaços, os vínculos de amizade são criados entre diferentes grupos que frequentam a quadra e suas imediações, inclusive os comerciantes “ambulantes” da Rua Clara Nunes parecem possuir ligações identitárias com a Portela e os portelenses. Logo em seguida chegaram alguns senhores e senhoras com camisas escritas “Destaques” e se sentaram no local para comer. Os destaques são as pessoas que desfilam no alto dos carros alegóricos, eles usam fantasias luxuosas com grande volume e literalmente se destacam nos desfiles com muito glamour, pedrarias e plumas. Um deles estava comentando sobre a “festa dos destaques” que aconteceria em 19/11/2023 na quadra da Portela. O Portelão não é o espaço apenas para os “eventos oficiais”, é comum que a quadra seja utilizada pelos diferentes segmentos para realizarem suas confraternizações, isso fortalece os vínculos e mantém a comunidade inserida em diferentes contextos da Portela. (Registro de caderno de campo, 15/11/2023)

A Harmonia da Portela, na quadra, é responsável pela organização do espaço, ela conduz o público e abre-alas para que os segmentos possam se apresentar durante os eventos. No desfile ela é responsável por organizar as alas, auxiliar os integrantes e incentivar para que a escola se mantenha com um canto forte durante toda a sua apresentação.

A ala de passistas é responsável pelo “samba no pé” da escola, homens e mulheres que se apresentam como malandros e cabrochas, respectivamente. Eles ensaiam rotineiramente suas coreografias e atuam praticamente em todos os eventos oficiais da escola na quadra e/ou em outras ocasiões. São muito aguardados, sempre despertam a atenção do público presente e exibem toda a beleza da técnica em movimentos de samba, onde costumam usar diversos figurinos nessas apresentações.

Nos desfiles os passistas surgem geralmente junto com a bateria, sambam sempre no ritmo da pulsação da Tabajara do Samba.

Os casais de Mestre Sala e Porta Bandeira carregam a nobre, porém difícil missão de apresentar a bandeira (pavilhão) da escola. Sempre muito bem vestidos e alinhados, bailam com rodopios e passos de dança extremamente refinados, precisam ensaiar de forma rotineira para uma grande performance na avenida. Geralmente a Portela conta com três casais, sendo que apenas o primeiro é avaliado com notas no desfile, ficando os outros dois de reservas (apesar de também desfilarem) caso algum imprevisto aconteça.

A ala de compositores da Portela carrega o nome de Ary do Cavaco, um dos maiores baluartes da escola, criador de várias obras imortais, não só na Portela, mas no mundo do samba. Essa ala se organiza anualmente para a disputa do samba enredo que é levado para a avenida, grandes nomes como Candeia, Monarco, Paulinho da Viola, Diogo Nogueira, Toninho Geraes entre outros fazem parte da extensa lista de poetas desse time. É uma ala fechada, para fazer parte dela é preciso ser aceito por um notório envolvimento com a Portela.

Os intérpretes e os músicos de corda compõem o chamado “carro de som”, são aqueles responsáveis pelo canto da escola, a função principal é cantar os sambas clássicos em eventos, ensaiar o samba atual na quadra e apresentar a obra durante o desfile oficial na Marquês de Sapucaí. Atualmente Gilsinho é o principal intérprete da Portela, mas ele conta com a ajuda de outros cantores que o auxiliam nessa tarefa em diversos eventos em que há a participação da agremiação.

A comissão de frente ganhou grande repercussão nos últimos anos. Ela precisa ser impactante e para isso se apresenta com shows pirotécnicos, mágicas e ilusionismos, um dos espetáculos mais aguardados nos desfiles atuais. Por conta disso, essa comissão costuma fazer uma audição e contratar as pessoas que representam a cabeça da escola no desfile, geralmente são atores e/ou bailarinos profissionais. Por serem contratados, muitas vezes não possuem vínculos estruturados de pertencimento com a escola, estão ali pelo compromisso profissional, mas a importância que o cargo exige em função do julgamento e a necessidade de guardar o segredo que será apresentado por essa comissão na avenida faz com que ela tenha seu lugar na estrutura básica da agremiação.

Os carnavalescos são responsáveis por toda a concepção estética do desfile. São os artistas que criam o enredo que será contado no desfile, dão vida a alegorias e fantasias, escolhem as cores de cada setor e participam ativamente na criação de todos os detalhes do desfile. A rotina deles é focada na cidade do samba, no barracão da escola (onde o carnaval é produzido), mas costumam estar presentes nos principais eventos da agremiação durante o calendário carnavalesco. Costumam ser cobiçados por diferentes escolas de samba, é comum que eles troquem de agremiação em cada ciclo carnavalesco.

Esses segmentos (em sua maioria) possuem seus próprios “pedaços” no interior da quadra, eles circulam nos diferentes ambientes, mas seus espaços são resguardados nessa estrutura, conforme registrado no caderno de campo:

Atrás dessas cadeiras ficam camarotes reservados para alguns segmentos importantes: Ala das baianas, Galeria da velha guarda, Departamento feminino e os Destaques da Portela. A simbologia está presente em vários locais, entre o camarote dos destaques e do departamento feminino há uma parede com uma frase do sambista Candeia: “PORTELA É PERFUME DA FLOR, E AROMA NO AR, PARA SENTIR BASTA SABER RESPIRAR”. Na parte final da quadra, de frente para a entrada, há uma sala em vidros onde são exibidos diversos troféus conquistados pela Portela. Para sair e entrar é necessário passar pelas laterais dessa sala de troféus. A parte superior da quadra é toda “rodeada” por camarotes. Pessoas importantes e convidados ilustres da agremiação se posicionam nesses locais que possuem visão privilegiada do local. A presença dos camarotes na quadra é um importante movimento que visa gerar receita para a escola. Os segmentos importantes possuem seus “espaços reservados”, o que demonstra a dimensão do respeito da agremiação com a sua comunidade. (Registro de caderno de campo, 16/07/2023)

Essas estruturas ativas e organizadas que compõem os diferentes segmentos da Portela passam por disputas de poder, essas relações derivam de uma complexa articulação de elementos e poderes simbólicos (Bourdieu, 2007). Segundo o sociólogo, em todos os espaços sociais existe uma configuração própria que acaba determinando a atuação de cada pessoa, o que é permitido ou não e como deve se portar, isso sem que haja necessariamente uma imposição explícita/física que determina o modo de comportamento daquele grupo. Isso se forma por meio de uma construção no campo da socialização que internaliza e afeta a maneira com que os sujeitos enxergam e vivenciam as relações sociais. Leopoldi (2010) aponta que a dinâmica interna de uma escola de samba se estabelece a partir das relações de organizações formais (administração) e carnavalescas (prática carnavalesca, os componentes) dessas instituições.

A relação entre as duas organizações pode ser orientada a partir de seus aspectos predominantes, isto é, considerando-se a organização formal como a fonte das decisões tomadas no contexto da escola e a carnavalesca, como

o receptor dessas decisões. Esta deve, portanto, cumprir as determinações da cúpula administrativa, a qual fixa as diretrizes carnavalescas. Assim, do ponto de vista do exercício do poder, as duas organizações se hierarquizam de maneira a atribuir à formal a posição superior, isto é, de mando. Nesse sentido, a escola de samba pode ser descrita como um organismo cujas partes se dispõem hierarquicamente (Leopoldi, 2010, p. 105).

Nesses ambientes estão presentes diferentes dimensões norteadas pelo o que Goldwasser (1975) conceitua como “Campo político”, uma “área espaço-temporal onde ocorrem os processos políticos” nas escolas de samba e contribuem para alterações nos campos de forças internos da agremiação (Goldwasser, 1975, p. 172). As pessoas precisam se reafirmar constantemente dentro de seus respectivos segmentos, ser de uma determinada ala e/ou exercer algum cargo de comando desses lugares demanda uma constante tensão política na qual os comandantes e os comandados tendem a entrar em conflitos na disputa pelo poder daquele espaço. Segundo o antropólogo Clifford Geertz, no centro político das organizações sociais existem as elites que governam e

um conjunto de formas simbólicas que expressam o fato de que ela realmente governa. Não importa o grau de democracia com que essas elites foram escolhidas (normalmente não muito alto) nem a extensão do conflito que existe entre seus membros (normalmente bem mais profundo do que imaginam aqueles que não são parte da elite); elas justificam sua existência e administram suas ações em termos de um conjunto de estórias, cerimônias, insígnias, formalidades e pertences que herdaram, ou, em situações mais revolucionárias, inventaram. São esses símbolos - coroas e coroações, limusines e conferências - que dão ao centro a marca de centro e ao que nele acontece uma aura não só de importância, mas, algo assim como se, de alguma estranha maneira, ele estivesse relacionado com a própria forma em que o mundo foi construído (Geertz, 1997 p. 186).

O poder das ideias é muito forte na Portela, durante os anos foi construído e ensinado um jeito de ser, de agir e de se portar que os portelenses devem seguir. Há uma dimensão de hierarquia em todos os segmentos, lideranças que exercem um elo da diretoria com os integrantes que participam de tais grupos. É preciso respeitá-los e obedecê-los, esse poder é exercido de forma pedagógica, como se esses líderes ensinassem aos seus subordinados os modos de ser e agir dentro da agremiação de acordo com os ensinamentos daqueles que outrora passaram por ali. Embora o presidente seja a autoridade máxima, pessoas com grande relevância na comunidade, como figuras da velha guarda, exercem grande poder diante das ações da escola e acredito que possam, muitas vezes, influenciar em grande parte das decisões.

Durante o trabalho de campo, seja nas observações ou nas entrevistas, foi possível perceber uma evidente dimensão de respeito entre esses diferentes grupos. Nos eventos analisados os trabalhos se iniciavam com o locutor e/ou intérprete

saudando os segmentos da escola, que respondiam (dos seus respectivos espaços) com cumprimentos afetivos. Era muito comum o intérprete Gilsinho, antes de cantar os sambas da Portela, fazer saudação aos segmentos: *“Salve salve minha Velha Guarda! Boa noite meu departamento feminino, boa noite bateria”* (que respondia com seus batuques) e todos os outros. Do lado de fora, circulando pela quadra ou nas ruas do entorno, essas pessoas se encontram e trocam muitas afetividades, com sorriso no rosto conversavam por muito tempo sobre diversos assuntos, me parecia que se tratava de relações sinceras e recíprocas. Tal fato foi observado e dialoga com um registro no caderno de campo:

Nas mesas deles havia muitos doces, salgados, sanduíches e diversos petiscos. Me pareceu que aconteceria alguma comemoração ali, pois um bolo de aniversário se destacava para ser repartido em algum momento. Não era um grupo composto por jovens, predominavam homens e mulheres (aparentemente acima dos 40), além de muitas pessoas idosas que se organizavam naqueles espaços. Fiquei com a impressão que esses grupos operam com uma lógica de vivência familiar, eles aparentam comungar amizade e companheirismo, como se a quadra da Portela fosse uma extensão de suas casas. As pessoas que chegavam eram recebidas por seus pares com cumprimentos calorosos, sorrisos e por ali ficavam conversando por muito tempo. Parecia que todos se sentiam à vontade, estavam em casa. A socialização me pareceu se portar como um elemento de grande centralidade no pertencimento dessas pessoas. (Registro de caderno de campo, 16/07/2023)

Na entrevista com uma diretora do Departamento Social da Portela, é ressaltado essa experiência coletiva entre os segmentos da instituição:

É... Nós temos um bom relacionamento, graças a Deus, temos um presidente Fábio Pavão, que eu tenho todo o respeito, todo o carinho, total fidelidade porque é um grande gestor. Hoje eu digo pra você, eu tenho muito orgulho de ter um presidente chamado Fábio Pavão. Fábio Pavão foi desfilante da escola, Fábio Pavão esteve exatamente onde a comunidade está, ele hoje é o presidente, ele hoje é a voz maior dentro dessa escola, ele veio do povo, então assim... ele sabe exatamente o que a gente sente, o que a gente quer, o que a gente gosta. É claro que uma hora ou outra ele tem que ser um pouco rude, mas é muito bom trabalhar com o Fábio Pavão. E os segmentos da escola são maravilhosos, baianas, mestre sala e porta bandeira, todos os três casais, departamento feminino é maravilhoso, Aldaléia... Nossa! É Passistas, bateria... Bateria nem se fala. Departamento cultural, departamento de patrimônio, departamento jurídico, secretaria, administração... Enfim! É uma grande família! (Entrevista com Clara, torcida Guerreiros da Águia)

Na fala da entrevistada fica evidente seu esforço em demonstrar respeito à figura do presidente e sua fidelidade à atual gestão. Publicizar essa fidelidade é importante para demonstrar a força política do mandatário no interior da agremiação. A dimensão do conflito se mostra presente, uma vez que o presidente às vezes precisa ser rude com algumas pessoas, no entanto me parece que as relações entre os

diferentes segmentos são conduzidas e compartilhadas pela dimensão do afeto e respeito, uma relação que parece carregar laços familiares, para além de “trabalhar juntos em prol da Portela”.

Os portelenses intocáveis vivem o cotidiano da escola, estão constantemente em função da mesma, podem ser da comunidade tradicional ou eletiva (PAVÃO, 2005), são pessoas que carregam herança familiar no interior da Portela ou chegaram posteriormente e aprenderam os fundamentos básicos capitaneados por Paulo Benjamim de Oliveira. A principal característica desses portelenses é a presença constante, a doação, o compromisso não só com o passado e as tradições da Portela, mas o interesse em construir o futuro da instituição. A socialização é um elemento de grande importância nesses grupos, estar na Portela é, apesar de todo o compromisso e responsabilidade que suas tarefas exigem, uma significativa experiência de lazer e pertencimento.

2.2 - Portelenses coletivizados

Torcidas Organizadas

O fazer parte do cotidiano da Portela nos dias atuais está marcado por experiências coletivas que muitas vezes extrapolam a noção dos segmentos. Ser de algum segmento não necessariamente define a posição que essa pessoa ocupa no interior da agremiação, uma vez que é comum esses sujeitos buscarem outras formas de se agruparem e construírem vínculos socioafetivos. Uma dessas formas coletivizadas de pertencimento são as Torcidas Organizadas do carnaval. A Portela foi a primeira escola de samba a ter uma torcida organizada, criada em 2003 a torcida Guerreiros da Águia se autointitula como a “pioneira na Sapucaí”, segundo a presidenta, a

Torcida Organizada Guerreiros da águia nasceu no intuito de levantar o torcedor e elevar a moral da escola que estava lá embaixo, devido a gestão, como eu já tinha te dito... E o Marcelo Moura e um grupo de amigos: “O que a gente pode fazer para melhorar a escola? Vamos para a arquibancada fazer igual time de futebol faz, vamos lá levantar a escola, gritar para ver que eles são valorizados”. (Entrevista com Clara, torcida Guerreiros da Águia)

Segundo Pimenta e Silva (2019)

As torcidas organizadas do carnaval se apropriam dos elementos do espetáculo, da performance, da festa e do ocupar o espaço do torcer advindos das arquibancadas dos jogos de futebol. Esse movimento coloca a arquibancada em um espaço que permite a participação, o protagonismo, o reconhecimento e o pertencimento do sambista à escola. (...) As Torcidas Organizadas das escolas de samba têm forte vínculo com as escolas de samba; são compostas e muitas vezes representadas por mulheres; caracterizam-se pela festa e pelo convívio harmônico entre elas (Pimenta e Silva, 2019, p. 326).

No entendimento do autor, embora as torcidas organizadas do carnaval se apropriem dos elementos do espetáculo criado pelas torcidas no futebol, uma diferença significativa entre elas se dá em função da aparente ausência de violência, uma vez que a rivalidade e todas as questões do conflito iminente na lógica do futebol não estão presentes (a princípio) nessa perspectiva de carnaval.

Embora não seja o foco deste estudo, que direciona o olhar investigativo para uma escola de samba do Rio de Janeiro, é importante salientar que em outras realidades carnavalescas, como na cidade de São Paulo, há o fenômeno fortalecido das escolas de samba se formarem a partir de torcidas organizadas do futebol, como a Gaviões da Fiel, a Mancha Verde e a Dragões da Real. Por serem oriundas essencialmente do campo futebolístico, está presente uma preocupação de que a rivalidade neste âmbito seja transferida para o carnaval. De acordo com Hollanda & Medeiros (2018) existe um debate público acerca da presença das torcidas organizadas no carnaval de São Paulo, principalmente a partir do momento em que tais grupos começaram a exercer protagonismo nas divisões de elite do carnaval paulistano.

Para uns, a fusão das escolas-torcidas possibilitou o fortalecimento e a visibilidade do carnaval paulistano nos últimos 20 anos, beneficiando-se hoje da cobertura midiático-televisiva. Para outros, as novas agremiações ofuscam as escolas tradicionais, valem-se de um contingente de adeptos muito maior, gerando uma concorrência desproporcional, recebem dinheiro público e ainda levam ao carnaval a ameaça de ampliar focos de violência no meio, antes inexistentes (Hollanda & Medeiros, 2018, p. 25).

Souza Junior (2022) em um estudo etnográfico sobre a Gaviões da Fiel aponta que internamente essa dupla função de “sambar e torcer” causa estranhamentos e divergências de opinião na torcida que precisou aprender a ser também uma escola de samba, sendo necessário a ampliação de horizontes inclusive para a sua denominação, que passou a ser uma “Torcida que Samba”. O autor salienta que embora o termo “torcer e sambar” carregue uma dimensão que remete a noção pacífica de festa, há constantes conflitos, tensões, negociações e ajustamentos de

conduta em prol de uma “hierarquia de afetos” construída institucionalmente: “primeiro o Corinthians, segundo os Gaviões, terceiro o Samba” (Souza Júnior, 2022, p. 71).

Esse fenômeno do “torcer e sambar” característico do carnaval de São Paulo ainda não se fortaleceu no Rio de Janeiro, a simbologia dos clubes de futebol se mostra presente nas quadras das escolas de samba, mas de forma secundária. As pessoas manifestam seus clubes favoritos por meio de camisas, bonés, roupas, tatuagens e demais posturas, mas identifiquei essas manifestações como comportamentos individuais, o que se afasta dessa lógica coletiva e organizada das grandes torcidas de São Paulo. Apesar disso, é importante salientar que algumas coletividades organizadas dos clubes de futebol do Rio de Janeiro começaram a se estruturar enquanto escolas de samba, como a Botafogo Samba Clube, Flamanguaça, Raça Rubro-Negra, Imperadores Rubro-Negros, Guerreiros Tricolores, União Cruzmaltina e Força Jovem. A maioria dessas agremiações/torcidas estão nas divisões inferiores do carnaval do Rio de Janeiro, ainda desfilando na avenida Intendente Magalhães³ afastadas do destaque e do glamour da Marquês de Sapucaí.

Entre essas agremiações/torcidas, destaco a escola de samba Botafogo Samba Clube, que foi fundada em 2018⁴ por um grupo de torcedores do Botafogo Futebol e Regatas. Eles não se identificam enquanto torcedores organizados, mas a lógica de existência dessa escola de samba se dá em função da paixão pelo clube de futebol, uma vez que as cores, o nome e a simbologia estão diretamente relacionadas ao Botafogo. Essa agremiação carnavalesca com forte ligação futebolística alcançou acesso à série ouro⁵ do carnaval carioca para o ano de 2025, se aproximando rapidamente da elite do carnaval do Rio de Janeiro, o que pode culminar (em um futuro breve) em uma presença das torcidas dos clubes de futebol também no grupo especial do carnaval carioca. É fundamental que outros estudos se dediquem a compreender a lógica em construção das torcidas organizadas e agora também escolas de samba no Rio de Janeiro.

³ A avenida Intendente Magalhães é o local de desfile das agremiações da série prata e bronze do carnaval do Rio de Janeiro, equivalentes à terceira e quarta divisão da categoria. Tradicionais escolas do Rio de Janeiro desfilam nesses grupos, com o desejo de conseguir resultados para retornar à Marquês de Sapucaí.

⁴ Informações obtidas no site oficial da escola de samba: <https://botafogosambaclube.com.br/a-bsc/> - Acesso em 22/10/2024

⁵ A série ouro é a divisão de acesso do carnaval do RJ, equivalente a uma “segunda divisão” da categoria, esse grupo desfila na Marquês de Sapucaí.

A lógica de torcida organizada aliada com escola de samba que prevalece atualmente nas principais agremiações do Rio de Janeiro, incluindo a Portela, foi concebida inicialmente com o intuito de fazer o espetáculo durante os desfiles e proporcionar apoio à agremiação. Especificamente na Portela, se deu em função de um grupo de Portelenses que vislumbrou a necessidade de apoiar a escola também na arquibancada do sambódromo, um “torcer”, que apesar de utilizar as simbologias do futebol, se afasta do esporte e busca sua própria identidade carnavalesca. Além disso, é importante salientar que a atuação desses grupos vai além dessa perspectiva, se configura de forma multifacetada enquanto uma importante dimensão de identidade e pertencimento dos portelenses que frequentam a quadra.

Dessa maneira, o uso do termo torcer não denota sua real e mais constante forma de atuação enquanto entidade, visto que o ato de torcer em si, pode acontecer de fato no dia do desfile oficial, mas as ações de afirmação e pertencimento vão além dessa perspectiva, pois esses grupos se organizam de diferentes formas durante o ano. Em uma torcida de futebol essa noção possui potencialidades para ser diferente, embora as torcidas do futebol também possuam diferentes dinâmicas de atuação, elas ainda dispõem de um extenso calendário anual com vários jogos em distintas competições nas quais elas podem incentivar, apoiar, cobrar e fazer o espetáculo durante a temporada.

Na perspectiva do entrevistado integrante da bateria, muitos componentes das torcidas organizadas optam por não desfilar:

Tem o movimento forte, que é uma forma de expressão e amor pela escola, que depois foi seguido por outras, que são as torcidas organizadas, a primeira torcida organizada do carnaval do Brasil, do Rio de Janeiro, foi na Portela. E aí surgiram na Portela outras torcidas e as outras escolas foram fazendo, cada uma no seu jeito de gerir, mas todos levados em cima dessa ideia da Portela, que foi a primeira torcida organizada. São pessoas que são muito apaixonadas pela Portela, mas não desfilam porque acham que vão somar mais na arquibancada, até nos ensaios mesmo de outra forma. (Entrevista com Casquinha, bateria da Portela)

O relato do diretor de bateria da Portela acerca das torcidas organizadas dialoga com a presidenta da torcida Guerreiros da Águia no que diz respeito à intenção da fundação dessas entidades. Querer participar e contribuir de alguma forma parece ser um elemento norteador dessas ações. Essa contribuição nem sempre é possível de ser feita em forma de desfile na avenida, uma vez que as fantasias para a comunidade são limitadas e para consegui-las é necessário participar de uma exaustiva agenda de ensaios semanais, o que certamente afasta muitas pessoas. Já

as fantasias vendidas em alas comerciais possuem valores elevados, que atualmente giram em torno de dois mil reais⁶. Dessa forma muitos portelenses são impossibilitados de desfilar, o que pode ser um fator potencializador para que essas pessoas vislumbrem nas torcidas uma possibilidade de contribuição, uma alternativa de “entrar em campo para ajudar seu time”.

Além da dimensão da alternativa de “fazer parte”, as torcidas organizadas exercem a função de acolher as pessoas que frequentam a Portela, uma oportunidade de ter alguém para compartilhar aqueles momentos. Nem todos possuem companhias familiares e/ou afetivas dispostas a frequentar a quadra e os eventos da Portela, por isso ter um coletivo organizado pode facilitar esse processo. Significa ir para os eventos com a certeza que você encontrará amigos, seus iguais, pessoas com os mesmos ideais e dispostas às mesmas experiências de lazer e pertencimento.

Nesse sentido é importante pensar que essas torcidas exercem ainda um papel socializador, uma vez que foi possível observar em campo que muitos dos seus integrantes compõem outros segmentos da escola, já possuem suas alas para desfilar e se estabelecem de outras formas na agremiação. Observei compositores, integrantes da diretoria, diretores de alas e ritmistas com camisas das torcidas, comungando os mesmos espaços e participando das suas ações. Nessa linha de análise o sentido de ser da torcida organizada não está relacionado apenas com uma possibilidade de torcer e fazer parte, mas acredito que seja a oportunidade de um espaço a mais de troca, de comunhão e afeto.

A Portela possui atualmente cinco torcidas organizadas: Guerreiros da Águia, Amigos da Águia, Nação Portelense, Família Portelense e Torcida Sangue Azul. Todas elas aparentam ser atuantes no cotidiano da agremiação, na maioria dos eventos elas se apresentam com faixas e bandeiras, muitas pessoas exibem suas camisas tanto no interior da quadra quanto nas ruas próximas. As redes sociais dessas torcidas se mostram ativas e atentas em relação à rotina da Portela, pois são atualizadas diariamente com diferentes informações: Lembrete de ensaios, informações sobre o andamento das disputas de samba, comunicados oficiais da Portela, comemoração de aniversário de seus integrantes, festas promovidas por elas ou por torcidas amigas, entre outros. O portelense que frequenta a quadra e acompanha essas páginas fica sempre bem informado sobre os acontecimentos não só das torcidas, como da agremiação e do universo do carnaval de um modo geral.

⁶ Em 2024 o salário mínimo no Brasil é de R\$ 1.412,00

Ericeira (2009) ressalta a influência que as torcidas organizadas exercem no interior da Portela, ainda que não tenham “legitimidade” enquanto um segmento oficial da escola:

Os Guerreiros da Águia podem ser classificados como grupos informais de torcedores dentro da Portela; portanto, sem poder decisório dentro da agremiação. No entanto, como suas ações são planejadas e organizadas de forma coletiva, elas repercutem indiretamente na dinâmica da escola. Diretores de Harmonia, por exemplo, solicitam e quase sempre acatam as sugestões dos dois grupos sobre os modos pelos quais eles acreditam que a escola deveria ser conduzida (Ericeira, 2009, p. 41).

As torcidas organizadas do carnaval do Rio de Janeiro são estruturas que aparentam extrapolar a noção de torcer. Embora pensar em torcida organizada possa remeter inicialmente a uma noção futebolística, essa perspectiva de torcer pouco apareceu nas observações. As dinâmicas de socialização e representatividade se destacam nesses grupos, que (devido ao seu poder de influência) se destacam e se aproximam da prateleira dos segmentos importantes que compõem a instituição.

A Figura 2 representa exemplos de faixas de torcidas organizadas fixadas na quadra da Portela em dia de eventos.

Figura 2 - Faixas de Torcidas Organizadas na quadra da Portela



Fonte: Acervo pessoal.

Alas da comunidade

Outra forma de pertencer a um coletivo da Portela é pelas alas da comunidade. As escolas de samba desfilam divididas em alas, agrupamentos que subdividem a agremiação em seções compostas por cem pessoas (em média). Cada uma delas ostenta a mesma fantasia de acordo com o enredo proposto naquele carnaval. Juntas, as alas formam o “todo orgânico” do desfile, proporcionando um efeito de “tapete humano” que colore a avenida juntamente com os carros alegóricos quando a escola preenche toda a Marquês de Sapucaí.

A maioria dessas alas são constituídas por pessoas das comunidades tradicional e eletiva (Pavão, 2005) da Portela, que não precisam pagar pela fantasia, desde que participem de uma rotina de ensaios semanais após a escolha do samba-enredo, que tradicionalmente acontece em meados dos meses de outubro. É necessário fazer um cadastro anual para participar, as pessoas que desfilaram no último carnaval costumam garantir prioridade para o próximo, dessa forma é comum que tenha lista de espera para conseguir a tão sonhada vaga no desfile. É necessário fazer o pagamento de uma taxa de inscrição (que gira em torno de cento e setenta reais). Após a inscrição e pagamento, o portelense desfilante passa a integrar automaticamente o programa de sócio-torcedor da escola, usufruindo de benefícios como entrada gratuita em todos os eventos da quadra além da participação em sorteios de brindes oficiais da escola⁷.

Após a escolha do samba, inicia-se uma temporada de ensaios, tradicionalmente a Portela ensaia às quartas feiras (na quadra) e aos domingos (na rua). O ensaio de rua é como se fosse uma simulação do desfile, acontece na praça Paulo da Portela em Oswaldo Cruz, no qual a escola busca ensaiar a força do seu canto, a organização sequencial das alas e sua evolução, quesitos que receberão notas dos julgadores no desfile oficial. Os ensaios na quadra são mais direcionados para aprimorar o canto, embora foi possível identificar nas observações que há uma organização sequencial das alas também nesses ensaios. Goldwasser (1975) aponta que “*é o componente quem faz a escola*” por meio de sua performance de acordo com sua atribuição, sendo ele o “*ator principal dessa execução, esse é o momento em que encarna por excelência o seu papel de componente em sua manifestação mais pura*”. (Goldwasser, 1975, p. 67). É importante salientar que a obra de Goldwasser data de 1975, período em que o sambista desfilante de fato era o “principal astro” do desfile,

⁷ Informações obtidas no site oficial da Portela:

<https://www.gresportela.com.br/Noticias/Detalhes/portela-fara-o-recadastramento-das-alas-de-comunidade-em-junho> - Acesso em 31/08/2024

mas nos tempos atuais esses sujeitos precisam dividir os holofotes com as grandes alegorias e os diversos elementos que compõem o desfile. O componente ainda possui sua inestimável importância para o desfile acontecer, principalmente nos quesitos de “chão”, como harmonia e evolução, mas existem outros quesitos que concorrem com esse protagonismo, principalmente aqueles que geram grandes efeitos visuais e/ou pirotécnicos. Na observação em um dos ensaios da quadra, me chamou a atenção a dimensão do compromisso e responsabilidade que essas pessoas precisam empreender durante esses ensaios:

O relógio marcava 20:00, percebi que os bares estavam se esvaziando, pois, as pessoas começaram a entrar na quadra. Nesse momento houve um “boom” de carros de aplicativo desembarcando portelenses, pessoas chegando a pé, estacionamentos movimentados e um aumento de fluxo no portão principal. As catracas estavam liberadas, era necessário apenas passar por uma revista para adentrar ao Portelão. Voltei para a quadra, lá dentro a comunidade aguardava sentada os trabalhos iniciarem, não havia nenhuma banda de samba ou som mecânico para “aquecer” as pessoas, como ocorreu nos eventos anteriores, principalmente aqueles com maior volume de turistas. Tive um sentimento que as pessoas estavam ali pelo compromisso com a escola, ser da comunidade pode se configurar enquanto uma grande experiência de lazer, porém chegar ao Portelão para ensaiar naquela noite de extremo calor em um feriado na quarta feira representava um “lazer sério” para aquelas pessoas, uma vez que a fruição daquele momento se dava pela necessidade de se obter uma performance e qualificar o “canto” da escola. Fazer o carnaval demanda postura de entrega e doação de todos os envolvidos, aquelas pessoas que se preparavam para ensaiar são as mesmas que entrarão na Marquês de Sapucaí para defender a escola, passando por um julgamento rigoroso em diversos quesitos. A comunidade “entra em campo”, o ser portelense para eles diz sobre a necessidade de se envolver, qualificar e melhorar cada vez mais, eles possuem grande papel no desempenho da agremiação, podem levá-la ao título ou contribuir para o seu fracasso. (...) quem de fato exerce o papel de segurar “no peito e na raça” são as pessoas da comunidade, elas se comprometem, abrem mão de estarem em suas casas para ajudarem a Portela a se preparar para o carnaval nesse intenso (porém prazeroso) período de ensaios. (Registro de caderno de campo, 15/11/2023)

Essa perspectiva do compromisso que essas pessoas empregam na rotina de ensaios pode se relacionar com a lógica de “lazer sério” (*Serious leisure*) trabalhada por Robert Stebbins. Segundo o autor, a dimensão da prática sistemática, carregada de importância, sendo gratificante, com foco na aquisição de habilidades e centrada na conquista, se relaciona com essa linha conceitual que se esforça para compreender as práticas de lazer “levado a sério” (Stebbins, 2014). Os portelenses desfilantes precisam percorrer uma maratona de ensaios (prática sistemática) que carrega uma importância crucial para a agremiação, uma vez que o sucesso do desfile depende da qualidade desses ensaios, por isso o foco é na conquista. Apesar de ser intenso e muitas vezes cansativo, ensaiar para essas pessoas é uma atividade gratificante. Foi possível perceber, nas observações realizadas, o prazer deles por

estarem ali presentes durante todo o processo, desde a chegada, durante os ensaios (que requer técnica e desempenho) e após o término dos mesmos, onde muitos portelenses se reuniam nos bares próximos da quadra.

Os estudos no campo do lazer alcançaram maturidade conceitual com diversos pesquisadores que empreendem esforços para elaborar a sua melhor definição, destaque Gomes (2014) e Melo (2010) como importantes contribuições. Não é minha intenção neste trabalho discutir o conceito de lazer, tão pouco buscar elementos para “encaixar” as definições existentes no meu objeto de pesquisa e/ou na realidade encontrada em campo durante as observações. Acredito que uma comunidade de escola de samba e todas as questões que perpassam sua existência não precisam ser “encaixotadas” em um conceito, pois ela, devido a sua grandiosidade e riqueza de elementos, pode carregar diversas especificidades que extrapolam as “pequenas” linhas conceituais. Apesar disso, acredito que os conceitos e toda produção acadêmica contribuem de forma fundamental para leitura e compreensão da realidade estudada e vivenciada.

A linha conceitual do lazer sério (ou do lazer levado a sério) possui elementos que a tornam capaz de contribuir com a reflexão acerca das diferentes experiências que o lazer pode proporcionar, embora se trate de uma proposta sensível à questionamentos e contraposições, como Gomes (2023)⁸, Oliveira e Doll (2014) e Ribeiro e Santos (2020). Esses autores (e outros) reconhecem e apontam legitimidades no esforço conceitual de Stebbins, mas ponderam algumas questões a servirem como alerta para a sua utilização, como o fato de ser um conceito estático com pouca evolução desde a sua criação na década de 1970. Além disso, apontam que esse conceito se torna problemático por ser dicotômico ao tratar o lazer sério e casual. Há também o argumento de que suas sínteses conceituais e as classificações não são capazes de expressar com profundidade os trabalhos etnográficos que buscam compreender a realidade observada por essa ótica conceitual.

Acredito que para afirmar que a rotina de ensaios sistemáticos da comunidade portelense seja possível de ser analisada pela perspectiva do lazer sério, seria necessária uma pesquisa específica com esse objetivo, o que escapa das pretensões do presente estudo. No entanto vislumbro (a partir das observações em campo) que, se portando de forma atenta com os limites operacionais dessa linha, é possível

⁸ Artigo publicado no Blog Estudos do Lazer - BELA
<https://estudosdolazer.wordpress.com/author/chrislucegomesgmailcom/> - Acesso em 23/10/2024

identificar (na vivência prática) nuances que remetem ao que é construído nos estudos de Robert Stebbins.

A Figura 3 representa as alas da comunidade se preparando para ensaiar na quadra da Portela.

Figura 3 - Alas da comunidade se preparando para ensaiar na quadra da Portela



Fonte: Acervo pessoal.

Coletivos organizados

Outros grupos se fazem presentes e se organizam enquanto coletivo, porém preferem se afastar da nomenclatura “torcida”, talvez em função das diferentes narrativas que o torcer carrega, principalmente aquelas relacionadas com o futebol. Em uma das incursões a campo, me deparei com um desses grupos e busquei aproximação, mas nem sempre as investidas são feitas com sucesso, o processo de formação do pesquisador pode proporcionar múltiplas aprendizagens, principalmente na prática:

Em um dos bares havia um grupo significativo de pessoas com uma camisa identificada como “Amigos do quintal da Portela”, fiquei na dúvida se eles eram uma torcida organizada ou não. Me aproximei das pessoas, observei detalhes das camisas e não percebi nenhuma identificação enquanto uma torcida. Esse grupo era composto majoritariamente por pessoas idosas, homens e mulheres.

Um deles, que parecia exercer uma liderança, possuía uma lista (escrita à mão) com diversos nomes, um saco preto com muitas camisas ensacadas, associado com um copo de cerveja em uma das mãos e um óculos de leitura que atrapalhava o manuseio e a organização dos itens. Muitas pessoas se aproximavam desse senhor, davam seus nomes e, após conferência, recebiam a camisa em mãos. Fiquei curioso e tentei buscar formas de me aproximar dessas pessoas, porém não percebi aberturas para tal. Tentei a troca de olhares, o sorriso, mas em meio à multidão presente, nenhuma dessas técnicas pareciam eficazes. Percebi que um desses senhores usava um chapéu do Botafogo, calculei então que o assunto futebolístico poderia ser uma oportunidade de aproximação. Não tive dúvidas, olhei fixamente para esse senhor e o indaguei: “E o fogão, leva o brasileirão esse ano?”. O Senhor me olhou fixamente nos olhos e respondeu: “Se não for esse ano, nunca mais”. A partir daí começamos a conversar durante um tempo significativo, quebramos o gelo e a prosa sobre o botafogo fluiu. Tentei então mudar o foco da conversa e perguntar sobre o coletivo o qual ele fazia parte: “E essa camisa aí, bonita heim?”. A resposta foi seca: “Bonita, né? Obrigado”. Então eu voltei a perguntar: “Vocês são uma torcida organizada?”. Essas foram as piores palavras para aprimorar a aproximação, pois o senhor claramente não gostou de ser percebido como uma torcida organizada, respondendo de forma fria e definitiva: “Não, não somos uma torcida, somos um grupo”. Após a resposta, ele se virou de costas, disse que precisava sair e se afastou de mim. (Registro de caderno de campo, 06/10/2023)

O “fazer etnográfico” é repleto de variáveis que transitam em uma linha tênue que separa o sucesso do fracasso. Muitas vezes a aproximação ou o afastamento com o interlocutor pode depender de um simples gesto, expressão e/ou modo de agir. Nesse caso, o uso da palavra “torcida” me afastou de uma possível riqueza de informações que poderiam ser obtidas caso o pesquisador em formação utilizasse as palavras que o integrante do grupo “gostaria” de ter ouvido. Essa avaliação reflexiva só é possível de ser realizada após os acontecimentos, pois o “calor do momento” não disponibiliza tempo hábil para tais reflexões durante a ação em campo.

O pertencer à Portela e fazer parte de seu cotidiano se configura muitas vezes enquanto uma ação coletiva. As pessoas buscam aquele espaço com a expectativa do encontro e da troca de afinidades. Nas incursões a campo identifiquei um grupo de mulheres com a camisa escrita “mãe de passista”. Elas se organizaram coletivamente para dar suporte às suas filhas na rotina de ensaios e apresentações do segmento. Sempre juntas, elas se reúnem ainda nos arredores da quadra para lanchar, tomar uma cerveja e bater papo. Dentro da quadra atuam nos bastidores para que as passistas consigam exercer a função pela qual são designadas. Essas mulheres muitas vezes precisam abrir mão de outras tarefas para acompanharem suas filhas, como é comum encontrar em mães de bailarinas e/ou atletas potenciais em formação.

Percebi que o “fazer parte” desses grupos pode estar relacionado com uma lógica de ascensão social relacionado com uma tradição familiar. Por trás dessas “pequenas” passistas acompanhadas de suas mães há uma estrutura familiar que vive

(em grande parte) historicamente a Portela em diferentes gerações e segmentos. As passistas ocupam posição de destaque na agremiação, quando se apresentam todos os holofotes se voltam para elas, muitas câmeras, fotos e filmagens são comuns durante a apresentação, chama a atenção a técnica única de sambar aliada com a exuberância estética (dos movimentos e das passistas) o que as tornam um grande atrativo midiático potencializador de “likes” nas diferentes redes sociais. Acredito que esse seja um fator que pode possibilitar que essas meninas, muitas delas periféricas, alcancem a fama e o sucesso midiático.

Esses coletivos organizados podem se apresentar de maneira volátil, de acordo com a demanda e (talvez) principalmente com a disponibilidade das pessoas que se propõem a tocar suas ações. No início dos anos 2000 se fortaleceu um grupo denominado “Portelaweb⁹”, eram portelenses organizados em função de uma página na internet com o intuito de promover as raízes históricas da Portela, ser um acervo de fotos, sambas, literatura, informações e notícias que envolvessem a Portela. Naquela época ainda não havia o fortalecimento das redes sociais, os sites e a perspectiva virtual ainda se configurava enquanto uma novidade naquele universo. O grupo que gerenciava essa página buscava influência dentro da agremiação e participava das questões políticas da mesma, conforme aponta Ericeira (2009):

Em 2004, houve eleição para o cargo de presidente da Portela, na qual os membros da equipe saíram politicamente derrotados. Os integrantes da Portelaweb voltaram a frequentar regularmente a quadra da agremiação apenas em meados de 2005. Nesse transcurso, o seu ciberespaço foi desvinculado da administração da Portela, tornando-se um site não-oficial, após ficar temporariamente off-line (Ericeira, 2009, p. 40).

Com o passar dos anos, esse grupo aparentemente se enfraqueceu no interior da Portela, durante as observações fiquei atento se encontraria alguém que o representasse, mas não foi possível perceber a identificação dos seus integrantes. O site Portelaweb ainda está no ar, porém parece estar abandonado, uma vez que suas últimas atualizações são de 2016.

Enquanto pesquisador exercendo o papel de observação me sentia um pouco deslocado naquele ambiente, pois estar sozinho e não conhecer ninguém era um fator limitante. Eu circulava muitas vezes como um legítimo “peixe fora d’água” diante de um mar de pessoas conversando, sorrindo, bebendo e compartilhando, seja no interior da quadra ou nas ruas próximas. Era difícil se aproximar desses grupos, pois se

⁹ <https://www.portelaweb.com.br/> - Acesso em 02/09/2024

demonstravam muito endógenos. Em todas as tentativas de estabelecer contato eu ficava com a impressão de estar incomodando grandes amigos que dispunham de um tempo curto e precioso para matar a saudade, bater papo e colocar a prosa em dia.

Os portelenses coletivizados que frequentam a quadra da Portela buscam se agrupar em diferentes coletivos, sejam torcidas organizadas, alas, segmentos ou simplesmente grupos de amigos com propósitos em comum. Fazer parte desses coletivos aparentou ser um fator fundamental de fidelização desses sujeitos às rotinas e ações da escola, acredito que poucos portelenses assíduos frequentam a quadra de maneira “freelancer” sem criar vínculos identitários em algum desses grupos identificados.

2.3 - Portelenses de fora

É comum pensar que a comunidade está circunscrita aos portelenses que frequentam a quadra, desfilam, participam dos segmentos, dominam os códigos e são assíduos nos eventos proporcionados pela Portela. Acredito ser importante problematizar essa afirmação, o conceito de comunidades imaginadas trabalhado por Benedict Anderson ajuda a compreender melhor esse processo. Para o historiador, as comunidades reais seriam aquelas em que todos se conhecem, como exemplo um vilarejo de poucos moradores. Com o passar dos anos e o crescimento e avanço comunitário, cria-se uma comunidade imaginada na qual as pessoas não teriam mais condições de se conhecerem. Esse afastamento identitário não impede que essa comunidade (mesmo que não se conheça) mantenha o censo de projeto, de coesão e de união. (Anderson, 2005).

As visões que (ainda nos dias atuais) limitam a comunidade da Portela aos arredores do bairro talvez não tenham a dimensão da globalidade alcançada pela agremiação, que sofreu grande influência do poder midiático nesse processo. O primeiro disco com os samba-enredo das escolas de samba foi gravado para o carnaval de 1968, mesma época em que se iniciaram e fortaleceram as transmissões dos desfiles pela televisão, conforme aponta Figueiredo (2005). Sérgio Cabral salienta o quanto a transmissão dos desfiles para o restante do Brasil já era lucrativo para a televisão em 1972, fato que despertou o interesse das escolas de samba nesse “produto”:

A Associação das Escolas de Samba fez em 1972 a sua primeira tentativa concreta para fazer valer o direito de arena, ao entrar com uma ação na Justiça exigindo que as

emissoras de tevê pagassem uma taxa pela transmissão do desfile. Como até o carnaval a Justiça nada resolveu, as tevês continuaram a cobrir o evento sem pagar nada aos seus protagonistas. Ainda em relação ao carnaval daquele ano, vale a pena destacar que, na manhã do dia do desfile, Natal da Portela sofreu um infarto e foi internado no Hospital Souza Aguiar, de onde fugiu, à noite, para desfilar na escola (Cabral, 1996, p. 273).

Com a transmissão dos desfiles para todo o Brasil, aliado a comercialização dos discos com os sambas de enredo das escolas, houve um processo de massificação do samba e desse modelo de carnaval, as agremiações saíram das bolhas dos seus respectivos bairros, a região de Oswaldo Cruz e Madureira ficou pequena para a Portela, que passou a ter adeptos aficionados em diversas partes do Rio de Janeiro e do Brasil. Juntamente com esse processo, no caso específico da Portela, grandes figuras da música popular brasileira passaram a cantar a Portela em suas canções, trazendo visibilidade à velha guarda e toda a riqueza que era produzida nos quintais, terreiros, feijoadas e eventos da instituição. Nomes como Clara Nunes, Paulinho da Viola e Candeia são pioneiros e obrigatórios nessa lista, com o passar dos anos surgiram outros, como João Nogueira, Luiz Ayrão, Zeca Pagodinho, Marisa Monte, Teresa Cristina e tantos outros.

Uma frase cunhada pelo historiador Luiz Antônio Simas diz que *“As escolas de samba não existem porque desfilam, elas desfilam porque existem”*. Embora o desfile seja um elemento central na Portela, a musicalidade expressa por meio do samba de terreiro e grandes personalidades da música é uma referência significativa que atraiu muitos portelenses para a escola, principalmente para aqueles de fora do Rio de Janeiro:

A maioria do Portelense vem de herança, eu não vim de herança, eu me deparei, mas a maioria que eu conheço é uma herança que ele ganhou, ele herdou de alguma coisa, da avó! Igual... A Clara Nunes, sempre aparece o nome da Clara Nunes, então eu acho que ela foi uma pessoa que encantou muito, e as mães, as avós gostavam muito dela, então ela foi muito executada nas casas brasileiras, vamos dizer assim. E aí eu acho que muita gente herdou por ali, pela Clara Nunes, aí a Clara Nunes trouxe a velha guarda, a velha guarda é Portela (...) Então eu acredito que ela foi a embaixadora, como nós do consulado, ela foi a cônsul da Portela, ela e Paulinho da Viola, que ainda hoje é, é o cônsul, é a pessoa que vem aqui te falar “Olha, vem aqui que eu vou te mostrar que tem outras coisas, assim”. Então essa herança pra nós aqui, lá na Portela existe uma herança, vamos dizer entre aspas familiar e física, vamos dizer... Aqui nós temos uma herança artística e cultural. Para você ver o tamanho que é uma Portela, nós estamos falando de uma época que era disco, ou seja... não existia esse movimento de hoje, não existia o influenciador digital portelense que ficava falando e as pessoas vão adentrando na Portela. Então a influenciadora na época, pelo que eu percebo, a Clara Nunes foi uma grande influenciadora, vamos dizer assim. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Essa questão musical aliada a um encantamento proporcionado pelo espetáculo do desfile é um fator que atraiu esse outro portelense de fora do Rio de Janeiro:

Eu me lembro assim que meu pai sempre me permitiu, durante os dias do desfile que eram transmitidos na televisão, eu era o único que era permitido passar a noite acordado assistindo pela televisão, quando a gente era criança. E eu acho que o encantamento foi pela televisão, provavelmente... Porque era preto e branco ainda, mas foi na década de 60 minha infância (...) E aí me lembro também que meus pais também, eram LP's na época, eles compravam muitos discos de sambas, de MPB e muito de samba também, dentre esses tinha a coleção inteira da Clara Nunes, que é uma grande referência nossa, portelense e de música brasileira mesmo, né? Principalmente de samba também. E aí eu tinha todos os discos de Clara Nunes, aí eu comecei a perceber depois na década de 70 quando ela começou a desfilar e tal. (Entrevista com Rufino, portelense de Uberaba - MG)

A partir desse encantamento proporcionado principalmente pelos desfiles e/ou sambas e sambistas icônicos da Portela, muitas pessoas de fora do Rio de Janeiro criam vínculos identitários com a agremiação, elas se sentem pertencentes daquele lugar e passam a cultivar seus símbolos, códigos, valores e normas de conduta. Esse sentimento de pertencimento é criado mesmo que a pessoa nunca tenha ido à quadra, desfilado ou participado de qualquer ação da escola. Essas pessoas são portelenses legítimas, embora não possuam ligação física, territorial e familiar.

Uma parcela dessas pessoas, com o intuito de “avançar” nesse pertencimento, buscam formas de “encurtar” essa distância física e ter algum nível de aproximação com a escola, que pode acontecer por meio de participação esporádica em eventos na quadra, assistir aos desfiles oficiais na Marquês de Sapucaí, desfilar em alas comerciais e/ou participar de grupos como os consulados da Portela.

Eventos na quadra

O intérprete oficial, Gilsinho, saudou o público e disse saber que ali estavam presentes pessoas de diferentes cidades, passando a chamar uma a uma. A cada “cidade chamada” seus representantes respondiam com gritos efusivos. A cidade de São Paulo foi a mais aclamada, me pareceu que um grupo se organizou em “excursão” para a feijoada, percebi ao longo do dia algumas pessoas com camisa do “Consulado da Portela” de São Paulo e outras com camisas de clubes de futebol e escolas de samba paulistas. (...) Essa forte presença paulista (e de outras cidades) evidenciou que o pertencimento pela Portela pode ultrapassar os limites de Oswaldo Cruz e Madureira e do Rio de Janeiro. É possível que haja uma potencialidade identitária nos turistas, pessoas que talvez não possuem ligações histórico-familiares fomentam eventos em prol da escola em outros estados, e, apesar de muitos deles não dominarem os códigos das comunidades portelenses, vivem a instituição em sua rotina e podem possuir notável pertencimento pela mesma. Considero ser

inadequado que essas pessoas sejam rotuladas enquanto turistas sem um devido aprofundamento, é preciso encontrar o lugar delas, o “ser da comunidade” pode não estar restrito a frequentar as dimensões físicas da rua Clara Nunes. (Registro de caderno de campo, 14/10/2023)

É comum encontrar nos eventos da quadra portelenses de outras cidades do Brasil, o poder turístico do Rio de Janeiro atrai pessoas de diferentes localidades, que por muitas vezes aproveitam a estadia e procuram por atrações na quadra para terem a oportunidade de conhecer a Portela. Entre os eventos analisados para essa pesquisa, o que notei maior engajamento de portelenses de fora do Rio de Janeiro foi a “Tradicional Feijoada da Família Portelense”. Famosa pela música “No pagode do vavá” de Paulinho da Viola, os versos *“Provei do famoso feijão da Vicentina, só quem é da Portela é que sabe que a coisa é divina”* se apresentam como um convite irrecusável para os portelenses sonharem em comparecer e provar essa iguaria tradicional que é servida no primeiro sábado de cada mês na quadra da Portela.

É importante pensar que o fator de pertencimento é um elemento central que leva esses sujeitos até o bairro de Madureira, pois não se trata de uma região com atrativos turísticos midiáticos. Vinte e dois quilômetros separam a quadra da Portela do centro da cidade, então para aqueles que buscam apenas uma experiência em uma quadra de escola de samba é mais viável visitar o Salgueiro, a Mangueira, a Unidos da Tijuca, a São Clemente ou outras que se localizam mais próximas do eixo centro - zona sul. Aqueles que enfrentam o trânsito da avenida Brasil ou se dispõem a embarcar no trem da estação Central e passam por quinze estações até Madureira e depois caminham mais de um quilômetro até a rua Clara Nunes, provavelmente possuem algum vínculo identitário com a Portela.

Desse modo é importante problematizar que a categoria “turistas” rotula os portelenses de fora de maneira limitada, há uma dimensão de pertencimento que essas pessoas carregam que não deve ser ignorada. Elas podem não fomentar (a princípio) os códigos comunitários de quem vive na Portela diariamente, mas realizam notável esforço para estarem presentes de alguma forma na instituição. Na maior parte do tempo essas pessoas estabelecem vínculo com a Portela por meio virtual, acompanhando as notícias pelo Instagram / Facebook, comentando e discutindo nas publicações e participando de grupos de Whatsapp. Essa nova forma de se estabelecer enquanto comunidade diz muito sobre a “comunidade em constante transformação” trabalhada por Pavão (2005) e dialoga com o que Almeida *et al.* (2011) chama de *comunidades imaginadas virtuais*, marcada por interrelações virtuais e pela

presença imaterial das pessoas participantes, o que se configura enquanto uma ressignificação da concepção de sociedade moderna.

Arquibancada da Sapucaí - “Portela na avenida”

As luzes da Sapucaí mudaram de tom enquanto a Mocidade acabava de se dispersar, canhões de LED projetavam na avenida e nas arquibancadas luzes azuis, era o primeiro “anúncio” que a Portela estaria na avenida. (...) Em seguida, o intérprete Gilsinho em suas primeiras palavras gritou: “Alô setor 1”, uma clara demonstração de afeto pelo setor que talvez carregue a maior identidade das comunidades que participam das escolas de samba. Na sequência cumprimentou os segmentos da agremiação e iniciou rapidamente o “esquenta” com o antológico samba “Portela na Avenida”, da imortal cantora Clara Nunes: “Salve o samba salve a santa salve ela, salve o manto azul e branco da Portela, desfilando triunfal sobre o altar do carnaval...” (...) O esquenta foi um grande momento de catarse, o público cantava massivamente, independente da escola de coração, acredito que o esquenta seja um dos momentos que os sambistas mais aguardam para presenciar na avenida. Há diversos exemplos de esquentas antológicos que já passaram por aquela passarela, considero ser difícil que alguma escola (principalmente as grandes) inicie seu desfile sem procurar fazer um grande samba esquenta. Foi apenas uma passagem do samba (mas o suficiente para emocionar) (...) O desfile foi exuberante, à altura das tradições e da grandiosidade da Portela, mas é pouco diante do tamanho da escola e das pessoas que participam de alguma forma de todo o processo. (Registro de caderno de campo, 12/02/2024)

No desfile oficial é possível perceber a presença de muitos portelenses nas arquibancadas, muitos deles são de outras cidades e reafirmam seu sentimento pela agremiação comprando ingresso e assistindo o desfile ao vivo na avenida. Pessoas que residem no Rio de Janeiro também frequentam a Marquês de Sapucaí para acompanhar sua escola de samba favorita. O lugar dos apreciadores do carnaval, mesmo aqueles que moram no Rio de Janeiro, não é apenas a quadra das escolas de samba, foi possível identificar muitos portelenses residentes no Rio de Janeiro acompanhando a Portela nas arquibancadas do sambódromo.

As arquibancadas da Marquês de Sapucaí são divididas em lados pares e ímpares, de um lado da avenida Presidente Vargas, marcado pela presença de um prédio dos Correios, fica as arquibancadas pares (setores 2, 4, 6, 8, 10 e 12), do outro, identificado por um prédio apelidado de “balança mas não cai”¹⁰, ficam as

¹⁰ O Edifício apelidado de “Balança mas não cai” é uma verdadeira instituição do carnaval do Rio de Janeiro, uma referência para as escolas de samba, muitos desfilantes preferem se concentrar ao lado desse conjunto habitacional pela proximidade com a estação Central do Brasil que gera um “melhor policiamento”. Existe um simbolismo no imaginário carioca em torno desse prédio, muitos afirmam que ele balançava e estava cedendo, o que gerou (durante muitos anos) um receio popular em torno de sua estrutura.

oficial dos desfiles ocorre na divisa do setor 1 com os setores 2 e 3, dessa maneira o setor 1 é a última oportunidade das escolas se arrumarem para a apresentação, nesse ponto os erros são “permitidos” pois ali não há cabines de jurados e ainda não é o início “oficial” dos desfiles. Por ser um setor das comunidades, as escolas de samba costumam dar atenção especial para esse público, distribuem camisas e bandeiras, as baterias fazem apresentações especiais, bossas e paradinhas, as comissões de frente se apresentam, tudo com o intuito maior de angariar o apreço dessas pessoas.

Após o setor 1, a rua Benedito Hipólito atravessa a Marquês de Sapucaí. Em dias normais o trânsito é liberado nesta via, durante os desfiles esse trecho é utilizado para o primeiro recuo das baterias. A partir dali há a demarcação de início do desfile. Os próximos setores (2 e 3) foram vendidos pela LIESA para o carnaval de 2024 por R\$290,00 (inteira) para cada dia de desfile no grupo especial. O setor 3 é o mais concorrido entre os apreciadores do carnaval, geralmente é o primeiro a ter seus ingressos esgotados.

Acredito que essa preferência por esse setor aconteça por alguns motivos: O primeiro deles é pelo fato dele estar no começo do desfile, desse modo é possível acompanhar os “esquentas”, que geralmente são sambas históricos das agremiações cantados pelos intérpretes como forma de “arrancada do desfile”, momento de grande emoção para os apaixonados pelo carnaval. O segundo motivo é por estar perto do primeiro recuo da bateria (que fica ao lado do setor 2), com isso a bateria (que é o coração das escolas) fica perto desse setor por um tempo considerável. O terceiro motivo é pelo fato da primeira cabine de jurados estar posicionada nesse setor, assim todos os segmentos das escolas se apresentam voltados para esse público. Também pode ser considerado um motivo pertinente o fato de ser possível acompanhar os carros alegóricos fazendo a curva para entrar na avenida, momento de grande tensão pois em muitas oportunidades essa entrada costuma apresentar problemas, o que se transforma em verdadeiros dramas (ou histórias de sucesso) para as escolas de samba. As torcidas organizadas da Portela se posicionam nesse setor com faixas e bandeiras, é o setor mais procurado por aqueles que acompanham as escolas de samba.

Os setores 4 e 5 também foram vendidos neste carnaval por R\$290,00, eles possuem uma localização mais direcionada para o meio da avenida, porém não possuem cabines de jurados. O setor 6 foi vendido por R\$350,00, já o setor 7 custou R\$300,00. Eles se posicionam em uma porção mais central da Sapucaí, acredito que

o setor 6 tenha um valor mais elevado por ali haver uma cabine de jurados. Os setores 8 e 9 ficam perto do segundo recuo de bateria, onde a avenida Salvador de Sá atravessa a Marquês de Sapucaí. O setor 8 teve um valor de 350,00, já o setor 9 é denominado de “Arquibancada Turística”, a maioria dos ingressos nesse local são reservados para agências de turismo parceiras negociarem com seus clientes. A LIESA vende ingressos neste setor, mas o valor para o carnaval de 2024 foi de R\$550,00. Após segundo recuo de bateria estão os setores 10 e 11, já direcionados para a parte final do desfile. No setor 10 há uma cabine de jurados, ambos foram vendidos por R\$290,00. Os setores 12 e 13 são os últimos, chamados de “arquibancadas populares”, os ingressos foram vendidos a R\$15,00 nesses locais. A desvantagem desse setor é o fato de a arquibancada ser recuada em relação às demais, o que proporciona uma elevada distância da avenida. Na frente dos setores 12 e 13 estão as cadeiras especiais, são lugares com assentos individuais que se localizam em um plano mais próximo dos desfiles, foram vendidos por R\$290,00 cada cadeira. Após esses setores está a praça da apoteose, onde os desfiles se encerram, os carros alegóricos se dispersam por trás do setor 12 enquanto os desfilantes saem por trás do setor 13.

Os camarotes ficam posicionados embaixo de cada setor e nos espaços entre cada segmento de arquibancada. A Portela possui um camarote localizado no setor 3. Os camarotes são negociados pela LIESA diretamente com empresas e/ou grandes marcas. Esses lugares são cobiçados também pelo fato dali circularem celebridades midiáticas. Costumam ser “open bar e open food”, é comum acontecerem shows musicais com bandas e/ou DJ's paralelamente aos desfiles das escolas de samba. Geralmente as pessoas entram nos camarotes com camisas personalizadas. O camarote da Portela foi comercializado por uma quantia inicial de aproximadamente R\$2.000,00 para cada dia de desfile, mas o valor é variável e depende de cada empresa que detém o seu uso. Há uma tensão que permeia a relação dos amantes do carnaval com os camarotes, uma vez que esses espaços são privilegiados para assistir os desfiles, porém as pessoas que o frequentam (em sua grande parte) possuem pouca (ou nenhuma) afinidade com as escolas de samba. Muitas vezes a música eletrônica nesses espaços fica tão alta que atrapalha as arquibancadas de ouvirem o som das agremiações que estão desfilando, gerando conflitos e diversas reclamações dos aficionados pelo carnaval.

As frisas são cadeiras individuais que se localizam em cercados bem próximos da avenida, praticamente no mesmo nível do asfalto da Marquês de Sapucaí. Elas são divididas em fileiras de A a D, sendo a fileira A mais próxima da avenida e a fileira D mais distante. Os assentos da fileira A são mais caros, talvez pela proximidade maior com a avenida. Cada frisa possui capacidade para seis pessoas, a LIESA comercializa apenas a frisa inteira (seis lugares), mas é possível comprar a cadeira individual através de revendedores terceiros. O valor de uma frisa inteira variou de R\$5.000,00 a R\$8.000,00, dependendo da fileira e/ou da posição da frisa na avenida. Nos setores 12 e 13 também haviam frisas (na frente das cadeiras especiais), os valores variaram de R\$1.375,00 a R\$2.750,00.

As arquibancadas não possuem cadeiras, é necessário sentar nos degraus de concreto, assim como nos estádios de futebol antes do processo de modernização que se fortaleceu a partir da Copa do Mundo de 2014. Acredito que a inexistência de cadeiras não seja um problema, e sim um elemento que potencializa a liberdade de movimentação corporal das pessoas, pois muitas delas movidas pela pulsação musical das escolas acabam caindo no samba, o que seria dificultado (ou impossibilitado) caso houvesse cadeiras nesses locais. Todas as arquibancadas, cadeiras especiais e frisas não possuem coberturas, caso chova o público desses setores acaba se molhando, por isso é recomendável levar capa de chuva por precaução.

Me aproximei da entrada do setor 1, que se dá pela rua Benedito Hipólito, naquele momento ainda não havia catracas e pessoas no local responsáveis por controlar a entrada com a validação dos ingressos, como o portão estava aberto eu entrei no setor sem nenhum impedimento. Utilizei o banheiro e tive acesso às arquibancadas do local, em seguida circulei pelos bares, comprei uma “água mineral” e permaneci ali por um tempo observando os espaços da Marquês de Sapucaí. Como os portões ainda não estavam abertos para o público, havia o fluxo apenas das pessoas que trabalham no local: Seguranças, equipe de limpeza, atendentes dos bares, representantes das marcas parceiras etc. Acredito que eu poderia ficar por ali “infiltrado” até abrirem os portões (que não faltava muito tempo) e assim assistir os desfiles mesmo sem ter o ingresso, só me bastava a “paciência” de esperar. Era tentador, mas o pesquisador em formação precisava continuar sua jornada de observação. Saí do setor 1, fui até o portão que dá acesso ao setor 3 e encontrei uma pessoa na portaria, me aproximei tal qual um integrante daquele espaço com “certeza de entrada” (igual havia feito na concentração) e ali também entrei sem ser impedido. Dentro do setor 3 havia outras portarias para os camarotes, arquibancadas e frisas, não arrisquei entrar nos camarotes e nas frisas, mas consegui me posicionar na arquibancada, admirei uma excelente vista para a avenida, onde o sol já começava a dar sinais de despedida, depois circulei pela parte inferior do setor onde já era possível sentir o cheiro de comidas que eram preparadas nos camarotes, muitas pessoas trabalhavam no carregamento e acondicionamento de bebidas, havia um grande fluxo de bebidas para seus respectivos bares. Notei que no setor 3 havia uma preocupação maior com a estética do lugar, diferente do que percebi no setor 1 (que é um setor popular), painéis

decorativos, iluminação sofisticada e muitas pessoas responsáveis pelo controle do espaço. Havia também mais opções bares e comidas do que no setor 1. Mais uma vez fui tentado pelo “sobrenatural de almeida” a permanecer ali (de forma infiltrada) para assistir os desfiles da arquibancada mais cobiçada da avenida, mas estava firme em minha jornada acadêmica e saí do setor 3 (com dor no coração) para buscar outras possibilidades observativas naquele dia/noite. (Registro de caderno de campo, 12/02/2024)

Muitas pessoas que acompanham o carnaval consideram o desfile como o momento máximo de uma escola de samba, a exuberância estética, artística e musicalidade que os desfiles proporcionam são, sem dúvidas, uma ótima opção para se aproximar da Portela, principalmente para aqueles que dispõem de poucas oportunidades durante o ano. O pertencimento e a participação para essas pessoas não se dão necessariamente na quadra e nos eventos, mas na assistência do espetáculo proporcionado pela escola. Além disso, no desfile é possível ver o espetáculo como um todo e acompanhar as outras escolas de samba, feito que se torna um “pacote completo”, uma vez que é possível estar presente em um momento importante da Portela e ao mesmo tempo ver as demais agremiações do carnaval. Foi possível perceber, nas observações, que os setores 1, 3, 11 e 12 concentram as pessoas que acompanham o carnaval e guardam um maior pertencimento pelas escolas de samba, nos outros setores é mais comum encontrar aqueles que estão ali com o propósito de conhecer e admirar o espetáculo, muitas vezes com pouco envolvimento sentimental com as agremiações. Dessa maneira pude observar que os portelenses nem sempre desfilam, costumam também estar presentes na arquibancada cantando, admirando e torcendo para que tudo dê certo no desfile da sua escola.

A arquibancada da Sapucaí em dias de desfile se configura enquanto um espaço que se aproxima de algo que pode ser uma concepção de torcer, talvez (em algumas perspectivas) semelhantes ao que acontece nos jogos de futebol. As pessoas que estão naquele espaço não conseguem “entrar em campo” para atuar pelo seu time (sua escola), logo sua função ali é cantar, vibrar e torcer. É importante salientar que o envolvimento dos sujeitos com as agremiações não se limita a essa ligação direta de assistir, cantar e torcer, como se sua experiência com a instituição só acontecesse no momento em que o time “entra em campo”. O pertencimento, ao menos em parte, vai (muito) além da assistência ao desfile, ele não começa e nem tão pouco termina nas arquibancadas do sambódromo.

Os estudos sobre futebol já se atualizaram nessa perspectiva, o antigo termo *pertencimento clubístico* na visão de Souza Junior *et al.* (2021) se limitava à esfera do “jogar”, o torcer nessa lógica é fundamentado pela relação *jogar e olhar*. Os estudos etnográficos associados com análises mais profundas no interior das torcidas organizadas começaram a identificar que essa visão é limitante e não consegue se aprofundar na realidade vivenciada nessas torcidas, dessa forma os autores propuseram o *pertencimento torcedor*, que permite observar “*difrações no interior da esfera do torcer, problematizando a noção de clubismo como única expressão simbólica de produção da pessoa torcedora e das estratégias de engajamento nos coletivos.*” (Souza Júnior *et al.*, 2021, p. 22). Dessa maneira, assim como no futebol, vejo que a noção de pertencimento passa por vertentes que vão além do olhar e torcer, a vivência não é só em prol da agremiação e pelo seu desfile. Os coletivos de portelenses possuem suas próprias vidas e nessa perspectiva a noção de pertencer passa também por experiências em diferentes esferas.

Alas comerciais

Os “portelenses de fora” costumam fazer parte do processo também por meio de alas comerciais. A maioria das alas da Portela são para segmentos da comunidade local, pessoas que se disponibilizam a estar presentes no cotidiano da escola e participam de uma rotina de ensaios semanais. Para as pessoas de fora terem a oportunidade de desfilar, elas necessariamente precisam comprar suas próprias fantasias, dessa forma não é obrigatório ensaiar, basta estarem presentes no dia do desfile com a indumentária completa para que possam desfilar pela Portela. É comum se pensar que as alas comerciais são compostas por pessoas de fora do Rio de Janeiro, porém é natural que pessoas da cidade (ou até mesmo do bairro de Madureira) participem dessas alas arcando financeiramente com suas fantasias. A comunidade portelense não é somente aquela que vive o cotidiano da escola, muitos portelenses, ainda que morem no Rio de Janeiro, não conseguem (por diversos motivos) estarem presentes na maratona de ensaios, com isso aqueles com melhor condição financeira preferem pagar pela fantasia e assim poder reafirmar seu pertencimento desfilando pela Portela.

Há um debate no meio carnavalesco sobre essas alas comerciais, as grandes escolas, principalmente, evitam colocar muitas dessas alas em seus desfiles, uma vez

que elas podem ser preenchidas com muitas pessoas de fora do meio carnavalesco, o que não seria interessante para as agremiações em função do julgamento recebido em diversos quesitos. É necessário que o componente compreenda (minimamente) como o desfile funciona e tenha disciplina para desfilar, pois ele deve, entre outras responsabilidades, estar com a fantasia completa, respeitar os limites físicos da ala, não pode ostentar objetos que não fazem parte do figurino (como garrafas, celulares e câmeras fotográficas) e deve, principalmente, ter o samba na “ponta da língua” e cantar durante toda a sua passagem pela avenida. Caso contrário, a agremiação pode ser descontada pelos julgadores em pontos preciosos na disputa do carnaval.

O interior dessas alas (comerciais ou da comunidade) é repleto de sociabilidades, os integrantes criam vínculos socioafetivos e se organizam em diversos eventos durante o ano.

Já tem (...) uns 12 anos por aí, ou mais, que eu estou na ala Águia na Folia. Aí nessa ala sim, nessa ala o pessoal normalmente é muito unido, claro que todo ano aparecem pessoas interessadas porque gostou daquele enredo que a escola vai contar, aí aparece gente nova, mas a base dela é o pessoal que já está há muito tempo, tem muita gente lá do Rio, apesar de ter muita gente de fora, mas tem muita gente do rio nesta ala, e eles fazem muitos encontros durante o ano, até festa junina fazem, mesmo que não seja lá na Portela e tal, mas assim, toda feijoada essa ala está, que é todo primeiro sábado do mês, né? Então sempre que possível eu vou e encontro o pessoal, daí a gente engata para um barzinho e tal, quando eu estou lá na época do carnaval aí eu fico pelo menos uns 15 dias, aí a gente encontra também na quadra, vai nos bares e essa ala encontra também lá na casa do Renato, às vezes tem churrasco durante o ano, entendeu? (Entrevista com Rufino, portelense de Uberaba)

Para além da intenção de viver a Portela, as experiências coletivas desses grupos aparecem como importantes opções de lazer para as pessoas que se dispõem a participar. Talvez o desfile em si esteja em um plano secundário em muitas ações dessas pessoas, que buscam reconhecimento em espaços ricos em sociabilidades. O entrevistado nesse caso é aposentado (logo dispõe de tempo, na teoria), morador de Uberaba em Minas Gerais, vive a uma distância de 950 km da quadra da escola, talvez a Portela seja uma potencializadora para que ele possa viajar, conhecer lugares, pessoas e ter uma vida ativa. O carnaval é apenas uma das experiências vividas nesses 15 dias de intensidades coletivas e múltiplas opções de lazer.

Acredito que em algum momento essas experiências dialoguem com o que o sociólogo francês Dumazedier aborda como conteúdos sociais do lazer, uma vez que essas vivências podem ser *“determinadas e dominadas mais por relações interpessoais do que pela própria natureza das atividades”* (Dumazedier, 2002, p. 209). No Brasil a pessoa é considerada idosa a partir dos 60 anos de idade, de acordo

com o Estatuto do Idoso. É comum encontrar pessoas nessa faixa etária nos eventos da Portela, de forma volumosa em diferentes segmentos, isso certamente contribui para que as vivências dessas pessoas nas alas da escola sejam marcadas pelo lazer e seu conteúdo social. Para Santos (2015) o lazer, nessa faixa etária, é determinante não só como direito social, mas como expressão de cidadania e deve ser integrado na vida de todos os brasileiros, o que reforça a necessidade da criação de políticas públicas e espaços que viabilizem sua participação plena. Segundo a autora, esses espaços de sociabilidades *“podem abrir novas possibilidades de encontro também para homens idosos, fazendo surgir redes de sociabilidade que, muitas vezes, contribuem para o sentido de plenitude na terceira idade”*. (Santos, 2015, p. 181)

Consulados da Portela

Alguns portelenses de fora buscam se organizar em prol da Portela em suas próprias cidades, dessa forma eles conseguem viver a escola (do seu modo) sem a necessidade de deslocamentos frequentes para o Rio de Janeiro, o que seria uma barreira limitante para que essa vivência fosse sistemática e plena. Um bom exemplo desse modelo de organização são os “Consulados da Portela”. Organizado pelo departamento cultural, é um projeto capitaneado de forma institucional com o objetivo de divulgar os valores e a cultura do samba portelense. Os interessados podem se organizar em suas respectivas cidades e criar seus núcleos, que devem respeitar uma série de normas, mas com relativa liberdade de se adequar de acordo com a realidade local. É preciso haver uma estrutura mínima (presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro), mas novas funções podem ser criadas de acordo com o crescimento do grupo: Social, cultural, de eventos, fiscal, projetos entre outros. É necessário redigir uma ata de fundação, registrar em cartório e enviar uma cópia (da ata, estatuto, nome dos fundadores e seus documentos pessoais) para o departamento cultural da Portela. Após análise, a Portela envia uma autorização de funcionamento em papel timbrado¹².

Na página do Departamento Cultural da Portela estão identificados seis consulados: São Paulo - SP, Brasília - DF, Vale do Café - RJ, Rio Grande do Sul, Belo Horizonte - MG e Japão. Outros consulados estão em processo de formação: Santa

¹² Informações obtidas na página do Departamento Cultural da Portela: <https://www.portelacultural.com.br/consulados/> Acesso em 30/08/2024.

Catarina, Uruguai e Estados Unidos (Dallas). Busquei informações acerca desses consulados pelas redes sociais, o consulado de Belo Horizonte foi fundado em 2020, realizou alguns eventos (como rodas de samba) mas anunciou em 7 de fevereiro de 2022 que ficaria fechado, devido a entraves burocráticos, por tempo indeterminado. Uma notícia triste para o pesquisador e portelense, pois seria uma grande oportunidade de estabelecer vínculos de forma facilitada em função da proximidade geográfica.

O consulado do Vale do Café foi fundado em 2016, é possível verificar em sua página no Facebook¹³ que o mesmo realizou alguns eventos após a fundação, mas sua última publicação foi em dezembro de 2023. O consulado de Brasília foi fundado em 2016, há um blog¹⁴ e uma página no facebook¹⁵, mas me pareceu que a entidade não realiza muitos eventos, pois suas publicações no facebook embora sejam atuais, giram em torno de informações sobre o cotidiano da Portela, e não sobre ações próprias. A última atualização do blog foi em janeiro de 2016. O consulado do Japão¹⁶ possui um site bem estruturado, todo idealizado no idioma Japonês e apresenta muitos elementos da história da Portela. Me pareceu que essa página é destinada a ensinar, no sentido de formar o público japonês interessado em aprender sobre a história e as tradições portelenses. O presidente desse consulado é integrante da bateria da escola e já escreveu um livro¹⁷ sobre a história da Portela.

O consulado do Rio Grande do Sul apresenta uma boa estrutura organizacional, suas páginas no Facebook¹⁸ e no Instagram¹⁹ são atualizadas, há um site²⁰ atualizado com informações sobre sua diretoria e diversas fotos de ações do grupo. Realiza eventos com frequência, como rodas de samba e feijoadas. Compartilha com seus seguidores informações sobre o cotidiano da Portela, dessa forma aparentou ser ativo e com fôlego para a realização de atividades voltadas para a Portela em sua região.

A idealização de consulados foi uma iniciativa do presidente do consulado de São Paulo, que estruturou a proposta e encaminhou ao então presidente da Portela, Marcos Falcon. Após uma reunião de apresentação, a diretoria da Portela aprovou a

¹³ https://www.facebook.com/consuladoporcelavaledocafe/?locale=pt_BR - Acesso em 30/08/2024

¹⁴ <http://consuladoporceladf.blogspot.com/> - Acesso em 30/08/2024

¹⁵ <https://www.facebook.com/consuladoporceladf/> - Acesso em 30/08/2024

¹⁶ <http://portelajapao.com/> - Acesso em 30/08/2024

¹⁷ "Portela e Portelenses, 1920 - 1939"

¹⁸ https://www.facebook.com/consuladoporcelars/?locale=pt_BR - Acesso em 30/08/2024

¹⁹ <https://www.instagram.com/consuladoporcelars/> - Acesso em 30/08/2024

²⁰ <https://consuladoporcelars.wixsite.com/consuladoporcelars> - Acesso em 30/08/2024

iniciativa e a partir de então o consulado de São Paulo foi fundado e abriu espaço para os demais.

Vou lá, conheço a Portela, conheço a Surica em um dia de semana mesmo, aquilo ali é como se eu tivesse apaixonado por uma pessoa distante e um dia eu a conheci, vou ver pessoalmente aquilo. Aí... é tudo aquilo mesmo que eu imaginei, é tudo aquilo! Então aí eu falo: “Meu, igual a eu deve ter muita gente”, (...) Eu começo a buscar pessoas, aí eu conheço até os terreiros, os sambas de terreiro que tem aqui, os caras que mantêm essa tradição de samba no terreiro, de samba no gogó e tem muita Portela ali envolvido, não tem como fazer um samba se não tocar Portela, não tem como né? Aí eu começo a andar com esses caras e falo: “Meu, eu preciso fazer alguma coisa que seja oficial da Portela aqui”, e aí eu crio esse consulado, a ideia. Levo essa ideia, marco com o Rogério que é o departamento cultural da Portela e falo “meu, eu preciso de uma reunião com a presidência, é possível isso?”. Aí pessoas que são ligadas a mim falaram: “Você está fazendo uma coisa que beira o impossível, (...) aí a gente monta essa reunião, essa reunião acontece lá na Portela, lotada a sala da presidência, o Falcon estava à frente na época, aí nesse dia eu lembro, foi até a primeira vez que eu entro ali na sala da presidência, converso com o Falcon e tal... Então eu levo apostila, caneta, passo no power point a ideia do projeto. (...) Eu não sabia como funcionava o comportamento dentro de uma escola de samba. E aí nessa chega Monarco... E aí Monarco sentou, aí o Falcon abriu a reunião e falou: “Não vou sentar na cadeira, pois hoje estamos falando de algo histórico, então vou deixar a cadeira que Paulo sentou, que é a cadeira de presidente, vou deixar vaga no sentido de como se ele estivesse aqui”. (...) Aí eu fui tentando montar uma fala que sempre apontasse para a velha guarda, sempre apontasse para a memória, nunca resvalando no carnaval, porque eu tinha esse medo, pois a ideia aqui é memória, e não carnaval. Se não os caras iriam falar que eu estava abrindo filial da Portela aqui em SP. (...) Aí o Falcon fala: “Olha, como o Monarco está na mesa, primeiro ele fala”. Aí Monarco daquele jeito, acredito que você conheceu ele, aquela fala dele, né? Ele falou: “Olha, isso que você está tentando fazer, Paulo da Portela fazia, que é integração, ir pra SP, mostrar a Portela, trazer o que SP fazia...” (...) aí ele falou: “Olha, isso aqui é ridículo, uma escola do tamanho que é a Portela ainda não existir isso, isso aqui já deveria existir há muito tempo”. Aí o Falcon pega a palavra de volta e fala: “Bom, se Monarco falou assim, está resolvido, né?”. E aí todo mundo começa a colocar a caneta na mesa, uma do lado da outra... Mostrando que não há o que acrescentar no que Monarco falou. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Conforme salientado na entrevista, a centralidade dos consulados está em aglutinar portelenses em diferentes regiões e promover o passado e as tradições da Portela, conforme seu próprio lema: *“Preservar a tradição, promover a união”*. As pessoas que compõem esse consulado não possuem ligações histórico-familiares ou territoriais com a Portela, se trata de portelenses que desenvolveram (em sua maioria) afeto pela instituição por meio de herança musical e produção de seus baluartes.

Tem cara aqui que é portelense porque a mãe dele gostava de Clara Nunes, aí o cara virou portelense e tem essa referência e fica próximo da gente porque gosta do que a Portela faz também, não tem ligação nenhuma com a escola! A maioria das pessoas que vão atrás de nós quando a gente faz samba, muitos

tem outra escola aqui em SP, mas tem uns que são muito portelenses mesmo, então o cara tem uma ligação justamente por isso. “Meu, eu vi a Portela desfilar uma vez e fiquei impressionado e aí tal. Minha família é do samba então Portela foi o que sempre tocou lá em casa, então eu conheço” Então assim, muita ligação dentro de família, pelo o que eu percebo... São caras que se construíram a ideia de portelense pela família. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Além dos inúmeros eventos e de todo o engajamento estrutural do consulado de São Paulo, chamou a atenção um projeto denominado “Geração Portela” desenvolvido no bairro de Paraisópolis para crianças periféricas com o intuito de ensinar a musicalidade e as tradições da Portela.

Nós temos em Paraisópolis o “Geração Portela”, que é um projeto social nosso do consulado. São 120 crianças estudando sobre o samba e principalmente sobre a Portela. Então realmente “Aqui deu frutos a semente que a velha guarda plantou”. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Para além da questão musical que abrange as habilidades de tocar os diferentes instrumentos e cantar (principalmente as músicas clássicas e históricas da Portela), as ações pedagógicas do “Geração Portela” buscam focar na questão comportamental das crianças. É ensinado sobre como um sambista deve se comportar, o jeito de ser e de se posicionar na vida e nos diferentes espaços do samba, de acordo com os ensinamentos do fundador da escola, Paulo Benjamim de Oliveira e aqueles que o sucederam.

O consulado de São Paulo se apresenta enquanto uma estrutura com grande poder de organização e fôlego para vivenciar a Portela de diferentes formas, principalmente aquelas que dialogam com o passado da instituição. Diferente de outros grupos e/ou segmentos que acompanham a rotina da escola, esse consulado direciona suas investidas para o ensino e a preservação do passado da Portela, conforme verificado nesse trecho da entrevista:

A nossa pegada é memória. Então eu não falo do presente, é raro a gente falar alguma coisa do presente, não me interessa esse presente da Portela, eu sei que esse presente vai ser o passado amanhã, né? mas me interessa defender, guardar e colocar um escudo na história da Portela. Além de mostrar isso para as pessoas, para não morrer, pra não acabar. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

São pessoas que a princípio não frequentam a quadra, não desfilam e provavelmente não carregam o *ethos* dos portelenses intocáveis que estão presentes nos eventos promovidos pela agremiação. Para o entrevistado, o sentido das suas ações enquanto fomentador do consulado se dá pela preservação do passado da escola, não existe um engajamento acerca da construção atual da mesma, como

fazem os segmentos e as alas. Isso se configura enquanto uma moderna forma de pertencimento por escolas de samba que reconstrói as maneiras de se pensar o “fazer parte do processo”. Dessa forma é possível estimar que o ser portelense passa também por uma questão de identidade e pertencimento simbólico, que não necessariamente passará pelo calendário de construção anual do carnaval.

Essa dimensão organizacional do consulado de São Paulo aparenta possuir tamanha inserção por conta da constante presença e engajamento do seu fundador, que possui fôlego para conciliar as demandas profissionais e pessoais com as atribuições assumidas com o consulado da Portela. Tal virtude dialoga com o conceito de “compromisso com rosto” trabalhado pelo sociólogo Anthony Giddens, que ressalta que *“os compromissos com rosto tendem a ser imensamente dependentes do que pode ser chamado de postura dos representantes ou operadores do sistema”*, (Giddens, 1991, p. 89). A figura do presidente se mostra comprometida com a organização do consulado, proporcionando entre seus pares o que Giddens chama de uma *“confiabilidade contínua”* que é reafirmada com os encontros e rituais que tradicionalmente são praticados pelo grupo. Esses encontros, na visão do autor, são conceituados como *pontos de acesso*, pois *“são pontos de conexão entre indivíduos ou coletividades leigos e os representantes de sistemas abstratos”*. São lugares de vulnerabilidade para os sistemas abstratos, mas também junções nas quais a confiança pode ser mantida ou reforçada”. (Giddens, 1991, p. 91)

2.4 - Portelenses não-praticantes?

O ser portelense nem sempre possui relação com o “estar presente” de alguma forma em ações que envolvam a rotina da escola. Nem todos os apreciadores e aficionados acompanham presencialmente (ou em grupo) as ações que giram em torno da agremiação, da mesma forma que é comum encontrar torcedores dos clubes de futebol que nunca (ou raramente) vão ao estádio assistir seu clube do coração jogar. Mas esses, apesar dessa ausência física, em certas ocasiões acompanham as partidas, permanecem atentos em relação à atualização das notícias, torcem e vibram durante os jogos, discutem e conversam sobre diversos assuntos relacionados ao seu time do coração.

Esse modelo de pertencimento é recorrente também no meio das escolas de samba, principalmente nas grandes agremiações como a Portela. Há um grupo de

peessoas que carrega o sentimento por meio da simbologia, é atraída pelo azul e branco, aprecia os principais nomes da música que representam a escola, sabem cantar alguns sambas e se recordam de alguns desfiles marcantes. Isso não quer dizer que essas pessoas possuem consciência da situação atual da agremiação, apesar de se identificarem como portelenses, estão fora da “bolha do carnaval”. O “ser portelense” nessa perspectiva dialoga majoritariamente com uma noção do simbolismo que a Portela representa para esses sujeitos.

Quando o carnaval se aproxima elas podem buscar compreender o enredo e escutar o samba daquele ano, bem como assistir ao desfile (ou os melhores momentos) pela TV e torcer pela escola na apuração. No entanto, após o carnaval essa “chama se apaga” ou fica adormecida, a Portela deixa de estar na rotina dessas pessoas ao longo do ano. O sentimento de pertencimento só (re)surge se por um acaso o assunto carnavalesco entrar em pauta em alguma roda de conversa, ou se em sua playlist tocar algum samba de Paulinho da Viola, Clara Nunes, Candeia, Zeca Pagodinho entre outros.

Muitos “portelenses não-praticantes” buscam se manter mais atentos ao que acontece, seguem as redes sociais da escola, as páginas especializadas em notícias de carnaval e os grupos virtuais de discussão. Podem até saber de muitas coisas, mas não participam de nada, o que pode ser compreendido por diversos motivos, tais como: Proximidade geográfica, disponibilidade financeira, compromissos profissionais e/ou pessoais entre outros. Um portelense que reside fora do Brasil ou até mesmo em outros Estados brasileiros distantes do Rio de Janeiro, terá (em sua maioria) raras oportunidades de conhecer a quadra da Portela, passar um carnaval no Rio de Janeiro ou se agrupar coletivamente em prol da agremiação.

É relevante compreender que os “portelenses não-praticantes” não necessariamente estão separados por distâncias físicas da escola, pode ser comum que pessoas residentes na cidade (ou até mesmo no bairro) sejam portelenses sem nunca terem frequentado eventos e ações da escola. Compreender as diferentes maneiras desse “ser portelense” passa também por legitimar a noção simbólica do pertencimento desses sujeitos e as formas particulares de identificação com a Portela. Nesse sentido acredito que a mídia e principalmente as redes sociais ocupam uma centralidade significativa nesse pertencimento, por esse motivo vejo como essencial, ainda que escape das intenções deste estudo, compreender o papel dessas redes nesse “recente” modo de pertencer às instituições.

Ribeiro (2023) aponta que houve uma mudança na configuração do pertencimento pelas escolas de samba, que antes era direcionado por territorialismos geográficos e, influenciado principalmente pelas diferentes mídias, se adaptou e atualmente se constroi pelo imaginário afetivo das pessoas, o que o autor conceitua como “novas paisagens afetivas”, que são compreendidas por junção de práticas e discursos que estabelecem e dão formas à arcabouços culturais, sendo possível afirmar que

Seja pelo imaginário afetivo, pela manutenção de tradições ou por conta de memórias afetivas, as paisagens afetivas do carnaval se moldam surgindo no território afetivo físico da Agremiação e se reproduzindo no imaginário das redes sociais, uma vez que as mesmas, segundo Baym (2010), permitem a promoção de públicos em rede e, mais que isso, permitem que mesmo distantes os usuários se engajem emocional e mentalmente em outros lugares. Essas conexões afetivas têm origem nas emoções que, por sua vez, produzem as suas próprias fronteiras (...) Quando o portelense é afetado pelos desfiles, ou sambas da Escola, ele busca expandir sua proximidade com a mesma e se conecta a redes afetivas da Agremiação, participando de trocas entre membros da comunidade que compartilham de uma emoção em comum que fortalece os laços comunitários, e também as relações particulares de cada um diante da Portela (Ribeiro, 2023, p. 7).

Segundo o autor, ainda, a utilização das redes sociais pelas postagens oficiais da Portela favorecem e reafirmam os sentidos que estruturam o “ser portelense” e a criação e manutenção de vínculos afetivos com a instituição, o que contribui para o fortalecimento de um “território digital”.

Diante de uma escola de samba centenária e vista como “tradicional” no âmbito do carnaval, o conceito de pertencer “digitalmente” pode ser concebido (internamente) como algo distante e/ou pouco discutido, pois o que foi construído culturalmente ao longo dos anos e ensinado pela “velha guarda”, pode não contemplar as novas formas de pertencimento que foram surgindo, principalmente após a massificação dos meios sociais de comunicação. Nessa perspectiva, a noção de “não-praticante” se relaciona com o fato dessas pessoas não frequentarem a quadra e o desfile, embora elas tenham a oportunidade de participar ativamente do cotidiano da escola pelos “territórios digitais” constituídos.

CAPÍTULO 3 – SENTIDOS E SIGNIFICADOS – O “SER PORTELENSE”, O TORCER, A RIVALIDADE E O COMPANHEIRISMO

Iniciarei este capítulo com o esforço de sintetizar os elementos que fomentam sentidos e significados estruturais às experiências portelenses. Foi possível identificar que esses elementos são expressos (em grande parte) por meio de símbolos construídos historicamente. Essa simbologia se manifesta com presença constante nas estruturas da agremiação, direciona a atuação das pessoas e carrega a essência existencial coletiva. Por meio da pesquisa de campo, entrevistas realizadas e bibliografia, foi possível identificar seis componentes simbólicos principais que constituem o “ser portelense”: A águia (símbolo maior da escola), a bandeira (pavilhão), as religiosidades, os baluartes históricos, os sambas imortais (sambas de terreiro e sambas de enredo) e os bairros em que a Portela está inserida (Oswaldo Cruz e Madureira).

Posteriormente, emprego afincado com o intuito de compreender os conteúdos que constituem o “ser portelense”, discutindo quais seriam (a partir das análises) aqueles sujeitos que podem ser considerados como legítimos portelenses. Em seguida, estabeleço uma discussão sobre possíveis existências de nuances que remetem a rivalidade e “companheirismo” entre as agremiações do carnaval. Por fim, estabeleço uma discussão acerca do “torcer” no interior da agremiação. Afinal, as pessoas de fato torcem pela Portela? Como? Em quais ocasiões? Como diferentes grupos que constituem a Portela percebem a existência desse suposto torcer? Nesse sentido abordo a presença de torcidas organizadas no interior da Portela, fator que naturalmente poderia classificar (sem uma análise profunda) o sentimento de pertencimento desses grupos como uma ação torcedora, uma vez que os nomes, símbolos, bandeiras e diversos outros elementos foram extraídos e podem aproximar (ou não) a experiência nas escolas de samba com as torcidas do futebol.

3.1 – Simbologias na Portela

Logo na entrada (após as catracas) há uma parte central descoberta, com bustos de portelenses emblemáticos: Monarco, Paulo da Portela, Natal, Falcon e outros. Acima desses bustos é impossível não observar a escultura de uma águia bem grande, com as asas abertas e garras enormes, o que me pareceu ser uma tentativa de demonstrar a imponente simbólica da instituição. (...) Entre o prédio lateral e a quadra principal está um local denominado “bar da tia vicentina” (...) Ao lado do “bar da tia vicentina”, toda a ala esquerda do

espaço é ocupada pela quadra principal, um enorme espaço coberto onde se concentram os eventos principais da instituição. Detalhar esse ambiente de forma fidedigna é uma tarefa difícil, tendo em vista a riqueza de detalhes, símbolos, espaços e possibilidades presentes. O palco é imponente e ocupa o “fundo” da quadra. Há uma pintura em azul e branco, com um painel iluminado proporcionando destaque central à águia, símbolo maior da escola. Abaixo da águia há 22 estrelas, cada uma delas simboliza uma conquista de carnaval pela Portela. Em cada lado da águia há duas imagens católicas: Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião, padroeiros da escola. Esse destaque dado à instituição aos seus padroeiros demonstra a influência que a religiosidade exerce dentro da instituição. Essa religiosidade da escola é evidente também pelo fato de haver uma capela no interior da quadra, ao lado da entrada pelo portão principal. Essa capela é dedicada à Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião. Outra evidência da influência religiosa na Portela é o fato de o azul da escola ter sido escolhido por alusão ao manto da sua padroeira. O chão da quadra coberta é todo pintado em azul e branco, com o símbolo da escola em destaque central. Percebi que todas as paredes e cobertura do local recebem as cores azul e branco. Abaixo do palco, na lateral direita fica posicionada a bateria da escola, que recebe o nome de “Tabajara do Samba”, (...) Ao lado da bateria uma parede com a frase: “AQUI DEU FRUTOS A SEMENTE QUE A VELHA GUARDA PLANTOU”. Uma evidente sinalização de respeito à velha guarda da instituição, pessoas que ao longo dos anos dedicaram suas vidas em construir e fortalecer as tradições da Portela. (...) Atrás dessas cadeiras ficam camarotes reservados para alguns segmentos importantes: Ala das baianas, Galeria da velha guarda, Departamento feminino e os Destaques da Portela. A simbologia está presente em vários locais, entre o camarote dos destaques e do departamento feminino há uma parede com uma frase do sambista Candeia: “PORTELA É PERFUME DA FLOR, E AROMA NO AR, PARA SENTIR BASTA SABER RESPIRAR”. Na parte final da quadra, de frente para a entrada, há uma sala em vidros onde são exibidos diversos troféus conquistados pela Portela. Para sair e entrar é necessário passar pelas laterais dessa sala de troféus. (Registro de caderno de campo, 16/07/2023)

A figura 5 representa a quadra da Portela vista do fundo em um dia de Feijoadá.

Figura 5 - A quadra da Portela vista do fundo



Fonte: Acervo pessoal.

O simbolismo é uma referência com grande força no interior da Portela, está presente em diversos âmbitos, é composto por elementos que possuem a capacidade de proporcionar noção de significado às variadas práticas e costumes dos portelenses. Eles podem possuir interpretações profundas e representam a história, valores e a genuína identidade da agremiação, para além de unidades decorativas estão intrinsecamente ligados à cultura e às tradições comunitárias. As análises que cravam um determinismo existencial nas escolas de samba apenas pelo viés musical e/ou estético tendem a pecar pelo empobrecimento, uma vez que os sentidos existenciais estão alicerçados também nos simbolismos vigentes nos diferentes tempos/espços sociais.

Geertz (1973) salienta que os símbolos são parte integrante da cultura, os quais fornecem noções compartilhadas que organizam e orientam a vida social. A cultura, por meio da ação dos sujeitos, é tecida e influenciada por questões simbólicas que criam (ao longo do tempo) uma “teia de significados”. Essa construção simbólica vai além das disputas que visam a perpetuação de poder, como é trabalhado por Bourdieu (2007) e ganham uma conotação que se aproxima da religiosidade ao serem interpretados como elementos “sagrados” pela comunidade, representando seus valores coletivos e desempenhando um importante papel de coesão social. Esses símbolos criam insígnias identitárias nas escolas de samba, preservam suas histórias, tradições e conectam a comunidade com a sua essência, o que colabora para a manutenção do sentimento de pertencimento entre os membros.

Águia altaneira

A águia é um dos mais importantes símbolos da Portela, pois se trata do próprio símbolo da escola. Concebida por Antônio Caetano²¹ (um dos fundadores da escola) ela representa uma espécie de inspiração para os portelenses, suas garras e imponência constituem o que os portelenses acreditam que deve ser a maneira da comunidade se comportar na avenida durante os desfiles. Como diria Natal²²: “*Todo portelense deve ter um pouco de águia*”. Ao longo dos desfiles, a águia foi ganhando destaque central, evoluindo em tamanho e modernidade, passando a ser considerada

²¹ Informações obtidas na página <https://portelaweb.org/aguia-da-portela/> - Acesso em 07/01/2025

²² Natalino José do Nascimento, conhecido como “Natal da Portela” ou simplesmente “seu Natal”, foi um importante patrono da Portela, conquistando o respeito e a admiração da comunidade portelense.

um elemento obrigatório nos desfiles da Portela. Acredito, a partir das análises realizadas, ser inconcebível que a Portela entre para desfilas sem que a águia seja um elemento central de destaque em suas apresentações.

Eu, como um bom portelense, fui logo procurar o carro abre-alas para ter o privilégio de ser um dos primeiros a vê-la (a águia). Caminhei até o início da concentração, quase esquina da avenida Presidente Vargas com Marquês de Sapucaí. O carro abre-alas tinha o nome de “Terras de Daomé”, era subdividido em três carros distintos que se acoplavam para formar uma enorme composição, porém estavam separados naquele momento. (...) A águia estava no “carro do meio”, ainda abaixada, com seu bico quase tocando o asfalto da avenida, uma vez que era necessário passar pelo viaduto para depois erguê-la. Parecia haver uma espécie de braço hidráulico que a levaria para o alto da alegoria. Era uma águia afro, de acordo com o enredo, identifiquei nela uma matriarca, com raízes que saíam das pontas de suas asas, palhas simulavam penugens já desgastadas pela idade e estampas formavam suas penas, ela tinha um semblante de uma vida sofrida, cheia de desafios, porém acolhedora, assim como uma mãe ou uma avó. Suas garras enormes e imponentes representavam sua força que não foi perdida em função da sua idade e dos perrengues da vida. Fiquei um tempo ali admirando a riqueza de detalhes dessa águia, aos poucos algumas pessoas foram chegando com suas fantasias para desfilas, era comum que elas procurassem o abre-alas para apreciar o símbolo maior da escola, um ritual quase unânime entre os portelenses. A concentração ainda estava vazia, mas algumas pessoas (aquelas mais prevenidas) já começavam a se posicionar no local da concentração. Me aproximei de um senhor (de aproximadamente 60 anos), cabelos brancos que segurava um saco transparente com sua fantasia e na outra mão uma bolsa térmica com gelo, cerveja e água. Ele ficou um bom tempo ali parado olhando a águia enquanto as pessoas trabalhavam na finalização da alegoria. Me perguntei qual seria a impressão dele acerca dos carros alegóricos da Portela naquele momento, iniciando um assunto: “E essa águia, heim?” Após um gole na cerveja ele me respondeu: “Esse ano eles acertaram, parece que a Portela vem forte”. (Registro de caderno de campo. 12 de fevereiro de 2024)

A águia da Portela talvez seja a grande atração carro abre-alas²³, o que cria expectativas nos bastidores para as pessoas descobrirem como ela virá em cada desfile. Geralmente ela surge caracterizada em alusão ao enredo, mas a comunidade gosta que ela seja grande e imponente, o que pode representar o poder da escola naquele desfile, como uma espécie de termômetro.

Mas a única coisa que ainda simboliza isso é a águia, que todo mundo vai lá, até de outra escola para ver a águia. Ou seja, nós conseguimos, a Portela conseguiu dentro dessa história dela, colocar um elemento histórico ali dentro em que todos do samba vão lá para ver, que é a águia da Portela, independente do título, do não-título, de quem vai ganhar, de quem vai perder... A única certeza que a gente tem ainda no carnaval, é que nós vamos ficar curiosos para saber como vem a águia. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

A Figura 6 representa uma escultura da águia da Portela na quadra da agremiação.

²³ O carro abre-alas costuma ser a primeira alegoria no desfile, ela geralmente é grande e impactante, com o intuito de demonstrar a força da escola naquele desfile.

Figura 6 - Águia da Portela na quadra



Fonte: Acervo pessoal.

A Figura 7 representa a águia da Portela na armação da escola para o carnaval de 2024.

Figura 7 - Águia da Portela na armação da escola para o carnaval de 2024



Fonte: Acervo pessoal.

O pavilhão

A bandeira da escola (conhecida como pavilhão) também é um símbolo de importância imensurável para a instituição. Segundo Sudoh (2023) o desenho da bandeira da Portela foi inspirado na bandeira do sol nascente japonesa, adotado pelo Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz²⁴ em 1926. Possui um “disco solar” levemente deslocado do centro (onde fica a águia), com vários “raios solares” em azul que se originam do centro desse disco e ocupam toda a extensão da bandeira. Há toda uma dimensão mística em volta do pavilhão, que é sempre carregado por uma mulher e rodeado de guardiões, sendo o mestre-sala o principal deles. Não é qualquer pessoa que tem autorização para “encostar” na bandeira, é necessário (primeiramente) estar vestido “à caráter” para estar apto a se aproximar, pessoas de chinelo, bermuda, camiseta, biquinis/sungas não podem estabelecer contato físico.

Em 2017 uma passista chegou a ser expulsa da escola de samba GRES Unidos da Tijuca por gravar um vídeo no qual ela aparecia de biquíni rodopiando com o pavilhão da escola durante um evento oficial, atitude vista como desrespeito imensurável pela instituição, de acordo com a nota oficial da escola:

O presidente Fernando Horta, em nome de toda comunidade tijuicana, repudia veementemente qualquer tipo de desrespeito com o pavilhão tijucano e, por isso, comunica o desligamento da passista Janaína Lima da ala Encantos do Pavão. Após apuração por parte da agremiação, ficou comprovado que a segunda porta-bandeira, Lohane Lemos, não estava presente durante a gravação do vídeo que circulou nas redes sociais, na manhã desta terça-feira (07).²⁵

Durante a pesquisa de campo, um dos rituais mais belos e solenes que eu presenciei na quadra da Portela se deu nas apresentações dos casais de mestre-sala e porta-bandeira. Percebi ser uma tarefa difícil descrever em palavras o encantamento que esse momento proporciona nas pessoas que participam desse ritual. Da mesma forma me pareceu ser improvável que alguma pessoa se mantenha indiferente no momento em que os casais apresentam o pavilhão ao público, pois a dimensão da admiração e do respeito afloram nesses instantes de catarse coletiva.

... o casal de mestre-sala e porta-bandeira se apresentava no chão da escola para as pessoas presentes. Era uma sequência de bailados que “terminava” com o casal direcionando a bandeira para algumas pessoas e/ou segmentos

²⁴ A Portela foi fundada em 1923 com o nome “Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz” por um grupo de moradores do bairro.

²⁵ Fonte: <https://www.uol.com.br/carnaval/2017/noticias/redacao/2017/02/08/passista-expulsa-da-unidos-da-tijuca-explica-sobre-video-polemico-erro.htm> - Acesso em 07/01/2025

importantes da agremiação. Me pareceu que as pessoas ficavam extremamente orgulhosas quando o pavilhão era apresentado a elas. (...) A bandeira girava com força e intensidade, era possível ouvir seu barulho, que causava um “vento” que ia de encontro às pessoas que estavam perto. Em um certo momento o pavilhão “raspou” o meu rosto e seguiu passando entre as pessoas. O casal demonstrava notável sintonia, eles sorriam o tempo todo, brincavam, se divertiam. O mestre-sala parecia ter todo o controle da situação (...) Suas técnicas de dança eram impecáveis, me pareceu ser um bailarino extremamente experiente e treinado, apesar de sua aparente pouca idade. A porta-bandeira também me pareceu ser segura e confiante, não demonstrava nenhuma dificuldade na realização de sua tarefa, considerei ser emblemático o fato de uma mulher ser responsável por segurar o pavilhão da escola, fato que demonstra uma posição de vanguarda histórica das agremiações carnavalescas no processo de empoderamento feminino.

No final do chão da quadra estava o presidente da escola, Fábio Pavão. O casal se apresentou especialmente para ele e em seguida levou o pavilhão até seu rosto. O presidente segurou a bandeira com as duas mãos (uma de cada lado do tecido) e beijou sua própria mão (Me pareceu ser impróprio beijar a bandeira diretamente). Após esse ato, o presidente se retirou do local juntamente com alguns integrantes da direção. O “guardião” do casal direcionou a dupla para que outras pessoas ali presentes pudessem ter o privilégio de “beijar” a bandeira também. Entendi que eram convidados importantes para a agremiação. Não tive dúvidas que a simbologia daquele momento representava algo elementar para os portelenses que estavam presentes naquele ritual. (Registro de caderno de campo, 16/07/2023)

Segundo Pavão (2005) ter a oportunidade de beijar a bandeira se configura enquanto a maior honraria que uma pessoa pode receber no universo das escolas de samba. A bandeira é o coração da escola, seu significado vai além de sua existência material e física, representa a identidade, orgulho e a tradição da escola. É muito mais do que um simples objeto, ela me pareceu ter o poder de carregar o espírito, a memória dos seus fundadores e ao mesmo tempo estabelecer uma inexplicável conexão com a comunidade que a sustenta.

A Figura 8 representa o primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Portela se apresentando para o público durante um evento na quadra da escola.

Figura 8 - Primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Portela



Fonte: Acervo pessoal.

Religiosidades

Durante o trabalho de campo me deparei com elementos que remetem a diferentes formas de religiosidade na Portela. Religião e carnaval podem aparentar ser (a princípio, sem o olhar criterioso) instâncias antagônicas da vida, como se festa e crenças religiosas não pudessem se misturar ou caminhar lado a lado. A Portela possui uma padroeira (Nossa Senhora da Conceição) e um santo protetor (São Sebastião), ambos foram consagrados por Dona Martinha, uma negra africana muito querida e atuante na Portela²⁶. Essas raízes africanas fazem florescer o sincretismo religioso, que se torna outro elemento presente na escola, pois na perspectiva do Candomblé e da Umbanda, Nossa Senhora da Conceição representa Oxum e São Sebastião simboliza Oxóssi. Este último ainda é o santo protetor da bateria Tabajara do Samba, que possui as peculiaridades de sua percussão inspiradas nas batidas de tambores para Oxóssi.

Lopes (2019) aponta que os Orixás são identificados por características, predileções, ritmos e cores específicas, fator que potencializou a aproximação das escolas de samba com alguns deles. Segundo o autor, a partir da década de 1960 os enredos começaram a trazer visibilidade e protagonismo a temáticas que

²⁶ Fonte: <https://www.portelaweb.com.br/menuesquerdo/curiosidades.html> - Acesso em 08/01/2025

envolvessem a religiosidade afro-brasileira. Essa aproximação fez surgir uma série de histórias, mitos e possibilidades que abrem caminhos para variadas reflexões.

Na Portela, um dos enredos mais emblemáticos e significativos que aborda a figura dos Orixás de forma direta, foi em 1984 com o título “Contos de Areia”, que fazia homenagem a Clara Nunes, Natal e Paulo da Portela, personagens imortais na história da escola. No samba, cada homenageado simbolizava um orixá, Natal era Oxóssi, Clara Nunes era Iansã e Paulo da Portela representava Oranian.

Bahia é um encanto a mais
 Visão de aquarela
 E no ABC dos Orixás
 Oranian é Paulo da Portela
 Um mundo azul e branco
 O deus negro fez nascer
 Paulo Benjamim de Oliveira
 Fez esse mundo crescer (okê-okê)

Okê-okê, Oxossi
 Faz nossa gente sambar
 Okê-okê, Natal
 Portela é canto no ar²⁷

De acordo com Simas (2012) *“Oranian foi um famoso caçador desde a juventude, fundou o Reino de Oyó e realizou tremendas conquistas. (...) Paulo Benjamim de Oliveira, o Deus negro de Oswaldo Cruz e Madureira, fundou também um reino (a Portela)”* (Simas, 2012, p. 55)

Para o carnaval de 2024 a Portela utilizou em seu “esquenta” um ponto de Xangô antes de entrar na avenida para desfilar, conforme registrado no caderno de campo:

Com gritos repetidos “Quem é portelense aí? Quem é portelense aí?” ele chamava as arquibancadas para o início da apresentação, os agogôs começaram uma batida, juntamente com os chocalhos evocando os atabaques para resposta, então o ponto de Xangô foi cantado: *“Estão queimando velas para me derrubar / Eu já fiquei doente, meu pai sem poder andar / Mas hoje estou aqui, que é pra saudar Xangô / E vira essa macumba no peito de quem mandou / Xangô meu pai amarra os inimigo e dá um nó /*

²⁷ Trecho do samba enredo da Portela de 1984. Composição: Dedé Da Portela / Norival Reis.

Xangô meu pai amarra na pontinha do cipó”. O sincretismo parece estar enraizado nas tradições da escola, a fusão de crenças fortalece a necessidade de ter proteção em diferentes entidades sagradas para que tudo ocorra bem com a escola e seus integrantes. Em 2023 (ano do centenário) a Portela amargou um 10º lugar, por isso aquele desfile que estava se iniciando poderia representar a recuperação da escola, talvez por isso esse ponto de Xangô tenha sido planejado para abrir passagem e afastar os “inimigos” que porventura entrassem nos caminhos da Portela. (Registro de caderno de campo, 12/02/2024)

Ao circular pela quadra da Portela e ruas próximas é comum encontrar pessoas ostentando Guias no pescoço, camisas estampadas com orixás e diversas outras representações que direcionam à preferências religiosas. Barroso de Siqueira (2019) diz que a herança africana está em toda parte nas escolas de samba, exemplificando com um registro de sua pesquisa de campo:

Com a proximidade da curva no início do desfile, a encruzilhada com o setor 1, o local que os sambistas chamam de joelho, um gesto me chamou atenção; muitos dos seus componentes se abaixam e colocam a cabeça no chão, ali mesmo no asfalto, fazendo uma reverência respeitosa e muito comum nas casas de candomblé, o popular “botar a cabeça no chão”, a cabeça ou o ori. (Barroso de Siqueira, 2019, p. 12)

Outra situação importante foi presenciada e registrada no caderno de campo deste trabalho na armação da Portela durante a preparação da bateria para o desfile do carnaval de 2024, conforme foi registrado na Figura 9:

Figura 9 - Mestre Nilo Sérgio e seu ritual religioso antes do desfile



Fonte: Autoria própria.

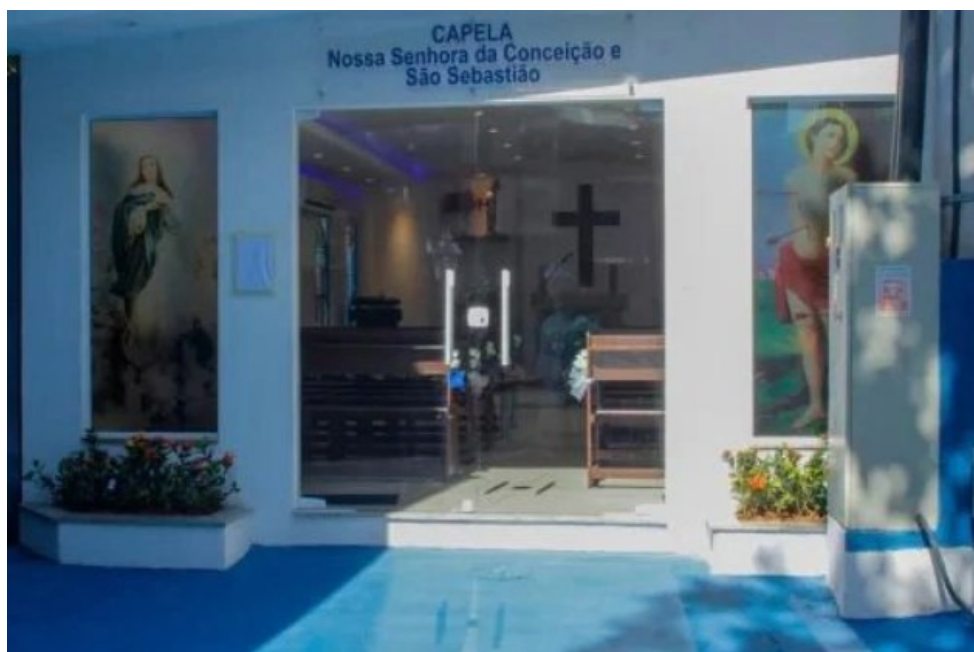
Mestre Nilo estava com um saco plástico nas mãos, dentro dele havia uma espécie de pó com coloração acinzentada, ele colocava a mão no saco e pegava um punhado do pó, percorria os instrumentos soprando o pó em todos eles, como se estivesse “abençoando” a sua bateria. Nesse momento o “falatório” que tomava conta das pessoas do entorno diminuiu de maneira drástica, os presentes ficaram em silêncio em sinal de respeito ao momento. Um outro componente se aproximou com uma lata amarrada em um arame, parecia haver uma espécie de brasa no interior dessa lata, eles passavam

pelos instrumentos para que a fumaça do braseiro também os “tocassem”. Há uma dimensão da técnica, do conhecimento, do saber (principalmente empírico) que norteia o trabalho dessas pessoas, porém (e talvez em igual força e importância) há a dimensão da simbologia, da religiosidade, do “sobrenatural” que parece ocupar lugar de destaque e protagonismo nas ações dessas pessoas. (Registro de caderno de campo. 12/02/2024)

Alexandre (2017) alerta acerca da complexidade que permeia a relação das escolas de samba com as religiões afro-brasileiras, uma vez que se trata de uma temática com diversos atravessamentos e rodeada de questões problematizadoras, o que a torna um campo vasto para futuras explorações. Considero ser impossível abordar e discutir de forma plena as questões envolvendo a religiosidade da Portela neste estudo, mas saliento a importância desse assunto ser compreendido como um importante elemento simbólico enraizado nas tradições das escolas de samba, especialmente na Portela.

A Figura 10 representa uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião no interior da quadra da Portela.

Figura 10 - Capela de Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião na quadra da Portela



Fonte: Portela, 2022.

Baluartes históricos

Então eu comecei a ler sobre Paulo da Portela. E aí abriu então o mundo, foi uma paixão, então eu me declaro um devoto à Paulo da Portela, pelo o que ele é, pelo o que ele fez, né? Então eu começo a entender a importância que existia naquilo. Aí eu me torno portelense, começo a ver Surica, Monarco,

Casquinha, Alvaiade, então eu vou atrás desses caras para querer entender quem são, tudo que era da Portela me interessava, então compro livro, vejo revista, queria saber, ia buscando e tal. Não tinha tanto acesso à internet na época e tal, né? Ou seja... aí eu comecei a ser um portelense, mesmo que seja uma coisa tão distante a Portela que eu não sabia nem onde era, assim fisicamente, nunca tinha nem ido ao Rio de Janeiro. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Ao longo desses cem anos de existência, a Portela colecionou figuras lendárias que fazem parte do imaginário coletivo. Essas pessoas ajudaram a construir os fundamentos que estruturam as raízes da escola e direcionam a atuação daqueles que possuem elo de pertencimento com a agremiação. Os grandes baluartes da Portela (e suas histórias) representam uma importante simbologia para a instituição, pois é a partir de seus ensinamentos que os princípios do “ser portelense” são norteados. De acordo com Silva *et al.* (2019)

No contexto da cultura popular, a transmissão do conhecimento tem como marca a oralidade, fato que se dá longe do ensino formal, por isso, a terminologia escola de samba se investe de forte significado, assim sendo, passa a ser um espaço privilegiado de transmissão de saberes e fazeres (Silva et al., 2019, p. 125).

Durante as entrevistas, ficou evidente que um elemento central fomentador de pertencimento dos portelenses com a agremiação se deu em função de sua história e das figuras centrais que colaboraram na construção dos ideais coletivos. Ao serem perguntados sobre o que mais os “encantava” na Portela, os entrevistados apontaram a história e os fundamentos da escola como um fator de grande importância.

Eu sou muito de tradição, entendeu? Por quê? Eu sou mineiro e eu sempre preservo a tradição. Então, as coisas que têm tradição, que são da família, isso me pega muito, entendeu? (...) Então eu sei que vai vir a águia, que ela vai vir de azul, entendeu? Não tem muito o que inventar. Não vai ter muito neon, muito pisca-pisca. Eu gosto da tradição. Na escola mais tradicional eu sei que o samba vai vir cantado, vai vir “dançado” no chão. Menos Paulo Barros, entendeu? Eu não gosto disso. Aquelas alas coreografadas? Não, eu não gosto daquilo. Aí o cara faz funk no meio do samba e faz sertanejo no meio do samba. A Portela é muito mais tradicionalista com relação a isso, né? É o berço do samba, é ali que é a maior campeã. Eu valorizo muito isso, entendeu? A gente sabe que ela não vai inventar demais. (Entrevista com Bretas, portelense de Belo Horizonte)

Esses elementos carregados de tradição citados pelo entrevistado possuem raízes alicerçadas no processo de fundação e fortalecimento da escola, os baluartes da Portela possuem imensurável influência nesse “jeito de ser” que direciona o encantamento dos portelenses, capitaneado pelo seu maior nome, Paulo Benjamim de Oliveira. De acordo com Silva e Maciel (1979) “*Paulo da Portela lutava com todas as suas forças pelo reconhecimento público do valor dos sambistas*”. (Silva e Maciel,

1979, p. 85). Paulo já era conhecido como Paulo da Portela antes mesmo da escola de samba existir, teve grande importância na fundação e no crescimento da agremiação, seus ensinamentos estão presentes até os dias atuais e são reverberados pelos portelenses.

E o que acontece? A Portela veio crescendo de uma tal maneira, que quando morre um eles vão ver quem é que tem o gabarito para superar, igual na academia brasileira de letras, para poder entrar no lugar daquele que morreu. Tem que ter uma educação, tem que ter um lado musical, instrumental e dignidade, entendeu? Moral ali que isso é muito importante. Se o cara não tiver isso, for um cara beerrão e fazer arruaça, ele não fica na Velha Guarda, tem que ser uma pessoa assim. (Entrevista com Argemiro, Velha Guarda da Portela)

Nessa entrevista com o integrante da Velha Guarda da Portela fica evidenciado como a dimensão pedagógica estruturada por Paulo da Portela permanece viva no imaginário portelense e direciona as ações da escola. Tal modelo organizacional é comparado pelo entrevistado com a Academia Brasileira de Letras, que seleciona “a dedo” as pessoas que farão parte dela, evidenciando que há um processo seletivo rigoroso que visa incorporar ao grupo apenas aquelas pessoas que ao longo dos anos demonstraram estar aptas a participar.

Dessa maneira é importante salientar que a luta de Paulo não foi somente em prol da Portela, mas pelo mundo do samba. Autores como Silva e Maciel (1979), Simas (2012), Sudoh (2023) e Lopes (2001) trazem Paulo da Portela como um personagem central para o crescimento do samba e seu reconhecimento entre as diversas camadas sociais, ele foi responsável por dar visibilidade e proporcionar reconhecimento a uma cultura marginal, periférica e de pouco valor diante das classes sociais burguesas e privilegiadas no Rio de Janeiro da época. Foi uma luta da vida inteira que teve efeito não somente na Portela mas em diversas escolas de samba, o que direcionou grande parte do que existe e é visto como correto até os dias atuais.

Paulo fez escola, foi um verdadeiro “professor”, tal qual no desfile histórico de 1939, com o enredo “Teste ao Samba” em que interpretou um professor e os demais integrantes da agremiação representavam os alunos. Em frente à comissão julgadora, Paulo distribuía diplomas para os seus discípulos. No carro abre-alas havia um quadro negro com a icônica frase: “Prestigiar e amparar o samba, música típica e original do Brasil, é incentivar o povo brasileiro”.

Vou começar a aula

Perante a comissão

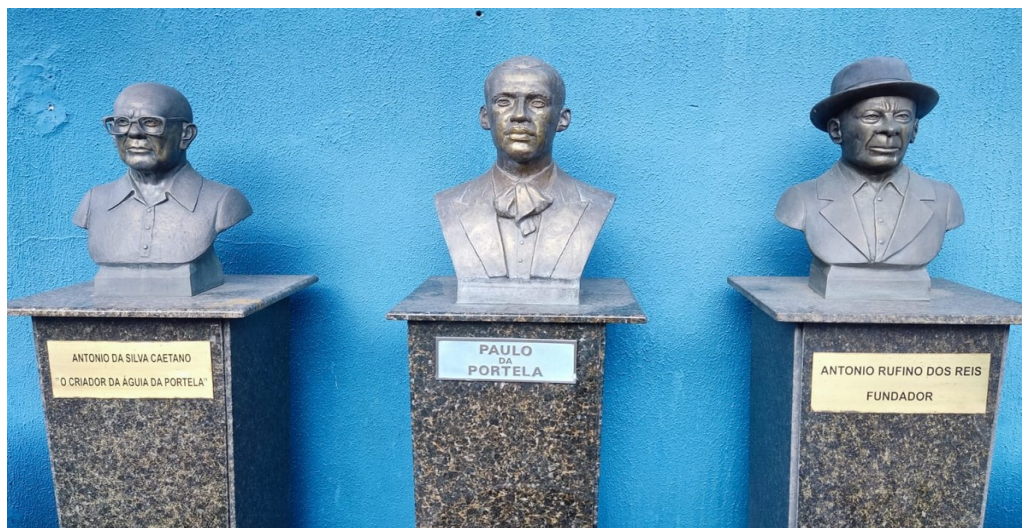
Muita atenção, eu quero ver
 Se diplomá-los posso
 Salve o fessor
 Dá nota a ele, senhor
 Quatorze com dois, doze
 Nove fora, tudo é nosso (...)

De acordo com Simas (2019) Paulo foi o grande protagonista desse desfile memorável, criando e desenvolvendo o enredo, compondo o samba e conduzindo a harmonia da escola, além de se apresentar como professor para o júri. Com uma passagem arrebatadora a Portela foi aclamada e campeã do carnaval de 1939.

A Velha Guarda da Portela surge com a intencionalidade de manter vivos os ensinamentos de seu maior professor, vários nomes lendários da instituição deram vida a esse projeto de unir pessoas dispostas a propagar o legado de Paulo, entre elas se destacam Manaceia, Chico Santana, Ventura, Alvaiade, Alcides Lopes, Aniceto de Andrade, Alberto Lonato, Monarco, Mijinha, Lincoln, Tia Vicentina, Iara, Arnaldo Santos, Antônio Caetano, João da Gente, Doca, Eunice Santana, Surica, Casquinha entre tantos outros. A musicalidade do grupo associada com a nobre missão de propagar as tradições da escola atua como um referencial pedagógico para os portelenses, que vislumbram na velha guarda uma luz, um caminho que direciona para os rumos corretos que a comunidade deve seguir.

A Figura 11 representa os bustos dos fundadores da Portela na entrada da quadra.

Figura 11 - Bustos dos fundadores da Portela na entrada da quadra



Fonte: Acervo pessoal.

É muito fácil encontrar os integrantes da velha guarda nos eventos da Portela, eles se destacam pela forma de se vestir, sempre muito bem alinhados ostentam elegância em roupas azuis e brancas. Os homens geralmente aparecem de sapatos sociais (brancos e/ou azuis), calças e camisas sociais, frequentemente acompanhados de paletó, gravata e chapéu estilo panamá. Correntes e pulseiras costumam compor o figurino. As mulheres também surgem muito bem vestidas, sempre maquiadas ostentam penteados produzidos com brincos, colares, vestidos e sapatos. Em todos os casos reinam as cores azul e branca, é difícil vê-los sem que estejam muito bem arrumados e vistosos. Para Gonçalves (2018)

É impossível dissociar também o sambista da elegância. A consolidação das agremiações carnavalescas transformou antigos sambistas, considerados “malandros”, em velhos “conselheiros”. Paulo da Portela (1901-1949), chamado de “professor” pela sua cultura e liderança, exortava seus colegas de ofício a andar de pés calçados e pescoço ocupado. Para ganhar espaço nos salões da sociedade, ele mandou confeccionar ternos para os diretores da escola, buscando incorporar o status que o traje conferia na época. Seu lema era: “Sambista para fazer parte do nosso grupo tem que usar gravata e sapato. Todo mundo de pés calçados e pescoço ocupado”. Paulo da Portela foi um sambista empenhado em quebrar o preconceito que existia contra o gênero e contra os sambistas, vistos como marginais, conforme Maregola (2017). Para o sambista, vestir-se bem era uma forma de quebrar a imagem mundana imposta aos sambistas no começo do século passado (Gonçalves, 2018, p. 7).

A Velha Guarda da Portela é muito mais do que um grupo de sambistas veteranos: é um monumento vivo do samba e da cultura popular brasileira. Sua importância reside na preservação das tradições, na valorização da história e no papel fundamental que desempenha em manter o samba como um dos maiores tesouros

culturais do Brasil. Celebrar e respeitar a Velha Guarda é reconhecer o passado, valorizar o presente e garantir um futuro próspero para o samba e para a Portela. Os portelenses compreendem essa importância, por esse motivo acredito que os baluartes históricos devem figurar na galeria das simbologias mais importantes que compõem as estruturas simbólicas da Portela.

Sambas imortais

A questão musical pode se apresentar também como um importante elemento simbólico na Portela, as composições históricas possuem o poder artístico de se fixarem na cabeça das pessoas e se tornam (ao longo do tempo) verdadeiros patrimônios para aqueles que guardam pertencimento pela agremiação. Acredito que os sambas são os maiores legados que as escolas deixam anualmente de seus carnavais, embora haja (principalmente nos tempos atuais) um fortalecimento da estética dos desfiles, nos quais as escolas vêm optando em pregar o gigantismo das alegorias, efeitos pirotécnicos, comissões de frente espetaculosas, drones e diversos outros elementos em moda nos carnavais contemporâneos.

Mesmo com todos esses atrativos visuais e midiáticos, vislumbro que o samba possa continuar sendo aquele que “se vê de olhos fechados”, que retorna para a quadra da escola, para os bares e para a casa das pessoas, mesmo após o encerramento dos desfiles. É comum (imprescindível) que os sambas marcantes sejam cantados nas quadras em diversos eventos durante o ano. É comum também que esses “grandes sambas” sejam cantados inclusive nas quadras de outras escolas de samba. Geralmente as apresentações em quadra se iniciam com aqueles sambas que fizeram história na agremiação, seja com títulos ou com desfiles que marcaram a trajetória da instituição. É (quase) obrigatório também que as escolas, principalmente as mais tradicionais, antes de iniciarem seus desfiles, abram as ações com algum desses sambas marcantes, com o intuito de comover e impulsionar o público e seus desfilantes, o que faz desse momento de “esquenta” ser um dos mais aguardados pelos apreciadores do carnaval. Esses sambas marcam o imaginário das pessoas, cada um à sua maneira, que se emocionam quando são cantados pelos intérpretes em diferentes ocasiões.

O evento principal começou com uma apresentação da bateria, logo em seguida o intérprete Gilsinho, juntamente com sua equipe, começou a cantar

sambas antológicos que fizeram história em desfiles da Portela. Nesse momento os segmentos se apresentavam em cima do palco: Passistas, velha-guarda, baianas, Mestre sala e Porta Bandeira entre outros. Consegui me posicionar no final da quadra, que já estava lotada. Era uma missão extremamente difícil circular pelo local e chegar perto do palco. As pessoas cantavam os sambas com empolgação e alegria, trocavam olhares, levantavam as mãos e buscavam ecoar de maneira uníssona. Saber cantar os sambas históricos da Portela me pareceu ser um símbolo de distinção, pois nessa troca de olhares durante a música era possível identificar portelenses mais aficionados pela instituição e pelo momento. Quando toca “Portela na avenida” ninguém é mais portelense que ninguém, mas quando toca um samba não tão conhecido, aqueles que sabem cantar se destacam diante dos demais, se afirmando naquele instante como “legítimos portelenses”. (Registro de caderno de campo, 06/10/2023)

Dessa forma é fundamental pensar na presença dos sambas como elementos que dão sentido e significado simbólicos às experiências dos portelenses com a escola. Mussa e Simas (2010) exploram a história e os aspectos culturais dos sambas de enredo, mostrando como essas obras refletem a memória coletiva e a identidade das comunidades. Outros autores, como Augras (1998) e Aquino e Dias (2009) também trazem questões importantes que contribuem na compreensão da historicidade e das representações sociais que atravessaram os sambas de enredo ao longo dos anos.

A Portela é marcada por uma expressiva cultura de samba-enredo em sua trajetória, listar os “melhores” seria uma tarefa subjetiva e fadada a discordâncias e conflitos entre os portelenses, mas é possível elencar aqueles que aparentemente são ovacionados pela totalidade. Não me arrisco a fazer uma ordem de qualidade, mas acredito que alguns sambas que representam unanimidade entre os portelenses (e tocam o coração do pesquisador de maneira mais profunda) podem ser destacados: o já citado samba de 1984 (Contos de Areia), 1970 (Lendas e mistérios da amazônia), 1995 (Gosto que me enrosco), 1980 (Hoje tem marmelada) e 1966 (Memórias de um sargento de milícias). Alguns sambas mais atuais também se destacam e acredito que merecem figurar nessas polêmicas listas: 2012 (E o povo na rua cantando, é feito uma reza, um ritual), 2017 (Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar), 2019 (Na madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma sabiá) e 2024 (Um defeito de cor).

Para além dos sambas-enredo, a Portela é marcada também por uma forte tradição em sambas de terreiro, parte fundamental da história do samba e do carnaval carioca, são composições que retratam a vida cotidiana da comunidade, fazem parte de uma tradição fundamental na história da escola e dão vida a compositores que dedicaram suas trajetórias à criação de obras que atravessam o imaginário das

pessoas. Os sambas de terreiro na Portela se configuram enquanto uma das principais expressões culturais da escola, especialmente durante suas primeiras décadas, desde sua fundação em 1923. Eles desempenhavam um papel central na organização comunitária, na preservação da identidade cultural e na criação de um ambiente de resistência e celebração para os sambistas da região de Oswaldo Cruz e Madureira.

Eram compostos e apresentados nos quintais e terrenos onde a comunidade se reunia para festejar e ensaiar, para além dos compromissos formais e oficiais da escola. Esses encontros eram também momentos de interação social e celebração festiva. Os sambas eram, muitas vezes, criados na hora, com uma forte ênfase no improviso. Compositores como Paulo da Portela, Monarco, Rufino, Candeia e Caetano eram conhecidos por sua habilidade de improvisar versos que falavam do cotidiano, dos desafios e das vitórias da comunidade, foram fundamentais para a construção da identidade da escola. Foi nesses encontros que muitas das composições se consolidaram e caíram no gosto popular. Esses sambas também ajudaram a estabelecer a reputação da Portela como uma das maiores escolas de samba do Rio de Janeiro, criando um estilo que combinava elegância melódica com raízes profundas na tradição popular. De acordo com o departamento cultural da Portela, a partir dos sambas de terreiro uma *“linha melódica e poética plantada em Oswaldo Cruz frutificou e, a partir da contribuição de portelenses de todos os cantos, se diversificou, resultando em sambas de terreiro, sambas-enredo e partidos-altos antológicos²⁸”*.

Eu entrei na Velha Guarda no dia 10 de outubro de 2004, já vai para 20 anos agora. 20 anos. Eu já ficava com eles ali, mas não era oficial ainda. Era da ala de compositores, concorrendo samba-enredo, nunca venci nenhum. Nunca venci um samba! Monarco morreu também e nunca venceu um samba de enredo! Eu já venci aqui com o curso de samba de terreiro. Mas, ganhar um samba enredo, o Monarco morreu não ganhou, o Jair do Cavaquinho não ganhou um samba enredo na Portela. É umas coisas difíceis, entendeu? (Entrevista com Argemiro, velha-guarda da Portela)

A Portela promovia disputas de samba de terreiro, onde os integrantes da ala de compositores preparavam seus sambas e os submetiam a esse concurso que acontecia na quadra da escola. Dali saíram grandes obras primas que permanecem até os dias atuais na ponta da língua e na memória afetiva dos portelenses aficionados. Com esse relato do integrante da velha guarda, foi possível perceber que entre os compositores da escola havia um duplo desejo de sucesso, que se

²⁸ Fonte: <http://www.portelacultural.com.br/2015/10/20/raizes-do-terreiro-azul-e-branco/> - Acesso em 10/01/2025

configurava quando o compositor alcançava vitória nessas duas disputas: samba enredo e samba de terreiro. Após a década de 1970, essas disputas de samba de terreiro foram perdendo força no interior da escola, embora houvesse uma tentativa de “ressuscitar” essa prática a partir da década de 2010, mas sem o sucesso e o glamour dos tempos passados.

Os bairros

Oswaldo Cruz e Madureira são territórios que representam um valor simbólico carregado de significativa importância para os portelenses. A criação e a propagação dos vínculos identitários ultrapassam os limites da quadra e se estabelecem de diferentes maneiras em toda a região. Ao circular pelas ruas é comum encontrar representações da Portela em diversos pontos, seja nos detalhes em azul e branco dos bares, nos diferentes itens da Portela que são vendidos pelos ambulantes no centro de Madureira, nas pessoas que rotineiramente são “flagradas” ostentando camisas da agremiação em alguns pontos, até mesmo nas praças e nos nomes das ruas da região.

Os bairros respiram a Portela, a Portela é parte integrante e constitui a essência comunitária, que ao longo dos anos foi se afirmando enquanto um reduto de sambistas do Rio de Janeiro, não só pela Portela, mas de outras agremiações importantes como a escola de samba Império Serrano. É comum que portelenses que nunca foram à quadra da Portela se reconheçam enquanto pertencentes não só da agremiação, mas de todo o contexto em que a agremiação está inserida. Ser portelense implica também em ser de Oswaldo Cruz e Madureira, neste contexto escola e bairro se mostram indissociáveis, mesmo para aqueles que não são oriundos da região.

Martins Júnior (2012) fala que o bairro no qual as escolas de samba se originam são dotados de sentidos e significados, algumas agremiações carnavalescas inclusive carregam o nome do próprio bairro ou localidade, conforme exemplos das escolas Mocidade Independente de Padre Miguel, Estação Primeira de Mangueira, Beija Flor de Nilópolis, Imperatriz Leopoldinense, União da Ilha do Governador e diversas outras. No caso específico da Portela, apesar de não carregar o nome dos bairros em que está inserida, foi batizada pelo local de sua primeira sede, uma importante via da

região que recebe o nome de estrada do Portela, “em Oswaldo Cruz, bem perto de madureira²⁹”. Simas (2012) salienta que

O que se pode afirmar - e é isso o que realmente importa - é que a agremiação se originou da iniciativa dos pioneiros Paulo, Rufino e Caetano. É, ainda, resultado de um ambiente tipicamente suburbano, marcado por festas religiosas e profanas, e por grupos criados para brincar o carnaval. Em um bairro como Oswaldo Cruz nas primeiras décadas do século - com enormes carências, raras possibilidades de lazer e uma população majoritariamente pobre -, as festas e o Carnaval eram canais de integração e fomento da vida em comunidade. A Portela, independentemente da data precisa de sua fundação, é resultado direto disso (Simas, 2012, p. 37).

Tal visão é reforçada pela página Portelaweb:

Como é característico de toda comunidade carente, o corpo social amenizava as dificuldades e compensava a falta de opção de lazer no bairro. Oswaldo Cruz torna-se um lugar onde as relações humanas são sinceras. Onde a amizade de fato existia. Quase uma imensa família, pois os muitos problemas quotidianos eram por todos compartilhados. Esta integração foi fundamental para a história da Portela, pois possibilitou uma vida social marcada por festas religiosas, batucadas e jongo, manifestação cultural herdada dos antepassados escravos. (Fonte: <https://portelaweb.org/semente/> - Acesso em 12/02/2025)

Desse modo, é possível inferir que Oswaldo Cruz e Madureira representam um dos pilares principais que constituem uma das essências simbólicas da agremiação, sua origem suburbana aliada com uma potente rotina marcada por manifestações culturais de origem africana. Isso possibilitou uma riqueza de vivências que permanecem até os dias atuais no imaginário de todos aqueles que estabelecem vínculos identitários com o universo do samba e do carnaval.

3.2 O ser portelense

Portelenses “legítimos”

Já foi discutido anteriormente neste trabalho que as noções de comunidade vão além dos limites físicos que circundam a quadra da Portela. Os portelenses não estão restritos às pessoas que frequentam a escola, desfilam e participam da construção cotidiana da agremiação. Para além dessa absorção, considero ser importante compreender os elementos que constituem o pertencimento e os fatores identitários elementares que os portelenses devem possuir. Não tenho a intenção de determinar

²⁹ Trecho da música “Portela, Passado de Glória”. Composição: Monarco.

de forma absoluta essa questão, pois se trata de uma definição carregada de subjetividades e atravessada por diversas variáveis que podem fazer escapar nuances importantes da percepção do pesquisador. Dessa maneira o que será tratado nesta etapa do trabalho é fruto das observações em campo e das conversas realizadas com os portelenses.

O “amor à escola” é o item que mais apareceu nas entrevistas como um elemento básico que todo portelense deve possuir. A princípio pode parecer uma resposta “clichê”, pois amar a escola certamente é um elemento básico que define aqueles que são portelenses ou não. No entanto, essa resposta persistente nas entrevistas aponta para um sentido norteador desta pesquisa, pois reafirma que o “ser portelense” passa pela noção da subjetividade do pertencimento, que pode ser manifesto em diferentes níveis, escapando da noção de comunidade circunscrita àqueles que fazem o cotidiano da agremiação. Para ser portelense não é preciso saber muito, participar muito, se envolver muito, basta que a pessoa possua vínculo sentimental com a agremiação, sem que necessariamente viva a escola de maneira plena.

Eu não acho que tem que ter pré-requisitos, eu acho que você tem que amar a escola! Quem puder estar presente, ótimo e maravilhoso, quem puder estar torcendo de outro país, ótimo! Quem puder estar torcendo ali do lado, ótimo! Você tem que ter amor e respeito, só isso! Ser portelense é isso, não tem pré-requisitos, você só sabe que é portelense! E quando você sabe que realmente é portelense a coisa flui, você sabe como deve proceder. (Entrevista com Clara, Torcida Guerreiros da Águia)

Aliado com a questão da paixão pela escola, outro elemento que despertou atenção nas entrevistas foi em relação às raízes e tradições construídas pela Portela. Para os entrevistados, de um modo geral, o ser portelense passa pela noção de conhecer sua história, respeitar a velha guarda e compreender o importante papel que a tradição da Portela representa para o carnaval e o mundo do samba.

Não fazendo comparação, mas eu acho assim: Portela, Mangueira, Império Serrano, essas três escolas... Vou colocar mais uma: Salgueiro. Essas escolas carregam muita paixão pela escola, pela sua história. Pelo modo que elas surgiram, você vê na Portela pessoas chorando na quadra em dia de ensaio normal, entendeu? Então existe uma paixão pela instituição, pela escola de samba, entendeu? Ensaio normal de comunidade, sem nada, dia normal, você vê pessoas chorando quando a bateria sobe. Você vê pessoas chorando quando o Gilsinho canta o hino da escola. (Entrevista com Casquinha, integrante da bateria da Portela)

Na visão do presidente do consulado da Portela de São Paulo, essa noção de compreender a história da Portela é um fator fundamental que caracteriza aqueles que

são verdadeiros portelenses, uma perspectiva que se coloca diretamente relacionada com o entendimento e pertencimento pelas raízes e tradições da instituição:

primeiro, amar a velha guarda, amar a história... O portelense tem que ser apaixonado pela história da Portela, se o cara falar que é portelense e não entender o que é a história da Portela, ele é meio portelense, não tem como ser inteiro sem conhecer a história da Portela. E aí, quando você conhece a história da Portela, você acaba ficando mais dentro dessa história do que do presente dela, do que do presente da Portela. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Essa noção de conhecer a história da agremiação como um elemento básico que legitima o ser portelense é corroborada pelo portelense residente de Uberaba,

Basicamente é gostar muito, é amar muito a Portela, (...) é aprender o mínimo, eu acho sobre a história. (...) uma pessoa que nasceu em 2010 hoje está com 14 anos, eu falo uma pessoa não carioca, uma pessoa daqui de longe... Ela está com 14 anos e vai se interessar pela Portela porque? Ela vai (sei lá) ver ela em algum destaque ali, eu imagino que deve ser uma correlação igual time de futebol, uma hora a pessoa vira, invoca ali e começa... Já que ela mora a mil quilômetros distante do RJ porque ela seria? Mas a partir daí, para eu considerar essa outra pessoa portelense, apesar que eu não tenho essa autoridade, mas para eu considerar essa pessoa tem que no mínimo entender que escola é aquela que tanto de bagagem que aquela escola tem, que história ela tem, no mínimo eu acho que a pessoa tem que se interessar em entender ali o passado da escola, sabe? Para eu falar assim “esse também é portelense” (Entrevista com Rufino, portelense de Uberaba)

Esses apontamentos dos entrevistados direcionam para uma questão central deste tópico, pois a noção de ser portelense pode atravessar diretamente a concepção histórica construída nas raízes e tradições da instituição. Considero ser importante buscar essa compreensão nas diferentes escolas, acredito que muitas delas devem ter suas particularidades que fazem fidelizar seus apreciadores. No entanto, parece ser evidente que o fator histórico/tradicional se apresenta enquanto um dos principais atrativos fomentadores de novos portelenses. O “portelense legítimo” talvez não se deixe vislumbrar de maneira absoluta com o resultado do carnaval, com a exuberância do desfile e tão pouco com o status midiático da escola. A Portela ideal (nessa perspectiva de pertencer) passa pela manutenção de suas raízes e tradições simbólicas e históricas, que são expressas em diferentes ocasiões que vão além do desfile oficial na Marquês de Sapucaí.

Simas (2012) salienta ser inconcebível um desfile de escola de samba acontecer sem a presença da Portela, por ser uma das principais “inventoras” do carnaval que estamos habituados nos moldes atuais e por todo seu histórico de conquistas, principalmente nos anos 40, 50 e 60. O autor reforça que mesmo amargando décadas de poucas glórias com um longo jejum de 37 anos afastada dos triunfos (de 1980 a 2017) a escola continua sendo uma grande referência no universo

carnavalesco carioca, ainda com poder de aglutinar apreciadores de todas as partes. Tal poder de ser uma referência no carnaval (apesar dos longos anos sem vitórias) pode ser compreendido pela noção de “ser portelense” apontada pelos entrevistados e observada nas incursões a campo, onde os elementos fundamentais que estabelecem os legítimos portelenses aparentam indicar diálogos mais profundos com suas raízes constituintes e estruturantes.

A rivalidade

Uma das questões que mais me despertaram atenção quando me aproximei pela primeira vez da Portela (em meados de 2008) foi sobre a aparente ausência de rivalidade entre as agremiações. Há um “jeito de ser” nesse universo que permite a participação e a presença “do outro” em territórios onde desavisados acreditam ser dominados por uma lógica de diferenças e antagonismos. As agremiações no Rio de Janeiro prezam (a princípio) pela amizade e companheirismo, usam o termo “co-irmãos” quando se referem às outras escolas, o que potencializa que seus apreciadores possam percorrer o circuito carnavalesco e partilhar diferentes experiências nas variadas instituições. Desse modo é comum encontrar pessoas de diferentes escolas frequentando outras, fato que presenciei inúmeras vezes em eventos na quadra da Portela e se mostrou recorrente durante as entrevistas.

A minha relação com as outras é uma relação muito boa, né? A Portela é uma mãe, a Portela é a maior campeã do carnaval... é... A portela é como se fosse mãe de todas as outras agremiações, com todo respeito à Mangueira, que também é uma escola de respeito, mas dentro da Portela você entra com camisa da Mangueira, do Salgueiro, da Beija Flor, da Mocidade, enfim! Todos vão ser muito bem recebidos. E a nossa relação com as outras escolas sempre foi muito boa, assim... Sempre foi muito receptiva, a Portela sempre foi muito receptiva. A Portela é uma escola que eu falei, ela abraça! né? Tudo começou na Portela, né? Um pouco de orgulho que a gente fala, né? Tudo começou com a Portela, a Portela abriu portas, nós temos aí o Paulo da Portela que brigou pelo sambista, ele não brigou pela Portela, ele brigou pelo sambista! Então a Portela tem que ser receptiva como é. (Entrevista com Clara, torcida Guerreiros da Águia)

O relato da entrevistada reafirma a questão da receptividade presente nas escolas de samba (em especial na Portela) e direciona uma pista investigativa para a origem dessa premissa, que sofreu grande influência de Paulo da Portela. Ao lutar pelo sambista, Paulo acreditava que as escolas deveriam se afastar da lógica da violência, a qual frequentemente eram associadas e, por esse motivo, deveriam se unir para que pudessem alcançar respeito diante dos demais segmentos da sociedade

brasileira. Silva e Maciel (1979) abordam o papel fundamental que Paulo teve nesse processo, pois para aproximar as escolas das diferentes camadas da sociedade, foi necessário haver uma aproximação interna entre elas mesmas, o que colaborou para estabelecer um “jeito de ser” que fosse capaz de transparecer uma harmonia coletiva, consolidando esses espaços como atrativos em diferentes instâncias sociais.

“Paulo, juntamente com Caetano, Rufino, Saturnino, Carlos Cachça, Cartola e outros mais, personagem fundamental do movimento que elevou as escolas de samba às culminâncias que hoje ocupam. Não se pode valorizar adequadamente a importância desses homens sem que se tenha nítida noção do significado e da importância para a cultura brasileira dessas agremiações” (Silva e Maciel, 1979, p. 72).

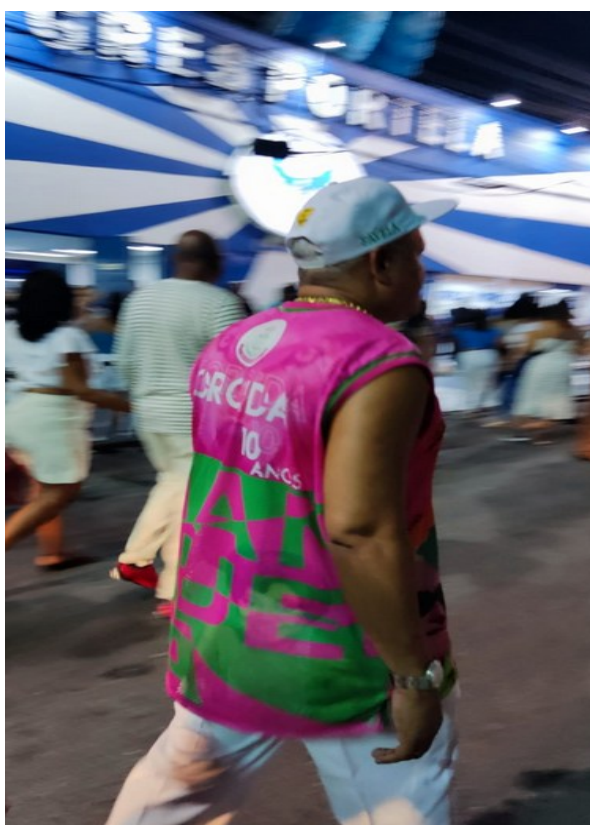
Ao caminhar pela quadra da Portela (e de outras escolas) e encontrar alguém tranquilamente vestido com a camisa de uma co-irmã, significa olhar para algo que foi concebido por Paulo Benjamim de Oliveira. Paulo acreditava que a longevidade das escolas de samba só seria possível se essas instituições fossem unidas e comungassem do bem maior, que é o samba e a musicalidade construída em suas estruturas internas. Tal cordialidade é exaltada em diferentes sambas compostos ao longo dos anos pelos poetas das agremiações, como esta emblemática obra do mestre Monarco da Portela, intitulada *Velhas Companheiras*, que trata da amizade fortalecida entre duas grandes escolas de samba capitaneadas por dois de seus maiores ícones históricos:

(...) Me lembro
 Dos meus tempos de menino
 Quando o Paulo e o Rufino
 Marcelino e Gradim
 Trocavam toda cordialidade
 Estreitando nossos laços
 De amizade fraternal
 Por isso que Portela e Mangueira
 São as grandes pioneiras
 Das escolas no carnaval
 Em noites lindas já presenciei
 Os sambistas com emoção
 Como já dizia o bom Cartola

Ponto alto da escola
Sala de recepção
Tremulavam juntas nossas bandeiras
Velhas companheiras
Semeando a paz
Por isso que Portela e Mangueira
Sempre foram as primeiras
Dos idos carnavais

A Figura 12 representa um integrante de uma torcida organizada da Mangueira participando de um evento na quadra da Portela.

Figura 12 - Um mangueirense na quadra da Portela



Fonte: Acervo pessoal.

Durante o trabalho de campo busquei aguçar meus sentidos observativos para compreender melhor essa noção de rivalidade e harmonia entre as escolas de samba. Meus olhares não foram capazes de captar hostilidades às pessoas de outras

agregiações, elas circulavam livremente pelos espaços e eram bem recebidas pelos portelenses anfitriões. Embora “reine” a dimensão do respeito, me pareceu haver um limite nessa aproximação, como se constantemente as pessoas fizessem questão de demarcar seus respectivos espaços de modo a evitar que a noção de pertencimento se confundisse com a lógica do outro, conforme é salientado pelo entrevistado a seguir:

O que eu tenho é um grande respeito... O respeito que eu falo, quando se fala de Portela, deve-se falar de Mangueira, deve-se falar de Estácio, então não é sozinha, a Portela não é sozinha, não foi construída sozinha, né? Então é importantíssimo o que é feito na Mangueira, no sentido histórico. É importantíssimo o que foi feito no Estácio de Sá, então aí o respeito é igual, igual para a velha guarda da Portela que eu tenho é a mesma coisa que eu tenho pela Mangueira... Sabe assim? Dentro do coração não é questão de espaço, é que o meu coração já é azul mesmo, né? Mas todas podem entrar, mas nesse sentido do respeito... Eu nunca fui à Mangueira, por exemplo, mas se eu for à Mangueira, eu vou com a camisa da Portela, porque eu sei que primeiro eu represento a Portela, isso é uma forma de mostrar o quão eu estou respeitando a Mangueira, de ir na Mangueira com a camisa da Portela! E é assim que esses caras das antigas veem. Quando você vem na minha casa, mesmo você sendo um rival, alguma coisa desse tipo, eu vou te tratar como um irmão, porque você vindo aqui você está me respeitando. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

Um importante evento organizado pela Portela durante os períodos de ensaios que contribuiu na compreensão acerca da amizade e respeito pelas co-irmãs é o Portela-Convida, que acontece semanalmente na quadra com a presença de agregiações convidadas e seus componentes. Quando cheguei na rua Clara Nunes para acompanhar tal evento, ainda não possuía noção dessa perspectiva, imaginava que seria um show que de fato unisse e misturasse as escolas de samba. Mas para a surpresa do “inocente” pesquisador, a realidade vivenciada na prática não dialogou com essa expectativa.

A convidada era a Porto da Pedra, mas a Portela iniciou os trabalhos “sozinha”, seus segmentos se apresentavam no palco e no chão enquanto os componentes do Tigre de São Gonçalo³⁰ chegavam aos poucos e ocupavam diferentes espaços da quadra. Me chamou a atenção o momento em que os integrantes da bateria Ritmo Feroz³¹ se posicionaram atrás da bateria da Portela apenas admirando a performance da Tabajara do Samba, de braços cruzados eles não se misturavam, aguardavam a sua vez de entrar em ação. Aquela ocasião não se configurava enquanto uma junção

³⁰ Tigre é o símbolo maior da GRES Porto da Pedra, São Gonçalo é uma cidade na região metropolitana do Rio de Janeiro onde a agregiação está localizada.

³¹ Ritmo Feroz é o nome dado à bateria da escola de samba Porto da Pedra.

conectiva das duas baterias, era possível perceber a dimensão do respeito, mas as cores das duas escolas dificilmente se entrelaçavam. Tal episódio foi registrado em vídeo e pode ser acompanhado pelo QR Code da figura 13.

Figura 13 - Bateria Ritmo Feroz apreciando a apresentação da bateria da Portela



Fonte: Autoria própria.

Um dos poucos momentos de maior união entre as duas agremiações ocorreu durante o ritual de apresentação dos casais de mestre sala e porta bandeira das duas escolas, momento que me pareceu ser uma dança que simboliza um ritual “padrão” sempre que há um encontro de agremiações.

Gilsinho já havia deixado o palco da quadra, presenciei mestre Nilo com um balde de cerveja em mãos se direcionando para um dos camarotes no intuito de acompanhar o show da Porto da Pedra. Os instrumentos da Tabajara do Samba já estavam sob posse dos ritmistas da Ritmo Feroz, com exceção dos instrumentos pequenos, como agogôs, tamborins e chocalhos, que cada instrumentista possui o seu próprio. Considerei emblemático o momento em que um dos ritmistas da bateria da Portela retirou a camisa azul e branco e vestiu a indumentária vermelho e branco no meio da quadra, pois ele tocava nas duas baterias. A rainha de bateria já estava em seu altar emprestado para representar sua agremiação, enquanto isso Wantuir (intérprete da Porto da Pedra) cantava os sambas marcantes da sua escola enquanto a comissão de harmonia vestida de vermelho e branco abria espaço no chão da quadra (pintado de azul e branco) para que a dança dos casais pudesse evoluir com perfeição. Era uma dança linda, quatro casais dançando juntos simbolizando a união de duas bandeiras. Um mestre sala beijava as mãos da outra porta-bandeira, abraçava e também cortejava a bandeira da outra agremiação. As bandeiras se cruzavam, sempre com cumprimentos extremamente respeitosos, em um certo momento os mestres salas se afastaram para que as damas unissem suas mãos e rodopiassem juntas, ora de mãos dadas, ora cada uma segurando as pontas da bandeira da outra. Após o momento “feminino”, os cavalheiros retornaram e participaram dos rodopios, retornando em seguida para seus respectivos casais e seguiram direcionando as bandeiras para que pessoas importantes pudessem ter o privilégio de beijá-las. (Registro de caderno de campo, 16 de dezembro de 2023)

A Figura 14 representa o momento ritualístico de união entre as bandeiras da Portela e da Porto da Pedra:

Figura 14: Os casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela e da Porto da Pedra dançam juntos em um evento na quadra da Portela



Fonte: Autoria própria.

A Figura 15 representa a união das bandeiras das duas agremiações em um evento na quadra da Portela.

Figura 15 - União de duas bandeiras na quadra da Portela



Fonte: Acervo pessoal.

Outro tempo/espço em que é possível perceber o afloramento das questões relacionadas com a rivalidade se deu na apuração do carnaval. Durante o trabalho de

campo acompanhei a apuração dos desfiles de 2024, que pela primeira vez aconteceria na cidade do samba³². Um ambiente cercado de apreciadores, componentes e diversos segmentos das agremiações. O ímpeto de obter a vitória faz florescer elementos de rivalidade durante o processo de apuração dos resultados. Na medida em que a leitura das notas ia se desenvolvendo, surgiram focos de provocações, xingamentos e até ofensas às agremiações co-irmãs. Nesse instante é comum que a competitividade seja exacerbada fazendo com que algumas pessoas ultrapassem os limites aceitáveis nesses espaços. Chamou a atenção quando, após uma nota baixa atribuída à Portela no quesito “Alegorias e adereços”, percebi uma mulher com a camisa da Mocidade Independente de Padre Miguel falar com o seu amigo ao lado: “*Coitada da velha de Madureira*”, utilizando um tom de deboche e sorriso com a punição sofrida pela Portela.

Muitas provocações são sutis, acontecem com pequenos gestos, sorrisos e cochichos, as pessoas compreendem que esse tom provocativo não se configura enquanto adequado naquele ambiente, por isso muitas delas precisam agir de forma discreta, de modo que apenas os amigos próximos e/ou pessoas que possuem intimidade para realizar tais atos possam perceber. No entanto, em alguns momentos da apuração essa dimensão da provocação começou a alcançar novos patamares, pois em um certo momento um grupo de pessoas com camisas de diferentes escolas começaram a gritar de forma uníssona: “*Eu! eu! eu! A Mangueira se fudeu*”. Tal gesto causou uma mistura de emoções, alguns presentes interpretavam essa cena de maneira bem humorada, enquanto outras repudiavam tal conduta. Me pareceu (naquele momento) que havia uma tradição nas apurações em ecoar tal cântico em desfavor da Estação Primeira de Mangueira, por isso quando as primeiras pessoas começaram a cantar, outras já compreenderam o momento e fortaleceram o coro.

O samba não tem essas coisas. O samba só tem: “a minha escola foi melhor” no dia do julgamento (...) se eu chego na Mangueira, eu estou bem tratado. Se eu chego no Salgueiro, eu estou bem tratado. Se a Portela for no Salgueiro, também. Os segmentos vão ser bem recebidos. Então existe essa relação muito boa no samba. O samba, a rivalidade, é só aquele negócio, só no dia do julgamento. Acho que todo mundo precisa. O julgamento tem mais rivalidade ali. É uma rivalidade no julgamento, só. (Entrevista com Argemiro, velha guarda show da Portela)

³² A cidade do samba é o local onde as alegorias e fantasias são produzidas. Cada escola do grupo especial utiliza um barracão desse espaço. Anteriormente a apuração era realizada na Marquês de Sapucaí, na praça da apoteose. 2024 foi o primeiro ano em que a apuração aconteceu nesse espaço.

O entrevistado da velha guarda reconhece que existe uma forte dimensão de rivalidade que costuma ser fomentada durante a apuração dos desfiles, mas de acordo com sua perspectiva, este se configura enquanto o único momento em que as diferenças são afloradas entre as agremiações, pois a dimensão harmônica volta a reinar nos outros tempos de interação entre as escolas. Essa característica de alternância entre rivalidade e respeito é salientada na fala de outro entrevistado:

Eu torço pela Portela, entendeu? E depois tem aquela rixa, eu quero que a Portela fique na frente da Mangueira, para os mangueirenses não ficarem me zoando, né? É, Portela, você vai cair, escola de velho, arrastão, não sei o quê, fica aí arrastando o pé no chão esse monte de velho. Então, tem essa disputa, entendeu? A escola, como é tradicional, aquela escola, ela vem mais devagar, ela vem num samba tradicional, não é aquela correria, aquele negócio rápido, contando segundo e tal, vira um negócio meio maquinado, meio digital demais. Então, eu sempre torço para ela ficar em primeiro. Como você não consegue, pelo menos desfilar nas campeãs. E, se possível, ficar na frente da Mangueira, dessas escolas maiores, da Viradouro, que a Viradouro é uma mala por causa do Nando, por causa do Bê, então eu fico chamando eles de bloco, fico zoando, falo que eles não são carioca, que eles são de Niterói, então fica essa zoação de família, entendeu? Eu torço para que a Portela fique na frente de todas essas, mesmo com as provocações. Apesar disso, eu respeito todas as escolas, entendeu? Eu sou sambista, gosto do samba, então, se tem um samba muito bonito em outra escola, eu vou admirar. Torcer, não, mas apreciar, sim. (Entrevista com Bretas, portelense de Belo Horizonte)

De acordo com Leopoldi (2009) pessoas que não seguem os fundamentos constituídos ao longo dos anos pelas agremiações carnavalescas são conceituadas como “sambeiros”. Essa distinção se faz necessária uma vez que é considerado inapropriado que a imagem do verdadeiro sambista seja atribuída à indivíduos que desconhecem, ignoram e/ou deslegitimam o conjunto de saberes e condutas que foram transmitidos ao longo dos anos e que direcionam os modos de agir da comunidade. Esse conceito de Leopoldi, embora seja utilizado para caracterizar diferentes formas de atitudes que escapam da noção que constitui o verdadeiro sambista, pode não ser capaz de considerar determinados contextos em que essa rivalidade está inserida. É possível que possa aparentar ser “coisa de sambeiro” rivalizar e caçoar de outra agremiação, mas a partir das análises foi possível compreender que muitos desses supostos sambeiros compreendem que se trata apenas de um momento de descontração, uma espécie de “licença temporária para ser rival”, com a total certeza que o respeito e a amizade voltam ao protagonismo após a apuração do carnaval.

O torcer

O uso do termo “torcer” é naturalizado no meio das escolas de samba, muitas pessoas utilizam essa palavra para expressarem a dimensão de vínculo que possuem com suas agremiações carnavalescas favoritas. Não é raro se deparar com perguntas do tipo: “*Você torce para qual escola de samba?*” Mas que torcer é esse a que essa pergunta se refere? De acordo com Toledo (2023) o torcer se configura enquanto manifestações de expressões corporalizadas que se constitui no campo esportivo, tais representações são materializadas por meio de times, jogadores, torcidas e demais outros elementos que constituem a cultura do futebol. Não há (a princípio) elementos significativos que aproximem as vivências constituintes das escolas de samba com a lógica de torcer originária do campo esportivo. Percebi que existem lampejos aproximativos que se manifestam em ações pontuais em alguns momentos da rotina carnavalesca. Estive atento nas ações de campo desta pesquisa no intuito de buscar melhor compreensão acerca dos sentidos que são atribuídos a esse suposto torcer que está presente nas vivências desses grupos.

A palavra “torcer” é utilizada de forma institucional pela Portela, um exemplo prático é a existência de um programa de sócio-torcedor, aparentemente inspirado na lógica dos programas dos clubes de futebol. Existem planos com valores de R\$6,90 a R\$59,90 mensais, com benefícios que variam de acordo com o plano escolhido. As atrações práticas desses diferentes planos giram em torno da possibilidade de entrada gratuita em eventos na quadra da agremiação, como feijoadas, disputas de samba-enredo e ensaios técnicos³³. Não há (em nenhum deles) viabilidades de ingressos (isenção, desconto ou prioridade) para as arquibancadas da Marquês de Sapucaí ou possibilidades de benefícios na aquisição de fantasias para desfilar. Trata-se de um programa que foca em fidelizar as experiências de seus “torcedores” em eventos nos quais a agremiação não “entra em campo” para competir, pois nenhum benefício é viabilizado que o “torcer” possa ocorrer no desfile oficial.

Santana (2016) aponta que, no caso do futebol, os programas de sócio-torcedores possuem intencionalidades que vão além da ação de jogar e torcer, destacando que esses programas são referências no processo de fidelização de clientes, o que dialoga com uma lógica de consumismo que assume diferentes faces em nossa sociedade contemporânea. Dessa forma, me pareceu evidente que essa

³³ Informações obtidas na página <https://www.sociosdaportela.com.br/tabela> - Acesso em 09/02/2024

perspectiva clientelista se destaca também no programa da Portela, uma vez que as grandes vantagens de ser um sócio-torcedor estão direcionadas para descontos em produtos nas lojas oficiais e possibilidades de entrada gratuita em alguns eventos promovidos pela escola em sua quadra. Ao contrário do que acontece no futebol, não identifiquei significativa relevância dos sócios torcedores no cotidiano da instituição, tanto na quadra quanto na Sapucaí para o desfile oficial, tão pouco identifiquei que aderir a um desses planos favorece que essas pessoas tenham oportunidades de exercer o torcer para a sua escola do coração.

Outro momento em que o uso do torcer foi utilizado em uma importante ocasião institucional ocorreu durante o discurso do presidente da Portela (Fábio Pavão) na câmara dos deputados em uma sessão solene no plenário federal em homenagem ao centenário da escola, em junho de 2023. Em seu discurso, o presidente saudou a história da Portela, seus fundadores, diferentes segmentos importantes e seus “torcedores”:

“Hoje eu represento, nesta homenagem, toda a família portelense, os segmentos, os componentes de ala, comunidade, funcionários, diretores, conselheiros e sócios da Portela. Todas as nossas torcidas, do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo, nossos consulados. represento todos os homens e mulheres que amam esta escola...” (Fábio Pavão, presidente da Portela)³⁴

Na fala do presidente é possível identificar que há um aparente reconhecimento por parte da instituição acerca da existência de torcedores da Portela, uma vez que tal categoria mereceu um lugar de destaque entre as instâncias importantes que estruturam a escola. O torcer e os torcedores, nessa fala, me pareceu estarem relacionados com as pessoas de fora do Rio de Janeiro, ainda que a palavra utilizada tenha sido “torcida”, pois não há (a princípio) torcidas da escola em outras cidades. Com isso, penso que esse torcer anunciado pelo presidente se trata (majoritariamente) dos portelenses “não-praticantes” identificados no trabalho de campo e nas conversas com os diferentes grupos que participaram desta pesquisa.

As entrevistas realizadas para este trabalho se configuraram também enquanto um importante instrumento para auxiliar com uma compreensão mais aguçada sobre

³⁴ Trecho do discurso do presidente da Portela em uma sessão solene na câmara dos deputados (Em Brasília) em homenagem ao centenário da escola, ocorrida em 12/06/2023. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wR9x83VU3lw> - Acesso em 09/02/2024.

as supostas dinâmicas de torcer presentes na Portela, segundo o presidente do consulado de São Paulo, o torcer pelas escolas de samba

é uma questão usual da palavra, para ficar mais claro e tal, mas eu mesmo não me sinto torcedor da Portela... A gente torce porque torce mesmo, a gente quer o bem, mas não é assim que a gente se vê não, o portelense ele é o portelense, ser portelense é ser defensor, né? Ele tem a questão de defender, né? Eu acho que é isso... O que você é da Portela? Eu sou devoto, igual eu falei que sou devoto de Paulo da Portela, devoto é isso, porque a devoção eu acredito que seria a palavra mais próxima a que seria usada mesmo, porque é uma religião, se é uma religião eu sou devoto daquela religião. (Entrevista com Monarco, consulado da Portela de São Paulo)

O entrevistado salienta que o torcer (na perspectiva do carnaval) não representa o ato de incentivo, como no futebol por exemplo, como se fosse um elemento a mais que pode ser determinante no sucesso da disputa. Em sua visão, o uso da palavra “torcer” ocorre devido a falta de investidas mais aprofundadas com o propósito de encontrar um conceito que melhor descreva essa vivência. Dessa maneira, compreendo que esse torcer relatado na visão do entrevistado dialoga de forma mais incisiva com uma lógica de “querer o bem”, desejar que coisas boas aconteçam com a sua agremiação. Na visão do entrevistado integrante da velha guarda,

o torcer, eu já digo que é uma maneira de aplaudir a escola, né? O torcer é aplausos, que são significados somente para a Portela. Certo? Porque torcida vem de futebol. Mas como? Sempre. Se deixa aliar o samba com o futebol acontece isso. Então a pessoa: Ah, eu sou o torcedor da Portela... Eu prefiro que diga “eu sou portelense. Sou adepto da Portela”. Torcedor, eu acho uma palavra meio pejorativa... Torcedor? Não! Torcer o quê? Vai torcer roupa? (risos) Mas essa palavra se enquadrava nessa juventude aí, porque o portelense de outrora, ele não vai dizer isso, ele sabe que ele é só portelense. (Entrevista com Argemiro, velha guarda show da Portela)

Embora o entrevistado utilize o “torcer” de maneira natural em algumas falas durante a conversa, quando perguntado acerca da sua percepção em relação a essa palavra para representar o pertencimento pela Portela, sua ação foi de recusa. O futebol é um elemento que os sambistas, principalmente aqueles que possuem as raízes e tradições como instâncias valorosas, buscam dissociar de suas imagens. Por isso acredito que o estereótipo de violência muitas vezes atrelado às experiências torcedoras do futebol seja um fator que possa contribuir com essa repulsão.

Maffesoli (1998) fala sobre a dissolução das grandes instituições e a formação de microgrupos emocionais, ou seja, tribos modernas baseadas em símbolos, gostos

e práticas compartilhadas entre os indivíduos. Isso pode ser compreendido por diferentes prismas de análise, autores como Jenkins (2006) e Thornton (1996) mostram que o ato de torcer e pertencimento não são exclusivos do futebol, mas aparecem em diversas práticas culturais, como outros esportes, música, religião, games, política e diversos outros tempo/espacos de formação e experiência comunitária. Essa lógica de “pertença” diz sobre diversos fenômenos culturais, mas foi absorvida (de maneira majoritária) à lógica do esporte, principalmente do futebol, talvez em função do grande apelo popular que esse fenômeno esportivo carrega em suas manifestações. Durante o trabalho de campo identifiquei elementos que remetem às práticas de torcer de forma mais acentuada em duas ocasiões: Arquibancadas do sambódromo durante o desfile oficial e na apuração do carnaval ocorrida na Cidade do Samba.

O desfile oficial é um dos momentos mais aguardados pelos portelenses, pois a agremiação se prepara durante um longo período para uma apresentação que tem uma duração média de 70 minutos. Quase todos os elementos presentes no desfile recebem um julgamento criterioso, quatro cabines distribuídas na avenida contam com jurados sagazes de olhos atentos em uma busca constante por erros que fatalmente culminam em décimos perdidos. Por esse motivo, o desfile, apesar de festivo, é cercado constantemente por um clima de tensão (na agremiação e na plateia) que permeia todo o ritual de atravessar a rua Marquês de Sapucaí.

Pelo olhar das arquibancadas, é possível perceber diferentes formas de comportamentos enquanto a Portela desfila, algumas pessoas cantam o samba de maneira “incansável”, vibram, gesticulam, balançam bandeiras e estimulam que os demais presentes façam o mesmo. Outras pessoas se contorcem, ficam aflitas, admiram e/ou reclamam quando algo foge daquilo que é esperado dos portelenses. Exemplo dessas expressões foi registrado no caderno de campo na arquibancada da Sapucaí durante o desfile da Portela:

Com 29 minutos de desfile foi possível ver a comissão de frente da Portela se apresentando nos setores 10 e 11, o público do setor 13 comemorou como se fosse um gol em um estádio de futebol. Ainda distante, porém visível de nós, era a última cabine de julgadores. A comissão de frente se apresentou primeiro, seguida do casal de Mestre Sala e Porta-Bandeira (Marlon Lamar e Squel Jorgia), foi um momento de tensão, algumas pessoas pararam de cantar para assistir, analisei aquele momento como se fosse uma disputa de pênaltis na final do campeonato, pois todo o trabalho de um ano inteiro seria decidido ali naquele momento. Eles não poderiam errar, (...) uma mulher ao meu lado com as mãos juntas ao peito dizia: “Que dê tudo certo, brilhem nessa apresentação meu Deus, caprichem aí por favor”. (...) escutei um “ai ai ai meu Deus” de alguém na arquibancada, uma pessoa disse: “é muita

responsabilidade deixar um único quesito na mão de duas pessoas”. Outra voz perto de mim: “lindos, lindos”. (...) A Portela desfilava tranquilamente, uma evolução perfeita, lindas combinações de cores entre elas e alegorias, a arquibancada cantava o samba. Notei que aqueles com camisa da Portela cantavam e vibravam com mais afinco, já aqueles com camisa de outras agremiações só se manifestavam em momentos impactantes do desfile. Há a dimensão do respeito que se sobressai entre os apreciadores, porém os Portelenses “declarados” agiam como legítimos “torcedores” cantando, vibrando e aplaudindo sua escola em quase todos os momentos. (Registro de caderno de campo, 12 de fevereiro de 2024)

Nas arquibancadas do sambódromo ocorrem também as manifestações das torcidas organizadas da Portela que mais se aproximam (ao meu ver) do espetáculo que é produzido pelas torcidas nos estádios de futebol. Camisas, faixas, bandeiras e fumaças costumam ocupar diferentes espaços das arquibancadas, principalmente no setor 3, local onde esses grupos geralmente preferem se posicionar. A estética visual do desfile em diversos momentos é agregada a uma forte presença de elementos que simbolizam dinâmicas de torcer, conforme observado na figura 16:

Figura 16 - Torcida Organizada Guerreiros da Águia na Marquês de Sapucaí durante um desfile da Portela



Fonte: <https://www.facebook.com/share/1AHdXn5LgJ/> - Acesso em 11/02/2025

Essas representações simbólicas das torcidas organizadas durante os desfiles demonstram um apelo visual que estabelece mimetismos com o torcer futebolístico, embora esses supostos “torcedores organizados” façam questão de frisar que suas

dinâmicas de pertencimento possuem suas especificidades e não assumem as mesmas configurações reverberadas no futebol.

Lembrando que torcida organizada de escola de samba é diferente de torcida organizada de futebol, tá? e assim foi fundada a Guerreiros na intenção de elevar a auto estima e a moral do portelense, do desfilante, dos segmentos, dos departamentos da escola. (...) Somos arquibancada e desfilantes, as duas coisas! A torcida do futebol não entra em campo, mas a torcida de escola de samba entra em campo. Lembrando que a Portela também, ela tem cinco torcidas, não tem só a Guerreiros, são cinco torcidas (...) Todas atuantes, temos uma boa relação, um ajuda o outro e todo mundo desfila! Tem membros das torcidas que são diretores da escola, como eu, como na Amigos da Águia, como em outras torcidas são desfilantes, harmonia da escola e assim vai. A torcida está inserida dentro do contexto da escola. (Entrevista com Clara, Torcida Guerreiros da Águia)

Um elemento importante destacado pela entrevistada é sobre o fato dos integrantes das torcidas organizadas possuírem poder de influência e contribuírem de diversas maneiras com o carnaval da Portela. O “entrar em campo” significa que essas torcidas (por meio de seus integrantes) possuem atuação prática no interior da agremiação para além da “simples” ação de vibrar, cantar e torcer por bons resultados, eles ocupam diferentes espaços nas estruturas internas, estão nas arquibancadas, nas diretorias e até mesmo desfilando pela escola.

Essa perspectiva de torcedor organizado assume diversas funções, atuando como uma junção entre as organizações formal e carnavalesca, estudadas por Leopoldi (2010). Para o autor, a diretoria e os setores administrativos da escola de samba (organização formal) exercem poder hierárquico sobre a organização carnavalesca, constituída pelos componentes, as alas e a cúpula que trabalha para construir o carnaval. Muitos integrantes das torcidas organizadas, por circularem nas duas dimensões institucionais (formal e carnavalesca) possuem grande poder de trânsito e decisão nas diferentes instâncias que compõem a escola. Esse poder não é exercido de forma oficial, uma vez que as torcidas não se configuram atualmente como segmentos da instituição, se trata de um poder indireto que se expressa pela influência de seus componentes dentro das raízes da Portela.

Esse modo de “torcer” das torcidas organizadas das escolas de samba foi concebido e carrega elementos em inspiração ao modelo futebolístico, principalmente em relação à festa, símbolos e pertencimento incondicional à sua instituição. Por outro lado, busca constantemente demarcar seu próprio território e se afastar da lógica do futebol, criando uma aparente “cultura torcedora própria”, uma espécie de ressignificação cultural, “fenômeno” que ocorre em diversos segmentos e grupos da

nossa sociedade. Autores como Hall (2016), Bourdieu (2008) e Geertz (1989) mostram como os significados mudam com o tempo, dependendo das relações de poder, das transformações sociais e da apropriação por diferentes grupos.

A apuração também se mostrou como um importante tempo/espço em que possíveis dimensões do torcer se manifestam. É o momento em que se realiza a leitura das notas e o anúncio da escola campeã do carnaval. Foi o ambiente em que identifiquei maiores vestígios de rivalidade e tensão entre as agremiações. As pessoas torcem, vibram e se emocionam durante todo o processo. Esse “torcer” na apuração possui uma configuração própria, pois o “jogo” não está acontecendo, ele já foi realizado nos dias anteriores e por esse motivo já existe uma expectativa em relação ao resultado. As escolas já sabem quais foram suas maiores qualidades e/ou defeitos, com isso reina a especulação nos bastidores e expectativas para que o resultado seja confirmado com justiça.

O julgamento das escolas de samba é composto por muitos quesitos subjetivos, os quais dependem do olhar e da interpretação (muitas vezes pessoal) de cada julgador, por isso é comum que haja surpresas nas notas e consequente misto de sentimentos entre as pessoas presentes: Alívio, alegria, revolta, tristeza e desolação, conforme registrado no caderno de campo:

Após uma intensa apuração, a Viradouro foi anunciada campeã do carnaval de 2024, um reconhecimento justo por um desfile impecável que arrebatou a Marquês de Sapucaí. A bateria da escola (Furacão Vermelho e Branco) já ocupava as ruas da cidade do samba, juntamente com os diversos segmentos, para comemorar a conquista. Muitos jornalistas se aglomeravam para registrar o brilhante intérprete Wander Pires entoar o samba campeão. Para o público presente tudo era festa, diferentes camisas de escolas de samba se misturavam para celebrar o resultado e o fim do carnaval. Notei que segmentos de outras agremiações se direcionavam para seus respectivos barracões³⁵, uma tristeza que contrastava com a euforia dos integrantes da Viradouro. Busquei me posicionar próximo ao barracão da Portela, a presidenta de honra (Tia Surica) e o mestre de bateria (Nilo Sérgio) choravam de maneira copiosa lamentando o resultado do carnaval. Nilo se mostrava indignado com as notas que sua bateria havia recebido, décimos perdidos que certamente colaboraram para que a Portela fosse a 5ª colocada na disputa. Não demorou muito e os dois foram amparados por outros integrantes da escola, alguns deles tentavam convencer a matriarca que a agremiação havia feito um grande desfile, digno de suas tradições e que houve uma grande evolução em relação ao carnaval de 2023, no qual a Portela amargou um décimo lugar. O compositor do samba que a escola apresentou em 2024 (Wanderlei Monteiro) também estava presente, mas se mostrava satisfeito com as notas que seu samba havia recebido. Apesar do sentimento de derrota, havia um clima de dever cumprido e satisfação em muitos aspectos

³⁵ A cidade do Samba é o local onde as alegorias e fantasias das escolas de samba são construídas. Cada escola do grupo especial possui o seu galpão, chamado de barracão.

apresentados pela Portela naquele carnaval. (Registro de caderno de campo, 14 de fevereiro de 2024)

A Figura 17 representa uma oposição de sentimentos após a apuração do carnaval de 2024. De um lado uma integrante da Viradouro comemora o a conquista do carnaval pela sua escola, do outro o mestre de bateria da Portela é consolado por outros integrantes da diretoria da escola.

Figura 17- Alegria e tristeza após a apuração do carnaval de 2024



Fonte: Acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ah que lugar
Tem mil coisas pra gente dizer
O difícil é saber terminar...*³⁶

Este estudo surgiu de um encantamento que tive com a Portela em meu primeiro contato com a agremiação em meados de 2008, época em que eu ainda não vislumbrava essa temática como um tema de pesquisa. Me chamou a atenção (em meio a um turbilhão de sentimentos) que supostos torcedores de outras agremiações transitavam pelo circuito (Magnani, 1996) das diferentes escolas de samba ostentando suas camisas, fato que não causava nenhum tipo de estranhamento naqueles grupos. Percebi também que os apreciadores do carnaval estabeleciam apreço sentimental por diferentes escolas de samba sem que isso afetasse a percepção de fidelidade. Desde então venho nutrindo interesse em compreender melhor essa vivência por meio de experiências de lazer ao longo dos anos em quadras de agremiações cariocas, especialmente na Portela.

Nesta pesquisa, busquei compreender quais eram as diferentes maneiras que esse “ser portelense” poderia se estabelecer, abarcando os sentidos e significados que estruturam o pertencimento desses que (assim como eu) vislumbram a Portela como algo que carrega importância em suas vidas. Inicialmente acreditava que esse pertencimento poderia ser categorizado (guardando as devidas proporções) como uma perspectiva do torcer, carregando semelhanças e afastamentos com o futebol. Esse suposto “torcer” foi utilizado como um ponto de partida para as investidas teóricas e a pesquisa de campo. Mas como diria João Guimarães Rosa, “*O real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*”. Durante a tal “travessia” comecei a problematizar essa noção de pertencimento enquanto uma dimensão do torcer, passou a me incomodar o uso dessa palavra para descrever a vivência coletiva em uma escola de samba, que ao meu ver se configura com dinâmicas, sentidos e significados que vão muito além da questão da assistência que

³⁶ Meu Lugar - Composição de Arlindo Cruz e Mauro Diniz

(majoritariamente) direciona as ações dos torcedores. O “pertencer” a uma escola de samba dialoga com uma lógica identitária de comunidade, subúrbio, religiosidades e variados elementos que (juntos) formam uma significativa noção de identidade popular que é caracterizada por (Damatta, 1981) como rituais de transgressão popular. É possível identificar ações torcedoras em alguns momentos, mas não é o torcer que direciona a experiência como aquilo que “toca” essas pessoas, na perspectiva de (Bondía, 2002) quando elas se dispõem a viver esses rituais de forma plena e sincera.

Busquei compreender as diferentes formas que estruturam a noção de “ser portelense”, pois como morador de Belo Horizonte me incomodava as análises que restringiam a comunidade da escola à aqueles que frequentavam a rotina da mesma. Identifiquei, a partir das incursões, algumas categorias: Portelenses intocáveis, portelenses coletivizados, portelenses de fora e portelenses não-praticantes. Essas categorias foram elaboradas a partir de observações, conversas e estudos sobre a temática. No entanto, considero pertinente salientar que tais categorias podem não possuir a capacidade de abranger a plenitude existencial dos diferentes grupos portelenses, que se mostraram complexos e repletos de variáveis em uma “comunidade em constante transformação” (Pavão, 2005).

Em seguida, o desafio foi capturar os elementos que dão sentido e significado a esse pertencimento que as pessoas guardam pela instituição. Identifiquei uma escola repleta de simbologias existenciais que transbordam aos olhos e ouvidos dos portelenses, que vislumbram nestes elementos a verdadeira razão de ser, onde a partir deles são criadas e fortalecidas a genuína identidade coletiva. A águia, o pavilhão, as religiosidades, os baluartes, os sambas imortais (sambas de enredo e sambas de terreiro) e os bairros de Oswaldo Cruz e Madureira foram os principais elementos simbólicos identificados durante a pesquisa.

Percebi a necessidade de compreender de maneira mais aprofundada o significado do “ser portelense”, com o propósito de aguçar a percepção acerca de possíveis características que as pessoas deveriam possuir para serem reconhecidas como autênticos portelenses. A partir, principalmente, das análises em campo e entrevistas, identifiquei que possuir vínculo afetivo com a escola e conhecer / seguir os fundamentos historicamente construídos são os elementos básicos que os portelenses genuínos devem apresentar. Dessa forma, ficou aparente que o “ser

portelense” não passa (obrigatoriamente) por uma noção de estar próximo da Rua Clara Nunes em Madureira.

A aparente ausência de rivalidade entre as instituições do samba é uma característica que há muito tempo me desperta atenção. As escolas se dirigem umas às outras como “co-irmãs” em uma relação na qual (dentro dos limites do meu olhar observativo) reina a dimensão da cordialidade mútua. Os portelenses entrevistados não relataram possuir mais de uma escola do coração, mas foram unâimes em salientar que respeitam as demais agremiações carnavalescas, o que permite frequentar outras quadras e até desfilar em outras escolas sem que isso cause estranhamento em sua escola de origem. Há um limite nessa aproximação, que fica evidente em eventos nos quais duas (ou mais escolas) se apresentam nos mesmos locais. Durante a apuração do carnaval houveram fragmentos de rivalidade entre as escolas, pois foi possível identificar xingamentos e zombarias quando o “calor da apuração” aflorou a noção de competição entre as pessoas. Apesar disso, me pareceu que essa suposta rivalidade começa e termina durante a apuração, uma espécie de “licença temporária para rivalizar”, pois os sambistas compreendem que essa conduta é inapropriada em outros tempos / espaços.

O empirismo sempre se configurou enquanto um ingrediente de sedução em minha vida, da mesma forma que o universo do samba, da Portela, das agremiações e do carnaval está alocado em uma privilegiada prateleira que contém os elementos “caros” da minha jornada existencial. As investidas à campo foram direcionadas para que eu obtivesse uma melhor compreensão acerca do meu objeto de pesquisa, mas durante o processo considerei ser uma tarefa de extrema complexidade manter o foco observativo diante de um cenário que proporciona diferentes estímulos sensoriais à quem está de fato presente. Isto certamente gerou ao pesquisador em formação um desejo de descrever diferentes elementos com os quais eu me deparava, o que talvez tenha me direcionado (em alguns momentos) para análises que demandam uma maior maturação e investidas mais profundas e sistemáticas.

De acordo com Luiz Antônio Simas, *“não se pode contar a história do samba carioca sem a referência aos ritos religiosos afro-brasileiros”* (Simas, 2012, p. 35). Essa temática é de relevante importância e norteia diversas ações no interior da agremiação, percebi as religiosidades da Portela como importante alicerce simbólico em suas estruturas internas, na qual sua inestimável importância merece que estudos

mais específicos se dediquem para melhor elucidação. Da mesma maneira, considero pertinente que dois grupos que se fortaleceram nos últimos anos recebam maior aprofundamento científico: As torcidas organizadas e os consulados da Portela.

As torcidas do carnaval incorporaram o nome e a estética visual do futebol para se estabelecerem no cenário das escolas de samba, por outro lado buscam constantemente se afastar da imagem estereotipada associada às torcidas do futebol. No caso específico da Portela, elas se configuram enquanto “torcidas que também jogam”, pois seus componentes ocupam diferentes espaços no interior da agremiação, como alas, segmentos e posições de destaque na direção da escola. Considero relevante aprofundar a compreensão na existência, fundamentos e poder de alcance dessas torcidas não só da Portela, mas das diferentes agremiações.

Para além das torcidas organizadas, vejo como um tema pertinente para futuras investigações, a presença (ainda embrionária) das escolas de samba que se organizam pelos clubes de futebol no Rio de Janeiro. Tal fenômeno já é amplamente consolidado entre as escolas de samba do carnaval de São Paulo, mas pode enfrentar diferentes entraves e conflitos na realidade do Rio de Janeiro, marcada por escolas que tendem a se posicionar de maneira resistente a processos de mudanças caso seus princípios históricos sejam ameaçados.

Os consulados da Portela se destacam por serem agrupamentos oficiais da instituição longe dos limites físicos de Oswaldo Cruz e Madureira e da cidade do Rio de Janeiro. No caso do consulado de São Paulo, seus integrantes não possuem relação familiar e/ou histórica com a agremiação, o que não os impede de serem legítimos portelenses e exercerem uma notável missão de propagar os ensinamentos dos baluartes históricos. É importante haver uma imersão no interior desses consulados para melhor compreensão acerca de suas ações práticas e alcance de suas ações nas localidades as quais estão inseridos.

Por fim (sem querer terminar e com nó na garganta) destaco a riqueza existencial dessa temática e a importância de valorizar o sambista e propagar os ensinamentos daqueles que outrora foram obrigados terem seus “pés e pescoços ocupados” para serem reconhecidos diante de uma sociedade extremamente preconceituosa e aporofóbica. Eles lutaram e venceram muitas batalhas antes de estarmos aqui. Obrigado Paulo Benjamim de Oliveira, acho que agora também sou um devoto seu! Por esse motivo (talvez) em nenhum momento eu considere qualquer

parte do processo desta pesquisa enquanto um trabalho penoso de ser executado. Eu faria toda a pesquisa (principalmente a de campo) mesmo sem a necessidade de concluir um curso de pós-graduação. Viva o samba, viva a Portela, viva o carnaval!

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Claudia Regina. **Exu e Ogum no terreiro de samba**: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ALMEIDA, Adriano Carlos de. FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. DOULA, Sheila Maria, PINTO, Neide Maria de Almeida. Comunidades Globais: A construção de comunidades imaginadas na Era da Informação. **Revista de Artes e Humanidades**, n.7, Nov./Abril 2011.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005.
- AQUINO, Rubim; DIAS, Luiz Sérgio. **O samba-enredo visita a História do Brasil: o samba de enredo e os movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.
- AUGRAS, Monique. **O Brasil do samba-enredo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 70, 1977.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BARROSO DE SIQUEIRA, Karla Fatima. **"Oranian é Paulo da Portela"**: memórias e religiosidade no samba-enredo da G.R.E.S. Rio de Janeiro, 2019. 104p.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, p. 20-28, 2002.
- BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do gosto. Porto Alegre/São Paulo, Zouk/Edusp, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). 10. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 322p.
- CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Carnaval**: Imagens e Reflexões. Rio de Janeiro: Edições Pinakhotteke, 1981.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer - História dos Costumes**. Direção de Jean Poirier - Éticas e Estéticas. Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 2002.

ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. **A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2009.

FIGUEIREDO, Rafael Galdo de. **O maior espetáculo da terra - O papel da mídia na transformação das escolas de samba no Rio de Janeiro** / Rafael Galdo de Figueiredo: UFRJ/ECO, 2006.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa** / Clifford Geertz; tradução de Vera Mello Joscelyne. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade** / Anthony Giddens; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOLDWASSER, Maria Julia. **O Palácio do Samba: Estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira**. Zahar Editores. 1975.

GOMES, Christianne Luce Gomes e AMARAL, Maria Teresa Marques. **Estudos Avançados do Lazer: Metodologia de Pesquisa Aplicada ao Lazer**. Brasília: SISI/DN, 2005.

GOMES, ChristianneLuce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2014.

GOMES, Rodrigo de Oliveira. **Lazer e formação profissional: entre licenciatura e bacharelado em educação física**. [manuscrito] / Rodrigo de Oliveira Gomes – 2013.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. O samba é o dom: sobre as velhas guardas e a presença da dádiva nas relações de sociabilidade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 71, p. 252–273, 2018.

GONÇALVES, R. de S. Eu sou o samba: sobre lugares, pessoas e pertencimento. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 10.5216/sec.v16i1.28214, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. **Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano**. Mosaico, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, 2018.

JENKIS, H. (2006) **Fans, bloggers and gamers. Exploring participatory culture**. NY: New York University Press.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade.** / José Sávio Leopoldi, apresentação Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. - Rio de Janeiro: (Col. História, Cultura e Ideias, v. 10) Editora UFRJ, 2010.

LIESA. **Carnaval 2025.** Disponível em: <https://liesa.globo.com/carnaval/mapa-do-sambodromo.html>. Acesso em 06 jan. 2025.

LOPES, Nei, 1942 - **Dicionário da história social do samba** / Nei Lopes, Luiz Antônio Simas. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 336 p.; 23 cm. 2019.

LOPES, Nei. **Guimbaustrilho.** Rio de Janeiro: Dantes, 2001.

LUNA, Sergio Vasconcelos. **Planejamento de pesquisa uma introdução.** EDUC. São Paulo 1996.

MAFFESOLI, Michel, **1944 - O tempo das tribos:** O declínio do individualismo nas sociedades de massa / Michel Maffesoli; Apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, J. G. Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L. de L. (Orgs.). **Na metrópole:** Textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, p. 12-53.1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, v. 17, n.49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. 1.ed. São Paulo: Ed. Hucitec, v.1, p.166. 1998.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira,** São Paulo, n. 1. Maio,1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MARTINS JUNIOR, Marco Antônio. **Foi um rio que passou em minha vida:** Portela representações e sustentabilidades em Madureira / Marco Antônio Martins Júnior; orientador: Augusto Cesar Pinheiro da Silva. - 116 f.: il. (color.) ; 30 cm, 2012.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. 2011.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer:** conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MUSSA, Alberto. **Samba de enredo: história e arte** / Alberto Mussa, Luiz Antônio Simas - 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023

NEGRINE Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina (Orgs) **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora: Sulina. 2004.

Oliveira, S. N.; Doll, J. O Lazer Sério de Robert A. Stebbins. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 17 (1), 2014. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2014.631> - 2014.

PAVÃO, Fábio Oliveira. **Uma comunidade em transformação: Modernidade, organização e conflito nas escolas de samba**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção de grau de mestre. Niterói, p. 114. 2005.

PIMENTA, C.A.M.; SILVA, G. C. - Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca - **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 318-337, jan./jun. 2019.

PORTELA. Portela. Rio de Janeiro, 8 ag. 2022. Facebook: Portela. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2277932532354973&id=198001260348121&set=a.1195838860564351> Acesso em: 14 fev. 2025.

RIBEIRO, Bruno Mota. **Territórios, tradições e redes sociais – Portela além do infinito**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUCMinas – 2023. https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202313321764dcfa117f212.pdf - 2023.

Ribeiro, S. P.; Santos, E. H. A Prática do Futebol Amador na Cidade de Ibirité-MG sobre a Teoria do Lazer Sério de Robert Stebbins. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 23(4), 173-196, 2020. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.26653> - 2020.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo. P. do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte, Editora Autêntica. 2008.

SANTANA, Thiago José Silva. **O clube no coração e/ou no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor**. [manuscrito] / Thiago José Silva Santana – 2016.

SANTOS, P. M. dos, Marinho, A., Mazo, G. Z., Benedetti, T. R. B., & Freitas, C. de la R. (2015). Lazer e participação de homens em grupos de convivência para idosos de Florianópolis (SC): motivações e significados. **Revista Kairós-Gerontologia**, 18(3), 173–191. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i3p173-191> - 2015.

SILVA, Cristina da Conceição; ROCHA, José Geraldo da; COSTA, Thamiris Leite Dorvillê. **As tias negras cariocas: narrativas das sambistas da velha guarda da portela**. GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades –GeoAmbES, jul./dez.vol. 2, n. 1, p. 118-132, 2019. ISSN 25959026. – 2019.

SILVA, Marília T. Barboza & Santos Lygia. **“Paulo da Portela - Traço de união entre duas culturas”**. Rio de Janeiro, Funarte, 1979.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas** / Luiz Antônio Simas. 6ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **Tantas páginas belas: Histórias da Portela** / Luiz Antônio Simas; Organizador: Aydano André Motta. 1. ed. - Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2012.

SOUZA JUNIOR, Roberto. ANDRADE, Marianna. TOLEDO, Luiz Henrique. **Pertencimento clubístico e pertencimento torcedor: Materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol**. Esporte e Sociedade - Ano 14, n 34, dezembro 2021. <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/52118/30787> - 2021.

SOUZA JUNIOR, Roberto. Torcidas **Organizadas entre futebol e carnaval: Uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel** / Roberto SOUZA JUNIOR -- 2022. 133f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos – 2022.

STEBBINS, R. A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, 1(1), p. 42-56, 2014. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/433> - 2014.

SUDOH, Marcello Izumi. **Portela e portelenses 1920 - 1939** - Vol. 1 / Marcelo Izumi Sudoh. - Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2023.

THORNTON, S.: **Club Cultures. Music, Media and Subcultural Capital** (1996). Wesleyan University Press. London. – 1996.

TOLEDO, L. H. de. (2023). O dom de jogar e o torcer sem dom: extensões de uma categoria no contexto do futebol. **Revista De Antropologia**, 66. <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.204066> – 2023.